

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**RELAÇÃO COPARENTAL E ESTABELECIMENTO DE
FRONTEIRAS RELACIONAIS APÓS A SEPARAÇÃO
CONJUGAL**

Sara Maria Azinhais Frade

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-
Comportamental e Integrativa)**

2014

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**RELAÇÃO COPARENTAL E ESTABELECIMENTO DE
FRONTEIRAS RELACIONAIS APÓS A SEPARAÇÃO
CONJUGAL**

Sara Maria Azinhais Frade

Dissertação, orientada pela Prof^ª. Doutora Maria Helena Santos Afonso

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-
Comportamental e Integrativa)**

2014

Agradecimentos

À Prof^a. Dr^a. Helena Afonso pela disponibilidade demonstrada e orientação ao longo de todo o desenvolvimento desta monografia, tendo assim, possibilitado a sua concretização. Todas as sugestões, correções, comentários e críticas construtivas foram essenciais.

À minha família, em especial aos meus pais, por todo o apoio, incentivo e força nos momentos mais difíceis. Sem vocês, não teria tido a possibilidade de realizar este trabalho que tanto me realiza.

Aos Amigos, pelo carinho, pela amizade, por acreditarem sempre em mim (por vezes mais do que eu) e pela força transmitida. Um agradecimento especial às minhas amigas de Faculdade que me acompanharam ao longo de todo este percurso académico, presenciando os seus altos e baixos e dando-me o apoio necessário para continuar.

Um obrigada especial ao António por toda a compreensão, ajuda e incentivo durante a elaboração deste trabalho. Obrigada pelos abraços preciosos.

À Dra. Pauline Boss e à Prof^a. Dra. Maria Teresa Ribeiro pelas suas autorizações, ajuda e esclarecimentos sobre os instrumentos utilizados no presente estudo. Ao Dr. Ricardo Simões, representante da Associação para a Igualdade Parental e Direitos dos Filhos, por toda a disponibilidade demonstrada no auxílio da partilha do estudo.

Por fim, um especial agradecimento a todas as pessoas que participaram e/ou divulgaram o meu estudo, tornando assim possível a realização deste trabalho.

Resumo

A separação conjugal, como um processo de transição no ciclo de vida dos indivíduos, implica uma reorganização do sistema familiar, que envolve mudanças nos papéis e relações entre os seus membros.

A qualidade da relação coparental é reconhecida como sendo determinante no funcionamento familiar após a separação conjugal e necessita que haja uma reorganização de novas fronteiras relacionais entre os pais.

O objetivo do presente estudo é descrever e analisar a natureza da relação coparental de pais separados/divorciados avaliando diferentes dimensões dessa relação, assim como, a forma como as fronteiras relacionais entre eles estão estabelecidas.

Os dados foram recolhidos através de questionários *online*, numa amostra de 55 sujeitos separados/divorciados. Os resultados revelam que uma relação coparental pautada por cooperação entre os progenitores é fundamental no funcionamento familiar posterior à separação conjugal. Verifica-se como determinante a distinção de questões conjugais das parentais no estabelecimento de fronteiras claras entre os ex-cônjuges, pois a ambiguidade de fronteiras pode comprometer o desenvolvimento da relação cooperativa entre os pais. A renegociação de fronteiras relacionais entre os progenitores separados/divorciados é uma tarefa crítica para uma separação/divórcio bem-sucedida. Apresentam-se algumas implicações para a prática clínica e sugestões para futuras investigações.

Palavras-Chave: Separação Conjugal; Fronteiras Relacionais; Coparentalidade.

Abstract

A marital separation, as a process of transition in the life cycle of individuals, implies a reorganization of the family system, which involves changes in the roles and relationships among its members.

The quality of coparental relationship is recognized as being instrumental in family functioning after marital separation, and needs negotiation of new relational boundaries between parents.

The aim of this study is to describe and analyze the nature of the coparental relationship of separated/divorced parents evaluating different dimensions of this relationship, as well as how the boundaries of the relationship between them are established.

Data were collected through online questionnaires, in a sample of 55 separated / divorced individuals. The results reveal that a coparental relationship marked by cooperation between parents is crucial in family functioning after the marital separation. The distinction of parental issues from marital ones appears as determinant in establishing clear boundaries between the former spouses, because the ambiguity of boundaries can compromise the development of the cooperative relationship between the parents. The renegotiation of relational boundaries between separated / divorced parents is a critical task to a successful separation / divorce.

There are presented some implications for clinical practice and suggestions for future research.

Keywords: Marital Separation; Relational Boundaries; Coparenting.

Índice Geral

	Página
Resumo	ii
<i>Abstract</i>	iii
1. Introdução	1
2. Revisão de Literatura	3
2. 1. Sistema familiar	3
2. 1.1. Fronteiras relacionais	4
2. 2. Sistema familiar após a separação conjugal	5
2. 2.1. Fronteiras relacionais após a separação conjugal	7
2. 3. Parentalidade e Coparentalidade	8
2. 3.1. Coparentalidade após a separação conjugal	11
3. Metodologia	14
3.1 Objetivos e natureza do estudo	14
3.2.Obtenção, seleção e caracterização da amostra	15
3.3. Instrumentos	16
3.3.1.Questionário Sociodemográfico	16
3.3.2.Questionário da Separação Conjugal	17
3.3.3. <i>Questionário da Coparentalidade (QC)</i>	18
3.3.4. <i>Boundary Ambiguity Scale for Divorced Adults (BASDA)</i>	20
3.4. Procedimentos de recolha de dados	20
4. Resultados	22
4.1. Relação coparental	23
4.2. Fronteiras relacionais estabelecidas entre progenitores	35
4.3. Análise da relação entre variáveis da relação coparental e variáveis do estabelecimento de fronteiras	38
5. Discussão e Conclusões	39
Referências Bibliográficas	49

Índice de Quadros

	Página
Quadro 1. <i>Qualidade da relação coparental por género: média e desvios padrão</i>	25
Quadro 2. <i>Descrição dos dados face à decisão de separação e contributo para a separação: percentagens</i>	36
Quadro 3. <i>Atitude face à separação conjugal: percentagens, média e desvio padrão</i>	37
Quadro 4. <i>Ambiguidade de fronteiras por género: média e desvios padrão</i>	37

Anexos

Anexo A – Questionário Sociodemográfico

Anexo B – Questionário da Separação Conjugal

Anexo C – *Questionário da Coparentalidade (QC)*

Anexo D – *Boundary Ambiguity Scale for Divorced Adults (BASDA)*

Anexo E – Consentimento Informado

Anexo F – Caracterização da Amostra

Anexo G – Descrição das variáveis da relação coparental

Anexo H - Correlações entre as variáveis da natureza da relação coparental

Anexo I – Correlações entre as variáveis das fronteiras relacionais

Anexo J - Correlações entre as variáveis da natureza da relação coparental e do estabelecimento de fronteiras

1. Introdução

Com o aumento da prevalência da separação conjugal e divórcio na sociedade ocidental, um considerável corpo de literatura científica tem investigado nas últimas décadas a variedade de transformações que ocorrem na vida dos indivíduos e consequente adaptação à nova estrutura e funcionamento familiares.

A separação conjugal, concetualizada como um processo de transição no ciclo de vida dos indivíduos e das famílias, implica uma reorganização do sistema familiar, que envolve mudanças nos papéis e relações entre os seus membros.

A relação estabelecida entre os pais é apresentada na literatura como determinante para o bem-estar de pais e filhos e reconhecida como uma componente chave no funcionamento familiar após a separação conjugal. Assim, o desenvolvimento de uma relação de natureza cooperativa entre pais separados/divorciados tem efeitos na estabilidade da relação entre pais e filhos, na continuidade do desempenho dos papéis parentais e no cumprimento dos acordos estabelecidos entre eles (Amato, 2000; 2001; Amato, Kane, & James, 2011; Avenevoli, Sessa & Steinberg, 1999; Margolin, Gordis & John, 2001).

A qualidade da relação entre os pais separados /divorciados envolve a negociação de novas fronteiras relacionais que permite que se delimite questões conjugais passadas de questões parentais presentes. A falha em estabelecer tais fronteiras tem implicações na redefinição de papéis e responsabilidades parentais, sendo uma fonte de conflito e dificultando interações cooperativas entre os pais (Afifi & Hamrick, 2006; Hetherington, 2006; Hetherington & Stanley-Hagan, 2002, Margolin, Gordis & John, 2001).

Tendo em conta os efeitos negativos do conflito interparental no funcionamento individual e familiar afigura-se relevante compreender fatores associados à qualidade da relação coparental. Deste modo, o propósito do presente estudo é compreender o papel que o estabelecimento de fronteiras relacionais desempenha na relação coparental após a separação conjugal, explorando em que medida os pais são capazes de separar questões conjugais das parentais, aceitando o fim da relação conjugal e assumindo a continuidade da parceria parental. O presente estudo de natureza exploratória e quantitativa, tem, como principais objetivos, descrever e analisar a natureza da relação coparental de pais separados/divorciados avaliando várias dimensões (frequência e duração de contactos, canais de comunicação usados, conteúdos abordados e qualidade), assim como descrever e analisar a forma como as fronteiras da relação entre os progenitores estão estabelecidas, avaliando o seu grau de ambiguidade, a perceção de controlo sobre a decisão de terminar a relação conjugal e o grau

de aceitação dessa decisão. Por fim, pretende ainda, analisar a relação entre variáveis da relação coparental e variáveis relativas ao estabelecimento das fronteiras relacionais.

Para avaliar algumas dimensões da relação coparental, assim como algumas variáveis do estabelecimento de fronteiras relacionais foi elaborado um Questionário de Separação Conjugal que incluía variáveis com relevância empírica apresentadas na literatura sobre a experiência de adaptação dos indivíduos à separação conjugal. Para complementar os dados recolhidos através deste questionário, a qualidade da relação coparental foi avaliada através do *Questionário da Coparentalidade* (QC; Pedro & Ribeiro, 2013; versão portuguesa do *Questionnaire of Coparenting*, Margolin, Gordis & John, 2001). A ambiguidade de fronteiras foi avaliada através da percepção de controlo sobre a separação conjugal e o grau de aceitação atual da separação conjugal pelo sujeito, incluídos no Questionário de Separação Conjugal, e também pela *Boundary Ambiguity Scale for Divorced Adults* (BASDA; Boss, Greenberg & Pearce-McHall, 1990, versão traduzida para este estudo).

Neste estudo foi utilizada uma amostra de conveniência de 55 sujeitos que preencheram cumulativamente as seguintes condições: a) ser maior de idade (ter, pelo menos, 18 anos), ter nacionalidade portuguesa e como língua materna o Português; b) ter sido casado(a) ou vivido em união de facto apenas uma vez e essa coabitação ter sido igual ou superior a 6 meses, tendo pelo menos um filho/uma filha com idade inferior a 18 anos fruto dessa relação de coabitação; c) estar separado(a) há menos 3 anos, não vivendo na mesma casa que o ex-parceiro/ex-parceira e não ter voltado a casar ou viver em união de facto após a separação conjugal (não existindo coabitação com novos parceiros); d) não ter, atualmente, acompanhamento psicológico, psicoterapêutico ou psiquiátrico.

Após a recolha de dados, realizada numa plataforma *online*, procedeu-se a análises descritivas e análises de correlações com recurso ao *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) 22.0 (SPSS Inc., Chicago, IL.)

2. Revisão de Literatura

2.1. Sistema familiar

A família, os elementos que a constituem e as interações entre eles, têm sido alvo de interesse e estudo de forma a compreender melhor o seu funcionamento, as suas dinâmicas internas e as influências externas de que são alvo ao longo do tempo.

Como sistema em evolução, a família sofre um processo de desenvolvimento estrutural, funcional e interacional que se refere às mudanças enquanto grupo e às mudanças nos seus membros individuais. Assim, a teoria dos sistemas aplicada à família permite perspetivá-la como um sistema organizado, regulado por normas e regras e compreender as dinâmicas do seu funcionamento e adaptação face a períodos de transição (Nichols, 1984).

O conceito de interdependência é central para a compreensão da forma como as relações familiares são construídas e mantidas. A natureza recíproca do comportamento dos seus membros implica que mudanças num ou mais membros ou relações provoquem alterações em todo o sistema familiar (Andolfi, 1981; Dias, 2011; Klein & White, 1996; Minuchin, 1974; Relvas, 1996, 2003). Dado que o desenvolvimento das relações familiares é dinâmico, a interdependência entre as unidades relacionais ou subsistemas familiares permite perceber as interações, as funções e papéis desempenhados, e os objetivos dos indivíduos neles envolvidos. A conjugalidade e a parentalidade são assim melhor compreendidas através da forma como os diferentes subsistemas, conjugal, parental e filial se interrelacionam, uma vez que cada elemento da família ocupa simultaneamente diversos papéis que implicam diferentes funções e tipos de interação (Alarcão, 2006; Klein & White, 1996; Minuchin, 1974).

Dado que o desenvolvimento das relações familiares é dinâmico, as transições que ocorrem no ciclo de vida familiar têm o potencial de produzir estados de desequilíbrio, real ou percebido, entre as exigências de novas tarefas e a capacidade de resposta às mesmas. A capacidade de adaptação funcional da família vai depender da forma como as situações confrontadas vão ser definidas pelos seus membros e como vão utilizar ou criar recursos. Face às mudanças inerentes aos períodos de transição familiar é necessário uma reorganização no funcionamento e nas relações familiares par que os indivíduos consigam lidar eficazmente com novas fases do ciclo de vida.

Situações de crise podem instalar-se caso a família seja incapaz de restaurar a estabilidade e de responder à pressão para a mudança na estrutura e nos seus padrões de interação (Boss, 2002; Hill, 1949, 1948; Relvas 2003; Williams & Williams, 2005).

2.1.2. Fronteiras relacionais no sistema familiar

O conceito de fronteiras tem sido conceptualizado em termos das regras definidoras de quem participa e de como participa no sistema familiar, assumindo as funções de proteção e diferenciação dos diversos membros do sistema. As fronteiras relacionais permitem construir um sentimento de identidade tanto individual como de grupo, que diferencia os membros da família entre si e de outros grupos. Assim, para além da existência de fronteiras pessoais, pode-se considerar que o indivíduo lida simultaneamente com fronteiras coletivas (e.g.. fronteiras diádicas, familiares e de grupo). As regras implicadas na definição de fronteiras são estabelecidas com base em normas e expectativas culturais, género, contexto social e físico e, momento e circunstâncias (Afifi & Hamrick, 2006; Minuchin (1974; Petronio, 2002).

Os vários subsistemas familiares são separados por fronteiras ou limites, que funcionam como regras que delimitam e regulam as trocas estabelecidas entre os membros da família, o que permite a manutenção de cada um deles). Estas fronteiras podem variar ao longo da vida, em função das situações vitais da família (Minuchin, Lee & Simon, 1998; Wendt & Crepaldi, 2007).

As regras podem variar desde muito rígidas a muito difusas. Se as regras são impostas de forma rígida, os limites são rígidos dificultando a comunicação e compreensão recíprocas. Se as regras são pouco claras, com papéis indefinidos, os limites são difusos, marcados por uma enorme permeabilidade que põe em perigo a diferenciação dos subsistemas. Quando as regras são claras e flexíveis existem limites funcionais que delimitam o espaço e as funções de cada membro ou subsistema, permitindo a troca de influências entre os mesmos. Assim, a interdependência entre os diferentes subsistemas familiares, a clarificação de fronteiras torna-se essencial para o adequado funcionamento do sistema familiar (Boss & Greenberg, 1984; Minuchin, 1974).

Face à variedade de mudanças próprias de períodos de transição, uma redefinição das relações entre os membros da família, através da clarificação e delimitação de fronteiras relacionais, é fundamental para a qualidade das suas interações.

As fronteiras de intimidade referem-se às regras relacionais de natureza emocional entre os membros da família enquanto as fronteiras de poder dizem respeito às regras relacionais relativas ao controlo patente no desempenho de papéis dos membros da família (Afifi & Hamrick, 2006).

A ambiguidade nas fronteiras dá azo a incertezas e confusão relativamente a quem e como se pode desempenhar os papéis e as tarefas intrínsecas ao sistema familiar, assim como a expressão afetiva, entre outros. Ainda que a curto prazo, a existência moderada de ambiguidade de fronteiras possa ser comum, famílias com prolongada e alta ambiguidade de fronteiras experienciam níveis elevados de *stress* e disfunção tanto familiar como individual (Carroll, Olson & Buckmiller, 2007).

2.2. Sistema familiar após a separação conjugal

O interesse da comunidade científica sobre os efeitos da separação conjugal, a curto e a longo prazo, na vida de adultos e crianças resultou numa intensiva pesquisa empírica. A separação conjugal é conceptualizada, atualmente, como um processo dinâmico e complexo que envolve várias mudanças estruturais e funcionais a nível individual e familiar que se iniciam antes da separação física, continuando vários anos depois da mesma. A natureza multidimensional da separação conjugal/divórcio envolve fatores psicológicos, sociais, demográficos, biológicos, económicos e jurídicos e implica a compreensão quer de dificuldades quer de recursos individuais e familiares (Amato, 1996, 2000, 2001).

Ainda que a separação conjugal possa ser uma experiência dolorosa e stressante, os seus efeitos negativos não são inevitáveis ou crónicos na maior parte dos casos. A maioria dos indivíduos adapta-se de forma resiliente à separação conjugal num período de dois a três anos após a separação conjugal, caso não existam adversidades adicionais (Amato, 2000; Hetherington, 2003, 2006). A variabilidade de respostas dos indivíduos a esta experiência pode ser assim explicada pela dinâmica entre fatores de risco e de proteção que incluem recursos individuais, interpessoais e estruturais e podem moderar a severidade dos efeitos negativos associados à separação conjugal. (Amato, 2000; 2001). A adaptação a esta experiência é influenciada pela qualidade das relações familiares anterior à mesma, pelas circunstâncias em que esta ocorreu e pelas transformações que dela resultaram (Ahrons & Rodgers, 1987; Hetherington, 1999, 2006).

Ao ser conceptualizada como um processo de transição no ciclo de vida dos membros da família, a separação conjugal tem sido enquadrada numa perspetiva desenvolvimentista

que refere diferentes fases que incluem dimensões intra e interpessoais. De forma geral, vários modelos apresentam o processo de adaptação à separação conjugal/divórcio envolvendo fases que implicam duas tarefas principais, a de terminar a relação conjugal e a de desenvolver um novo estilo de vida.

Clapp (2000) refere três fases do processo de divórcio: 1) a pré-separação; 2) transição-reestruturação e 3) recuperação-reconstrução. Na fase da pré-separação, período de decisão da separação, pode ocorrer períodos mais ou menos longos de indiferença, raiva, alienação, ou negociações entre o casal e procura de ajuda para a resolução dos problemas conjugais. A fase de transição e reestruturação inicia-se com a separação física do casal e dura no mínimo dois anos, no sentido da adaptação a uma nova forma de vida. Verificam-se mudanças do estilo de vida, o fim de planos estabelecidos, perda de contactos e amizades em comum, que propiciam um sentimento de falha, podendo, ao mesmo tempo, envolver-se em novas atividades e desenvolver novos interesses e relações. A última fase inicia-se, em média, passados dois anos após a separação e, é caracterizada por um período de crescimento pessoal e consolidação do processo de adaptação no sentido da aceitação do fim da relação conjugal e a formação de uma nova identidade.

Ahrons (1994) designa a primeira fase de cognição individual, que diz respeito ao processo psicológico interno de reconhecimento da insatisfação e crescente consciência que a relação conjugal é fonte de conflito, estando patente um processo de afastamento e falta de investimento emocional. Na segunda fase, metagonição familiar, é partilhado com a família o reconhecimento intrapessoal de insatisfação conjugal, pautando-se assim por processos interpessoais que levam a público o que está mal na relação conjugal. É caracterizado por um aumento do conflito e sentimentos de ambivalência devido aos laços emocionais existentes entre os cônjuges. A terceira fase, separação sistémica ou física, correspondendo à fase na qual explicitamente se verifica o processo de separação física do casal, sendo que o grau de crise vivido depende da forma como a família completou o trabalho das fases anteriores. É nesta fase que ocorre a formalização da separação, o estabelecimento de acordos sobre bens, cuidados dos filhos e as responsabilidades parentais, podendo existir conflito, ressentimento e quebra de confiança e de respeito mútuo. Na quarta fase, reorganização sistémica, ocorre o estabelecimento do sistema binuclear familiar - configuração familiar, em que os dois agregados nucleares, o materno e o paterno, formam um só sistema -, havendo novos padrões de relacionamento na ausência do laço conjugal. Por fim, emerge uma nova definição da família, a redefinição familiar, constituindo um processo continuado de consolidação e revisão de novos padrões de desenvolvimento de um novo sentido de identidade familiar.

Neste caso, a redefinição de *self* é feita em relação aos outros e a redefinição familiar é feita em relação a outras pessoas dentro e fora da família (Ahrns, 1994; Ahrns & Rodgers, 1987; Mullett & Stolberg, 1999, in Lamela, Nunes-Costa & Figueiredo, 2010).

Dado que todas as partes do sistema familiar são interdependentes, as mudanças na relação conjugal, não anulam as restantes relações, revelando potencial para afetar outras relações familiares, nomeadamente a relação entre pais e filhos, considerando o carácter independente dos subsistemas conjugal e parental (Emery, 1994; Klein & White, 1996; Minuchin, 1974; Minuchin & Fishman, 1981).

A separação conjugal origina uma nova configuração familiar, em que os dois agregados nucleares, o materno e o paterno, formam um só sistema (a família binuclear) independentemente da importância que cada um deles tenha para as crianças e para a vida familiar (Ahrns, 1994; Mullett & Stolberg, 1999, in Lamela, Nunes-Costa & Figueiredo, 2010).

2.2.1. Fronteiras relacionais após a separação conjugal

A separação conjugal implica um processo de adaptação de adultos e crianças acarretando múltiplas alterações na vida dos sujeitos, e requer por isso uma reorganização do sistema familiar. Papéis, fronteiras, regras e rotinas têm de ser redefinidos de forma a guiarem as relações entre os seus membros e promoverem uma adaptação bem-sucedida nos vários membros da família (Afifi & Hamrick, 2006; Ahrns, 2007; Amato, 2000; Emery, 1994; Emery & Dillon, 1994; Hetherington & Stanley-Hagan, 2002; Hetherington, 2003; Petronio, 2006; Tashiro, Frazier & Berman, 2006).

O sistema de vinculação na idade adulta pode ser activado perante três fontes de *distress*: ameaça real ou percebida ao *self*, ameaça real ou percebida à relação de proximidade com a figura de vinculação ou, finalmente, outras situações desafiadoras que impulsionam a pessoa procurar os cuidados da figura de vinculação (Mikulincer & Shaver, 2007). A separação conjugal congrega a ativação simultânea destas fontes de *distress*, o que poderá sugerir que o padrão psicológico durante o período após a dissolução conjugal se caracterize como um momento de ativação permanente do sistema de vinculação (Davis, Shaver, & Vernon, 2003). Se o laço emocional relativo ao ex-cônjuge permanecer, envolvendo sentimentos intensos face ao próprio, há uma maior dificuldade em estabelecer fronteiras relacionais claras entre estes (Madden-Derdich & Arditti, 1999; Madden-Derdich, Leonard & Christopher, 1999).

Pode haver dificuldade por parte dos membros do ex-casal de redefinirem as suas fronteiras relacionais com os ex-cônjuges, o que implica uma renegociação de regras/normas de regulação de privacidade (Afifi & Hamrick, 2006). Torna-se essencial fazer uma distinção entre a relação conjugal e a relação parental, separando questões passadas relativas à vida de casal de questões presentes relativas à vida relacional de pais e filhos (Afifi & Hamrick, 2006). A ambiguidade de fronteiras na relação estabelecida entre os progenitores é determinante para a qualidade da relação coparental.

A ambiguidade de fronteiras é conceptualizada por Boss, Greenberg & Pearce-McCall (1990) como a incapacidade do individuo de redefinir e reorganizar a estrutura familiar de um modo que claramente retire do ex-parceiro o papel de cônjuge, pressupondo, por um lado, a não aceitação da separação conjugal e, por outro, a atribuição da tomada de decisão da separação conjugal ao ex-cônjuge. Pode acontecer tanto quando a separação conjugal é ignorada ou negada devido à interpretação da realidade (quem está e não na família) ser diferente para os vários membros. Caso estas divergências não sejam esclarecidas, pode haver um bloqueio ao nível da reorganização da estrutura e à redefinição familiar (Afifi & Hamrick, 2006).

O conceito de ambiguidade de fronteiras de Boss (2002), é fundamental para o estudo da manutenção de fronteiras em famílias que experienciaram perda ou separação, definindo-se como um estado no qual os membros da família revelam incerteza face a quem pertence ou não à família bem como relativamente aos papéis desempenhados e às tarefas intrínsecas ao sistema familiar (Boss, Greenberg & Pearce-McCall 1990).

A unidade relacional pais-filhos requer uma interdependência contínua entre os ex-cônjuges, sendo importante que pais e filhos renegoceiem as fronteiras da sua relação ao nível da intimidade (afeto e apoio recebido pela criança dos progenitores), do poder/autoridade (disciplina, regras parentais relativas aos comportamentos apropriados e às consequências resultantes da sua violação), pois fronteiras incertas podem conduzir a disfunção ao nível dos processos e das interações familiares (Afifi & Hamrick, 2006; Carroll, Olson & Buckmiller, 2007).

2.3. Parentalidade e Coparentalidade

De entre as múltiplas e importantes funções desempenhadas pela família encontra-se a de parentalidade, que se refere ao conjunto de ações desempenhadas pelas figuras parentais junto dos filhos, com o intuito de promover o seu desenvolvimento da forma mais plena

possível, utilizando os recursos de que dispõe dentro da própria família e, fora dela, na comunidade (Cruz, 2005).

Cruz (2005), sistematizou cinco funções da parentalidade: 1) satisfação das necessidades mais básicas de sobrevivência e saúde; 2) disponibilizar à criança um mundo físico organizado e previsível, com espaços, objetos e tempos que possibilitem a existência de rotinas; 3) dar resposta às necessidades de compreensão cognitiva das realidades extrafamiliares; 4) satisfazer as necessidades de afeto, confiança e segurança, que se traduzem pela construção de relações de vinculação; 5) satisfazer as necessidades de interação social da criança e sua integração na comunidade.

A parentalidade pode ser percebida como uma dimensão global onde se incluem os estilos parentais e as práticas educativas (Cowan, Powell, & Cowan, 1998). Os estilos parentais de pais e mães são interdependentes e envolvem dimensões da cultura familiar, como a dinâmica da comunicação familiar, o apoio emocional e de controlo presentes nas interações pais-filhos (Block, Block, & Morrison, 1981; Lindsey & Mize, 2001).

Enquanto o subsistema parental define a relação que cada progenitor mantém individualmente com a criança, através dos estilos e práticas parentais, o subsistema coparental caracteriza a relação dinâmica interparental no cuidado da criança através das funções de proteção, educação e socialização dos filhos (Schoppe-Sullivan, Mangelsdorf, Frosh, & McHale, 2004; van Egeren & Hawkins, 2004).

Fruto do aumento da diversidade familiar, na década de 90, o construto de coparentalidade assume um estatuto universal e independente da configuração estrutural da família e das características individuais e diádicas dos parceiros coparentais (Belsky, Crnic & Woodworth., 1995; Feinberg, 2003; Lamela, Nunes-Costa & Figueiredo, 2010; McHale & Lindahl, 2011).

A coparentalidade incide sobre as interações interparentais em relação às funções e expectativas dos adultos no desempenho do seu papel de pais (McConnell & Kerig, 2002). Assim, é o produto da interação entre dois adultos na condução e satisfação das necessidades das crianças que fazem parte do sistema familiar. A coparentalidade é definida pelo envolvimento conjunto e recíproco de ambos os progenitores na educação, formação e decisões sobre a vida dos seus filhos (Feinberg, 2002, 2003; Van Egeren & Hawkins, 2004). Considerando a perspectiva de Maccoby, Depner & Mbookin (1990), a coparentalidade não se esgota na partilha da responsabilidade da educação dos filhos mas significa que os pais cooperam efetivamente no suporte às decisões do outro e absorvem-nas na sua própria

relação individual com os filhos (Lamela, Castro & Figueiredo, 2013; Maccoby, Depner & Mbookin, 1990).

A relação coparental não inclui aspetos legais, românticos, sexuais, emocionais ou financeiros dos relacionamentos adultos que não estão relacionados aos cuidados sobre a criança (Feinberg, 2002, 2003). Desta forma, a aliança coparental é uma dimensão potencialmente existente em casais casados, em união de facto, divorciados ou nunca casados, independentemente da orientação sexual dos membros coparentais e se a criança é filha biológica ou adotada (Van Egeren & Hawkins, 2004).

A coparentalidade deve, por inerência, ser pontuada através do amplo contexto ecológico em que se insere, tendo em consideração o período de desenvolvimento das crianças, o próprio sistema familiar, as condições económicas e sociais e a subcultura (Feinberg, 2003; Lamela, 2008), funcionando como um subsistema autónomo com mecanismos e características idiossincráticos e diferenciáveis dos processos relacionais dos subsistemas conjugal e parental (Feinberg, 2002, 2003).

A coparentalidade pode ser influenciada pelas características individuais de cada progenitor e da criança (atitudes, equilíbrio emocional), por fatores familiares (relação interparental), uma vez que o subsistema coparental é formado após a existência do subsistema conjugal e, pelo ambiente extrafamiliar (apoio social), podendo este afetar a capacidade de coordenação e de suporte mútuo (Feinberg, 2002, 2003).

O modelo da coparentalidade, de base empírica, de Margolin, Gordis & John (2001) é constituído por três fatores – cooperação, triangulação e conflito. O nível de cooperação diz respeito aos níveis de suporte, respeito e apreço que cada progenitor tem do outro, funcionando como o elemento-chave para uma aliança coparental eficaz. Adicionalmente, considera o grau que os progenitores imprimem no esforço comum na partilha da prestação de cuidados à criança e na disponibilidade emocional e instrumental entre os pais nos temas parentais. A triangulação é expressa pela díade coparental quando existe uma coligação intergeracional entre um dos progenitores e os filhos que mina e leva à rejeição do outro membro da díade coparental, ocorrendo mais frequentemente em díades mãe-filho, estando associada a elevados níveis de conflito interparental. O progenitor excluído tem dificuldade em colocar em prática os seus princípios educativos, uma vez que o outro parceiro coparental participa e incentiva o desrespeito da sua autoridade por parte dos filhos. Por fim, o nível de conflito entre os progenitores caracteriza-se pela quantidade, frequência e severidade dos desentendimentos sobre os filhos, bem como pela tonalidade negativa utilizada na discussão

das práticas educativas e pela inflexibilidade e desacordo sobre os princípios educativos utilizados na educação dos filhos.

Outros modelos de coparentalidade identificam dimensões semelhantes às do modelo de três fatores de Margolin, Gordis & John (2001). Baum (2004) identifica três formas de coparentalidade. A cooperativa que implica um envolvimento de ambos os progenitores, sendo pautada por baixo nível de conflito; a paralela que envolve tentativa de comprometimento do envolvimento de um dos progenitores por parte do outro; e, a conflituosa, que envolve a discussão frequente entre os progenitores relativamente a assuntos de natureza parental e não parental e, um menor envolvimento por parte de ambos.

2.3.1. Coparentalidade após a separação conjugal

Quando a separação conjugal envolve a existência de filhos já não se trata apenas do fim de uma relação a dois que fracassou, mas também o início da relação de coparentalidade entre progenitores divorciados que implica um contínuo envolvimento entre os progenitores relativamente aos assuntos relacionados com os filhos. Assim, as tarefas familiares organizam-se fundamentalmente em torno da parentalidade, em vez da conjugalidade, com a necessária organização de papéis parentais e ajustamentos dos objetivos e tarefas educativas às exigências de desenvolvimento, interesses e necessidades dos filhos. A interdependência continuada entre os membros da família implica uma nova forma de relacionamento, fundamental para organizar e negociar as responsabilidades e o papel de cada progenitor (Ahrons, 1994; Margolin, Gordis & John, 2001).

A qualidade da relação entre os ex-cônjuges é apontada como fator crucial na adaptação pós-separação de pais e filhos, moldando a qualidade da vida familiar após a separação dado que permite a continuidade dos papéis e responsabilidades parentais (Abidin & Brunner, 1995; Belsky, 1984; Hetherington & Stanley-Hagan, 2002; Thomson, Mosley, Hanson & McLanahan, 2001; Vaughn, 2000).

A renegociação de fronteiras relacionais entre os progenitores separados/divorciados é uma tarefa crítica para uma separação/divórcio bem-sucedido. As novas fronteiras clarificam expectativas de papel, prevenindo a contaminação dos papéis parentais pelos conflitos conjugais. Aspectos conjugais passados não resolvidos têm impacto emocional durante a transição da separação estando também na base da maioria dos conflitos interparentais acerca da guarda das crianças, sendo obstáculos ao desenvolvimento de relações cooperativas entre os pais. A falha em estabelecer fronteiras relacionais que claramente definam o ex-parceiro

como coprogenitor mas não como cônjuge é uma fonte importante de conflito coparental após a separação conjugal (Amato, Kane & James, 2011; Emery & Dillon, 1994; Minuchin, 1974).

Uma coparentalidade eficaz e saudável passa pela capacidade dos pais reenquadrarem a sua relação como casal para uma relação entre progenitores. Os progenitores devem construir e comunicar claramente as suas expectativas de papel e estabelecer fronteiras um com o outro e com os filhos, regulando, assim, as suas futuras interações. Dificuldades em aceitar o contributo e a responsabilidade pessoal nas dificuldades conjugais que levaram à separação conjugal interferem com a capacidade de atingir um divórcio psicológico, podendo impedir os pais de trabalharem de forma cooperativa. Até ambos os pais aceitarem os seus papéis na deterioração e dissolução da relação conjugal, esta continua a ser o foco das suas vidas, retardando o seu crescimento emocional e afetando a sua relação coparental (Amato, Kane & James, 2011; Carroll, Olson & Buckmiller, 2007; Emery & Dillon, 1994; Madden-Derdich, Leonard & Christopher, 1999).

Uma relação coparental eficaz é fundamental para o ajustamento psicológico dos filhos (Ahrons, 1993; Amato, Kane & James, 2011; Cohen & Weissman, 1984; Roberson, Nalbone, Hecker & Miller, 2010). Uma relação coparental eficaz envolve valorização do papel do outro progenitor, cooperação, respeito pela opinião do outro e frequente comunicação entre os progenitores relativa a assuntos dos filhos. A guarda compartilhada, os divórcios menos hostis, a satisfação com apoio financeiro e a existência de baixos níveis de conflitos entre os ex-cônjuges, são considerados bons preditores de uma relação coparental pautada por cooperação. Além desses aspetos, menor número de filhos e acordos sobre as visitas, amizade, idade dos filhos e sexo do progenitor também são apontados como favorecedores de uma boa relação coparental (Linker, Stolberg & Green, 1999; Margolin, Gordis & John., 2001; Masheter, 1997; Struss, Pfeiffer, Preuss & Felder, 2001).

O facto de um dos ex-cônjuges ter recasado, de se verificar fraca qualidade e compromisso da relação conjugal anterior e de haver divergências pré-divórcio sobre educação dos filhos influencia negativamente a relação de coparentalidade. A existência de fronteiras relacionais ambíguas compromete uma relação coparental eficaz (Baum, 2003; Hetherington, 1999, 2006; Madden-Derdich & Leonard, 2002; Madden-Derdich, Leonard & Christopher, 1999; Struss Pfeiffer, Preuss & Felder, 2001).

A forma como os pais apoiam ou debilitam os esforços de cada um no desempenho das suas funções parentais contribui de forma preponderante para a adaptação das crianças após a separação conjugal. Os pais que se apoiam mutuamente no exercício da parentalidade

proporcionam aos seus filhos um ambiente estável, consistente e previsível do que aqueles que funcionam de forma desarticulada e dissonante (Hetherington & Stanley-Hagan, 2002; McHale, Khazan, Erera, Rotman, DeCoursey & McConnell, 2002).

3. Metodologia

3.1. Objetivos e natureza do estudo

Com o propósito de compreender o papel que o estabelecimento de fronteiras relacionais desempenha na relação coparental após a separação conjugal, explorando em que medida os pais são capazes de separar questões conjugais das parentais, aceitando o fim da relação conjugal e assumindo a continuidade da parceria parental, foram delineados para o presente estudo de natureza quantitativa e exploratória, os seguintes objetivos:

- 1) Descrever a natureza da relação coparental de pais separados/divorciados avaliando várias dimensões (frequência e duração de contactos, canais de comunicação usados, conteúdos abordados e qualidade) e analisar a relação entre essas dimensões
- 2) Descrever a forma como as fronteiras da relação entre os pais estão estabelecidas, avaliando o seu grau de ambiguidade, a percepção de controlo sobre a decisão de terminar a relação conjugal e o grau de aceitação dessa decisão, e analisar a relação entre estas variáveis
- 3) Analisar a relação entre as variáveis da relação coparental e as variáveis relativas ao estabelecimento das fronteiras relacionais.

No presente trabalho foi adotada a definição de ambiguidade de fronteiras, proposta por Boss & Greenberg, (1984) que a refere como o estado no qual os membros da família revelam incerteza face a quem pertence ou não à família bem como relativamente aos papéis desempenhados e às tarefas intrínsecas ao sistema familiar. O grau de ambiguidade de fronteiras relacionais foi avaliado através da *Boundary Ambiguity Scale for Divorced Adults* (BASDA; Boss, Greenberg & Pearce-McHall, 1990, versão traduzida para este estudo).

Para avaliar a qualidade da relação coparental foi adotada a perspetiva de Margolin, Gordis & John (2001), que compreende três dimensões expressas pela díade coparental: cooperação (quanto os pais se apoiam, valorizam e respeitam um ao outro), triangulação (medida em que um dos progenitores cria uma aliança com os filhos, menosprezando e excluindo o outro progenitor) e conflito (frequência com que os pais discutem ou estão em desacordo acerca dos filhos e o quanto se menosprezam mutuamente enquanto progenitores). A qualidade da relação coparental foi avaliada através do *Questionário da Coparentalidade*

(QC; Pedro & Ribeiro, 2013; versão portuguesa do *Questionnaire of Coparenting*, Margolin, Gordis & John, 2001).

3.2. Obtenção, seleção e caracterização da amostra

A obtenção da amostra seguiu um processo de amostragem não probabilístico, designado de propagação geométrica ou *snowball* (Marôco, 2014). Tal, resultou numa amostragem de conveniência obtida através da divulgação do estudo e pedido de colaboração na rede social da autora, tendo ainda sido feita referência para que os participantes difundissem o estudo a sujeitos que preenchessem as condições requeridas nos critérios de participação. Foi ainda solicitada a colaboração da “Associação para a Igualdade Parental e Direitos dos Filhos” na partilha do estudo pelos seus membros. Esta associação desenvolve o seu trabalho no âmbito da proteção e fomento da igualdade parental, através de atividades de carácter cívico, cultural, formativo e informativo, no âmbito da proteção e fomento da igualdade parental relativamente aos direitos dos filhos (crianças e adolescentes) cujos pais se encontrem separados ou divorciados.

Os indivíduos deviam preencher cumulativamente as seguintes condições para participarem no estudo: a) ser maior de idade (ter, pelo menos, 18 anos), ter nacionalidade portuguesa e como língua materna o Português; b) ter sido casado(a) ou vivido em união de facto apenas uma vez e essa coabitação ter sido igual ou superior a 6 meses, tendo pelo menos um filho/uma filha com idade inferior a 18 anos, fruto dessa relação de coabitação; c) estar separado(a) há menos de 3 anos, não vivendo na mesma casa que o ex-parceiro/ex-parceira; e não ter voltado a casar ou viver em união de facto após a separação conjugal (não existindo coabitação com novos parceiros); d) não ter, atualmente, acompanhamento psicológico, psicoterapêutico ou psiquiátrico.

Na literatura sobre conjugalidade é apontado um período, mínimo de coabitação, de 6 meses para se considerar os indivíduos numa relação conjugal.

O casamento e a união de facto foram considerados equivalente uma vez que em ambas está patente uma ligação afetiva entre duas pessoas que, vivendo sobre o mesmo teto, desenvolvem um projeto comum de vida familiar (Alarcão, 2006).

Dado que a literatura refere um período entre dois a três anos como o necessário para a adaptação dos indivíduos e reorganização familiar após a separação conjugal, considerou-se como condição de participação a separação não ter ocorrido há mais de 3 anos (Amato, 2000; Carter & McGoldrick, 1989; Hetherington, 2003; Hetherington & Stanley-Hagan, 2002).

Pretendia-se que não tivesse ocorrido nenhum recasamento ou união de facto porque estes trariam novas dinâmicas ao funcionamento familiar o que implicaria o estabelecimento de relações mais complexas entre os diferentes elementos do sistema familiar.

Este estudo contou com a participação de 55 indivíduos ($N=55$), com idades compreendidas entre os vinte e quatro e os cinquenta anos ($M = 37,44$; $dp = 5,80$). Relativamente ao género, 54,5% ($n = 30$) dos sujeitos pertencem ao sexo masculino e 45,5% ($n = 25$) ao sexo feminino. Quanto ao nível de escolaridade, a maioria dos sujeitos (60%; $n = 33$) frequentou ou frequenta o ensino superior. Quanto ao estatuto relacional atual, a maioria dos indivíduos (30,9%; $n = 17$) encontra-se separado(a) e não envolvido numa relação amorosa. Considerando o número de filhos, 65,5% ($n = 36$) tem apenas um filho, variando a idade dos filhos entre um e os dezassete anos ($M = 7,58$; $dp = 4,82$). A duração da relação conjugal varia entre um e vinte e dois anos ($M = 9,18$; $dp = 5,73$). A duração da separação conjugal varia entre um e trinta e seis meses ($M = 17,03$; $dp = 12,02$). Quanto ao agregado familiar anterior à separação conjugal, verifica-se que todos os indivíduos (100%; $n = 55$) coabitavam com o(s) filhos(s) e com o/a companheiro/a. Posteriormente à separação conjugal, 54,5% dos sujeitos ($n = 30$) vivem apenas com o(s) filho(s), 27,3% ($n = 15$) vivem sozinho, 12,7% ($n = 7$) com outros familiares e, 5,5% ($n = 3$) vivem com os filhos e outros familiares. A análise descritiva das variáveis relativas à caracterização da amostra encontra-se em anexo (Anexo F).

3.3. Instrumentos

3.3.1. Questionário Sociodemográfico

Para a recolha de dados sociodemográficos da amostra foi elaborado um questionário (Anexo A), no qual era solicitado aos participantes que indicassem os seguintes dados: sexo, idade, nível de escolaridade, estatuto relacional atual, número e idade dos filhos. Foi ainda solicitado aos sujeitos que indicassem a constituição do agregado familiar atual e antes da separação conjugal, de forma a avaliar as alterações existentes no mesmo após a separação conjugal.

3.3.2. Questionário da Separação Conjugal

A recolha de dados relativamente a vários componentes da experiência de separação conjugal dos sujeitos foi realizada através de um questionário elaborado para esse efeito (Anexo B).

Os participantes começavam por indicar a duração da relação e separação conjugais. De forma a facilitar a avaliação descritiva dos diferentes componentes da separação conjugal as questões foram agrupadas em três seções temáticas: 1) tomada de decisão e aceitação da separação conjugal, 2) estabelecimento de acordos e 3) relação entre os pais.

Na primeira seção era solicitado aos participantes que se posicionassem face à decisão da separação conjugal e aos motivos que levaram à mesma, assim como a sua atitude face à separação conjugal. A decisão da separação conjugal foi operacionalizada através de cinco alternativas de resposta que avaliam a percepção de controlo sobre a mesma. As respostas indicam se o sujeito atribui a decisão ao/à ex-parceiro/a (1 - “Totalmente decisão do ex-parceiro/da ex-parceira” e 2- “Principalmente decisão do ex-parceiro/da ex-parceira) se considera que foi uma decisão mútua (3 - “Decisão mútua”) ou, se considera ter tido um papel significativo na decisão de separação conjugal (4 – “Principalmente decisão minha” e 5- “Totalmente decisão minha”). A percepção do contributo de cada membro do casal para os problemas conjugais que levaram ao término da relação conjugal foi avaliada também através de cinco alternativas de resposta: 1- “Devido totalmente ao ex-parceiro/à ex-parceira”, 2 – “Devido principalmente ao ex-parceiro/à ex-parceira, 3- “Devido a ambos”, 4 – Principalmente devido a mim e 5- “Devido totalmente a mim”. O grau de aceitação atual da separação conjugal foi avaliado através de uma escala de cinco pontos (1- “Totalmente contra” e 5 a “Totalmente a favor”).

Na segunda seção do questionário, o estabelecimento de acordos relativos às responsabilidades parentais foi avaliado através de três questões: a) Como foram estabelecidos os acordos (“Por mim e pelo outro progenitor”, “Mediação familiar”, “Tribunal”, ou outras formas indicadas pelo sujeito), b) o grau de dificuldade no estabelecimento desses acordo com o uso de uma escala de cinco pontos (de 1 - “Muito fácil” a 5 - “Muito difícil”) e c) o grau de satisfação com os acordos estabelecidos através de uma escala de cinco pontos, correspondendo o 1 a “Nada Satisfeito(a)” e o 5 a “Totalmente Satisfeito(a)”.

A terceira seção do questionário aborda o tema da relação entre os pais. A natureza da relação é avaliada em termos da frequência, duração e canais de comunicação usados,

conteúdos abordados, grau de satisfação e percepção da natureza da relação. A frequência de contacto, no caso de ele existir, foi avaliada utilizando-se uma escala de cinco pontos indo do 1 (“Menos de uma vez por mês”) a 5 (“Duas ou mais vezes por semana”). A duração dos contactos foi também avaliada através de uma escala de cinco pontos, de 1 (“Menos de 5 minutos”) a 5 (“Uma hora ou mais”). Os canais de comunicação foram identificados por uma questão sobre o modo de contacto (presencial, telefónico, online, carta) utilizado com maior frequência pelos progenitores.

A frequência com que os pais abordam onze tópicos relacionados com as responsabilidades parentais (e.g. “decisões relativas ao dia-a-dia dos filhos”, “vida escolar dos filhos”, “saúde dos filhos”) foi avaliada através de uma escala de cinco pontos (de 1 – “Nunca” a 5 – “Sempre”). A frequência com que os pais abordam onze conteúdos de cariz não parental (e.g. “familiares”, “amigos”, “saúde”) foi avaliada também através de uma escala de cinco pontos (de 1- “Nunca” a 5 – “Sempre”).

Foi ainda solicitada a caracterização do grau de satisfação na relação estabelecida com o outro progenitor, recorrendo a uma escala de 5 pontos, correspondendo o 1 a “Nada Satisfeito(a)” e o 5 a “Totalmente Satisfeito(a)”. Para avaliar a percepção sobre a relação atual com o outro progenitor, utilizando uma escala de cinco pontos, de 1 (“Muito má”) a 5 (“Muito boa”).

Na seção do questionário relativa à relação entre os progenitores solicitou-se também informação sobre a frequência de contacto, os canais de comunicação e o grau de satisfação da relação com os filhos do progenitor que não vive habitualmente com eles. As escalas usadas para os sujeitos fornecerem as suas respostas foram as mesmas utilizadas para avaliar a natureza da relação com o outro progenitor.

3.3.3. *Questionário da Coparentalidade (QC)*

A qualidade da relação entre os pais foi avaliada através do *Questionário da Coparentalidade* (QC; Pedro & Ribeiro, 2013; versão portuguesa do *Questionnaire of Coparenting*, Margolin, Gordis & John, 2001). Este instrumento pretende avaliar a percepção de um dos progenitores sobre o desempenho das funções e responsabilidades do outro progenitor na relação coparental, considerando três dimensões da mesma – cooperação, triangulação e conflito. A dimensão cooperação refere-se ao grau em que os pais se apoiam, valorizam e respeitam mutuamente. A dimensão triangulação diz respeito ao grau em que um dos progenitores cria um aliança com os filhos, menosprezando, excluindo ou pondo em

causa a autoridade parental do outro progenitor. A dimensão de conflito, refere-se à frequência com que os pais discutem ou estão em desacordo acerca dos filhos e o quanto se menosprezam mutuamente enquanto progenitores (Margolin, Gordis & John, 2001).

O instrumento apresenta duas versões, uma a ser respondida pelos progenitores do sexo feminino (“O pai...”) e outra a ser respondida pelos progenitores do sexo masculino (“A mãe...”). Os valores da coparentalidade correspondentes ao progenitor do sexo feminino são obtidos através das respostas ao questionário por parte do progenitor masculino e vice-versa.

O questionário é composto por 14 itens, que se agrupam nas três dimensões da coparentalidade – a cooperação (itens 1 – “...conta-me muitas coisas acerca dos nossos filhos” a 5 – “...participa na resolução dos problemas de comportamento dos nossos filhos”), a triangulação (itens 6 – “...diz coisas negativas acerca de mim aos nossos filhos” a 9 – “...envia-me mensagens pelos filhos em vez de falar diretamente comigo”) e o conflito (itens 10 – “...e eu temos regras diferentes no que diz respeito à alimentação, rotinas diárias, hora de deitar ou trabalhos escolares dos filhos” a 14 – “...enfraquece, pouco a pouco, a minha posição de mãe/pai”). As respostas aos diversos itens são dadas usando uma escala tipo *Likert* de cinco pontos, em que 1 corresponde a “Nunca” e o 5 a “Sempre”. O resultado final obtido reflete as percepções positivas *versus* negativas que os pais têm um do outro relativamente ao desempenho das funções parentais e suporte mútuo. (Margolin, Gordis & John, 2001).

Este instrumento apresenta bons índices de consistência interna, relativamente às três dimensões avaliadas, assumindo-se valores *alfa de Cronbach* (α) entre .69 e .87 no estudo original de validação do questionário (Margolin, Gordis & John, 2001). No estudo de Marques (2013), o questionário revelou níveis adequados de consistência interna, apresentando valores α para a versão masculina de .81 na dimensão cooperação, .76 para a triangulação e, .70 relativamente à dimensão conflito. Para a versão feminina, foram obtidos valores α de .85 na dimensão cooperação, .75 na dimensão triangulação e, de .74 considerando o conflito. No presente estudo, a análise da consistência interna revela, para a versão masculina, um alfa de Cronbach de .52 relativamente à dimensão de cooperação, de .78 para a dimensão Triangulação e de de .58 para a dimensão conflito. Para a versão feminina, indica um alfa de Cronbach de .38 relativamente à dimensão cooperação, de .95 para a dimensão triangulação e, por fim, de .49 para a dimensão conflito.

São aceitáveis valores de *alfa de Chronbach* superiores a .70. Ainda assim, valores mais baixos verificam-se geralmente em subescalas com menos de dez itens, como é o caso das subescalas do Questionário da Coparentalidade (Hill & Hill, 2002; Pestana & Gageiro, 2008).

3.3.4. Boundary Ambiguity Scale for Divorced Adults (BASDA)

O grau de ambiguidade de fronteiras relacionais foi avaliado através da *Boundary Ambiguity Scale for Divorced Adults* (BASDA; Boss, Greenberg & Pearce-McHall, 1990), traduzida para ser usada neste estudo. Este instrumento de autorrelato, considera a ambiguidade de fronteiras como o estado no qual os membros da família revelam incerteza psicológica face a quem pertence ou não à família bem como relativamente aos papéis desempenhados e às tarefas intrínsecas ao sistema familiar, considerando neste caso, a ocorrência de separação conjugal (Boss, 2002).

O resultado final obtido através da soma das respostas reflete o grau de ambiguidade percebido pelo respondente, sendo este maior quanto mais elevado for o resultado.

Neste instrumento de 22 itens podem encontrar-se itens como “Atualmente, sinto-me confortável ao referir-me a mim próprio como pessoa separada” (item 2), “Sinto-me culpado por ter novas relações amorosas (ou por desejar ter novas relações amorosas)” (item 10) e “Sinto-me incapaz de estabelecer relações amorosas com outra pessoa” (item 13). Os itens 2, 9, 11, 19, 20 e 22 são cotados de forma inversa (Concoran & Fisher, 2013).

De forma a uniformizar e facilitar o preenchimento do instrumento, a resposta é dada usando uma escala de tipo *Likert* com cinco pontos variando entre 1 (“Nunca”) e 5 (“Sempre”). Para o presente estudo foram utilizadas duas versões do questionário, uma com perguntas formuladas para os indivíduos do sexo masculino e uma outra com as perguntas formuladas para o sexo feminino. Adicionalmente, as instruções foram reformuladas de forma a torna-las explícitas e específicas para cada versão.

Na sua versão original, este instrumento revelou adequadas qualidades psicométricas, assumindo-se valores *alfa de Cronbach* de .75 (Boss, Greenberg & Pearce-McHall, 1990). No presente estudo, verificam-se valores de *alfa de Cronbach* de .73 (versão masculina) e de .72 (versão feminina) indicando adequadas qualidades psicométricas (Hill & Hill, 2002; Pestana & Gageiro, 2008)

3.4. Procedimentos de recolha de dados

Numa fase preliminar foi efetuado um pequeno estudo piloto com quatro indivíduos (dois do sexo feminino e dois do sexo masculino), que preenchiam as condições de participação neste estudo. Este estudo informal teve por objetivo rever os instrumentos de

forma a proceder a eventuais reformulações, permitir o cálculo do tempo médio de resposta a cada um deles e assegurar o pleno funcionamento da plataforma hospedeira.

Para a obtenção dos dados, foi criada uma plataforma *online* (Qualtrics Survey Software ®) apenas do conhecimento da investigadora, na qual se disponibilizaram os instrumentos. A participação no estudo ocorreu pelo acesso a um *link* (https://ulfp.eu.qualtrics.com/SE/?SID=SV_0D3P8PW6rss9JIx), tendo os dados sido recolhidos no período de Junho a Agosto de 2014.

Num primeiro momento da participação era apresentada a investigadora e o âmbito em que se inseria o estudo, bem como as condições de participação no mesmo e a duração no preenchimento dos instrumentos (aproximadamente 30 minutos). Após a garantia de anonimato e confidencialidade, foi apresentada uma declaração de consentimento informado (Anexo E). Foi ainda fornecido o contacto da investigadora, caso os participantes necessitassem de esclarecimentos adicionais ou um resumo, em linguagem não técnica, dos resultados do estudo.

De seguida, foram recolhidas informações de carácter sociodemográfico, incluindo, sexo, idade, nível de escolaridade, estatuto relacional atual, número e idade dos filhos, agregado familiar atual e antes da separação conjugal. O primeiro instrumento preenchido pelos participantes, após a recolha de dados sociodemográficos foi o Questionário da Separação Conjugal, por envolver respostas a questões mais abrangentes. Seguiu-se o *Questionário da Coparentalidade* (QC; Pedro & Ribeiro, 2013; versão portuguesa do *Questionnaire of Coparenting*, Margolin, Gordis & John, 2001) de forma a avaliar a qualidade da relação entre os pais. Por fim, de forma a não influenciar as respostas dos sujeitos aos questionários acima referidos, dado que apelavam para questões sobre o ex-parceiro/à ex-parceira e à relação estabelecida entre eles, foi apresentada a *Boundary Ambiguity Scale for Divorced Adults* (BASDA; Boss, Greenberg & Pearce-McHall, 1990, versão traduzida para este estudo) para avaliar o grau de ambiguidade de fronteiras.

Aquando a introdução dos questionários na plataforma estabeleceu-se a opção de resposta obrigatória a todas as questões, permitindo assim que os participantes apenas prosseguissem nos diferentes blocos do questionário se todas as questões estivessem devidamente respondidas.

De modo a assegurar a privacidade dos participantes não foi questionada qualquer informação irrelevante para os objetivos do estudo, nem registada informação que possibilitasse a identificação dos sujeitos. Além disso, de forma a garantir a confidencialidade dos participantes, a plataforma criada para este estudo é acedida através de um nome de

utilizador pessoal e intransmissível, estando também protegida por *password* conhecida apenas pela investigadora.

Para este estudo optou-se pela disponibilização dos instrumentos *online* por envolver uma série de vantagens: garantia de confidencialidade e o anonimato dos participantes, maior rapidez no acesso e resposta dos participantes, menor custo, possibilidade de divulgação a um maior número de indivíduos, constituição direta de uma base de dados e inibição da desejabilidade social. Adicionalmente, o recurso a uma plataforma *online* permite a eliminação de respostas omissas, o encaminhamento para diferentes blocos/questões perante determinada resposta e o registo e armazenamento eletrónico dos dados (Orosa, Pinto & Sales, 2008). Porém este método de recolha de dados comporta desvantagens, tais como a impossibilidade de controlar as condições e ambiente em que os participantes responderam e a participação de indivíduos que não preenchem as condições requeridas, uma vez que não é permitida supervisão da administração dos instrumentos (Ilieva, Baron & Healey, 2002; Orosa, Pinto & Sales, 2008).

4. Resultados

Posteriormente à recolha de dados, as respostas foram inseridas numa base de dados construída utilizando o *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) 22* (SPSS Inc, Chicago, IL) e efetuaram-se análises descritivas e de correlação.

A normalidade da distribuição foi verificada através do Teste de Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk, e análise dos coeficientes de assimetria (*Skewness*) e achatamento (*Kurtosis*) e da representação gráfica nos diagramas *QQ Plots*. Verificou-se que a distribuição da amostra não é normal considerando as dimensões Cooperação e Triangulação do *QC* para a amostra do sexo feminino e, para a *BASDA* relativamente à mostra do sexo feminino.

As correlações entre as variáveis da relação coparental e estabelecimento de fronteiras foram calculadas através do coeficiente de Pearson, Spearman, V de Cramer e Eta, atendendo à natureza das variáveis em estudo (Coutinho, 2011; Marôco, 2014; Tuckman, 2000). Foi considerada considerada uma associação moderada a partir de .40 (Cohen & Holliday, 1982).

De forma a facilitar a descrição dos resultados e análise dos resultados obtidos e, de acordo com os diferentes objetivos do estudo, os resultados serão apresentados separadamente em três seções.

Na primeira seção, referente à natureza da relação coparental, serão descritos e analisados os dados relativos à frequência e duração dos contactos e os canais de

comunicação usados pelos progenitores, os conteúdos de natureza parental e não parental abordados pelos progenitores e a sua frequência, a satisfação e qualidade da relação coparental, o estabelecimento de acordos relativos às responsabilidades parentais e a relação com os filhos (frequência de contactos e canais de comunicação usados; satisfação com a relação)

Na segunda seção, referente às fronteiras da relação entre os progenitores, serão descritos e analisados os dados relativos ao grau de ambiguidade de fronteiras e, percepção de controlo na separação conjugal e grau de aceitação da mesma.

Na terceira seção, será analisada a relação entre variáveis da relação coparental e variáveis do estabelecimento de fronteiras.

4.1. Relação coparental

A natureza da relação coparental de pais separados/divorciados através da frequência e duração de contatos, canais de comunicação usados, conteúdos parentais e não parentais abordados, satisfação e qualidade da relação. Os resultados descritivos das variáveis consideradas encontram-se em anexo (Anexo G)

Frequência e duração de contatos e canais de comunicação utilizados com o outro progenitor

Os resultados relativos à natureza da relação entre os progenitores, indicam que existe contato entre estes em 69,1% da amostra ($n = 38$).

O canal de comunicação mais utilizado com o outro progenitor é o telefónico, indicado por 38,1% dos sujeitos ($n = 21$), sendo o contato presencial referido como o mais usado por 14,5% ($n = 8$). O contato *online* é referido como o mais utilizado por 9,1% dos sujeitos ($n = 5$) e recurso a intermediário (advogado/a) como canal de comunicação é apontado por 7,3% dos sujeitos ($n = 4$).

A frequência de contato com o outro progenitor ($M = 3,76$; $dp = 1,36$), em média, é igual ou superior a duas vezes por semana para 27,3% dos sujeitos ($n = 15$), sendo que 20% dos sujeitos ($n = 11$) refere contactar uma vez por semana com o outro progenitor. Os restantes sujeitos distribuíram-se de forma equitativa pelas restantes opções - 7,3% ($n = 4$) refere contactar duas a três vezes por mês, uma vez por mês e menos de uma vez por mês.

Quanto à duração dos contatos com o outro progenitor ($M = 3,76$; $dp = 1,59$), 25,5% dos sujeitos ($n = 14$) refere que os contatos duram, em média, menos de cinco minutos,

16,4% ($n = 9$) revela que esses contatos têm uma duração média de uma hora ou mais e, 9,1% ($n = 5$) refere manter contatos com a duração média entre os 20 e os 30 minutos.

Conteúdos parentais e não parentais

Da análise descritiva efetuada, observa-se que os conteúdos parentais mais frequentemente abordados são: saúde dos filhos ($M = 3,24$; $dp = 1,28$), decisões relativas à vida dos filhos ($M = 3,16$; $dp = 1,37$) e dificuldades dos filhos ($M = 3,16$; $dp = 1,36$) e progressos e sucessos dos filhos ($M = 2,79$; $dp = 1,28$). Paradoxalmente, os temas menos discutidos são: adaptação dos filhos à separação conjugal ($M = 2,29$; $dp = 1,29$), atividades extracurriculares e/ou religiosas ($M = 2,54$; $dp = 1,46$) e relação estabelecida com os filhos ($M = 2,55$; $dp = 1,08$).

Da análise descritiva efetuada considerando os conteúdos não parentais, observa-se que os conteúdos mais frequentemente abordados são: atividade profissional ($M = 1,92$; $dp = ,97$), familiares ($M = 1,79$; $dp = ,78$) e saúde ($M = 1,66$; $dp = 0,67$). Os temas menos discutidos são: adaptação pessoal à separação conjugal ($M = 1,37$; $dp = ,59$), relações amorosas ($M = 1,34$; $dp = ,58$) e reconciliação ($M = 1,21$; $dp = ,53$).

Satisfação e qualidade da relação com o outro progenitor

No que diz respeito ao grau de satisfação na relação mantida com o outro progenitor ($M = 2,24$; $dp = 1,24$), 40% dos sujeitos ($n = 22$) indica estar insatisfeito com a relação (valores 1 e 2 da escala). Os restantes sujeitos (29,1%, $n = 16$) revelam satisfação relativamente à relação estabelecida com o outro progenitor.

. Quanto à natureza da relação estabelecida com o outro progenitor ($M = 2,26$; $dp = ,95$), 38,2% dos sujeitos ($n = 21$) classifica a relação como má (valores 1 e 2 da escala). Os restantes sujeitos (31%, $n = 17$) caracterizam positivamente a natureza da relação estabelecida com o outro. O Quadro 6 apresenta os resultados relativamente à natureza da relação estabelecida com o outro progenitor.

Considerando a qualidade da relação coparental, avaliada através do Questionário da Coparentalidade, o Quadro 1 descreve as respostas dos sujeitos relativamente às dimensões consideradas – cooperação (grau em que os pais se apoiam, valorizam e respeitam mutuamente), triangulação (grau em que um dos progenitores cria um aliança com os filhos,

excluindo ou pondo em causa a autoridade parental do outro progenitor) e conflito (discutem ou estão em desacordo acerca dos filhos).

Os resultados relativos às dimensões que constituem a qualidade da relação coparental revelam, em média, para os progenitores do sexo masculino, valores mais elevados de conflito ($M = 2,67$; $dp = 1,0$) e cooperação ($M=2,64$; $dp = ,72$) entre os progenitores, verificando-se valores menos elevados de triangulação ($M = 2,29$; $dp = ,99$). Considerando os progenitores do sexo feminino, observam-se valores idênticos de conflito ($M = 2,68$; $dp = ,70$) e cooperação ($M = 2,68$; $dp = ,72$), constatando-se valores menos elevados de triangulação ($M = 1,86$; $dp = 1,15$). Em média, os resultados, nas dimensões de conflito e cooperação são mais elevados considerando os progenitores do sexo feminino. Na dimensão triangulação, os progenitores do sexo feminino, apresentam, em média, valores menos elevados.

Quadro 1. *Qualidade da relação coparental por género: média e desvios padrão*

	Sexo Masculino			Sexo Feminino		
	Cooperação	Triangulação	Conflito	Cooperação	Triangulação	Conflito
M	2,64	2,29	2,67	2,68	1,86	2,68
dp	,72	,99	,81	,72	1,15	,70
Mínimo	1,80	1,00	1,00	1,40	1,00	1,00
Máximo	4,20	3,75	4,00	3,80	4,75	3,80
Percentis						
25	2,00	1,25	2,00	2,20	1,00	2,20
50	2,40	2,25	3,00	2,40	1,50	2,80
75	3,30	3,25	3,20	3,40	2,13	3,10

Relação com os filhos

Solicitou-se aos sujeitos que indicassem com quem os seus filhos viviam habitualmente, sendo que 52,7% ($n = 29$) dos sujeitos refere que os filhos não vivem habitualmente consigo. Especificamente, 40,0% ($n = 22$) menciona que os filhos residem habitualmente com a mãe/pai, 10,9% ($n = 6$) indica que os filhos vivem com ambos os progenitores em igual período de tempo e, 1,8% ($n = 1$) referem que os filhos residem com outras pessoas, nomeadamente, outros familiares.

Considerando os progenitores com quem os filhos não residem habitualmente, 27,3% dos sujeitos ($n = 15$) indica o contato presencial como o mais usado com os filhos, sendo que 10,9% ($n = 6$) refere o telefônico como o mais utilizado. O uso de intermediário (advogado/a) como canal de comunicação com os filhos é apontado por 1,8% dos sujeitos ($n = 1$). Por fim, 7,3% dos sujeitos ($n = 4$) refere não manter qualquer tipo de contato com os filhos, não tendo estes sido considerados na restante análise de dados relativos à relação estabelecida com os filhos.

Relativamente à frequência de contacto com os filhos ($M = 3,60$; $dp = 1,47$), 19,6% ($n = 10$) refere contactar duas ou mais vezes por semana com os filhos, 11,8% ($n = 6$) indica contactar entre duas a três vezes por mês e, 7,8% ($n = 4$) refere contactar com os filhos menos de uma vez por mês.

No que diz respeito ao grau de satisfação na relação mantida com os filhos ($M = 3,41$; $dp = 1,56$), 70,6% dos sujeitos ($n = 36$) indica estar satisfeito com a relação (valores 3, 4 e 5 da escala) e 29,4% ($n = 15$) revela insatisfação face à relação estabelecida com os filhos (valores 1, 2 e 3 da escala).

Estabelecimento de acordos sobre responsabilidades parentais

A análise dos dados sobre o estabelecimento de acordos relativos às responsabilidades parentais indicou que a maioria dos sujeitos (45,5%, $n = 25$) considera que os acordos parentais foram estabelecidos em conjunto, sendo que 43,6% ($n = 24$) dos sujeitos refere ter recorrido a tribunal para estabelecer os acordos e, apenas 1,8% ($n = 1$) indica terem sido estabelecidos através de mediação familiar. Os restantes sujeitos (9,1%; $n = 5$) indicaram “outras formas”, tendo destes, 3,6% ($n = 2$) referido o recurso a advogado/a e 5,5% ($n = 3$), indicado que os acordos relativos às responsabilidades parentais não foram ainda definidos, tendo estes sujeitos sido excluídos das restantes análises de dados relativos aos acordos parentais estabelecidos.

Examinando a dificuldade no estabelecimento dos acordos ($M = 3,46$; $dp = 1,53$), a maioria dos sujeitos (53,9%, $n = 28$) indicou dificuldade no estabelecimento dos mesmos (valores 4 e 5 da escala). Os restantes sujeitos (46,1% = 15) revelou que os acordos foram estabelecidos com facilidade (valores 1, 2 e 3 da escala).

Quanto ao grau de satisfação com os acordos estabelecidos ($M = 2,45$; $dp = 1,35$), 48,1 % ($n = 25$) indicou insatisfação face aos acordos estabelecidos (valores 1 e 2 da escala).

Os restantes sujeitos (51,9%, $n = 27$), revelam satisfação face aos acordos parentais estabelecidos (valores 3, 4 e 5 da escala)

Relação entre variáveis da relação coparental

Relativamente à relação entre as variáveis da relação coparental (Anexo F), considerando a existência de relação entre os progenitores, verifica-se que a frequência de contato entre estes se correlaciona moderada e positivamente com a frequência de discussão entre os progenitores dos conteúdos parentais “Atividades extracurriculares e/ou religiosas” ($\rho = .669$, $p < .01$), “Decisões relativas ao dia-a-dia dos filhos” ($\rho = .621$, $p < .01$) e “formas de educar os filhos” ($\rho = .572$, $p < .01$). Adicionalmente, observa-se a existência de correlação moderada e positiva entre a frequência de contato entre os progenitores e a satisfação relativamente à relação coparental estabelecida ($\rho = .541$, $p < .01$), bem como face à frequência de contato com os filhos ($\rho = .633$, $p < .05$). Por fim, a frequência de contatos entre os progenitores, correlaciona-se moderada e positivamente com a dimensão cooperação da qualidade da relação coparental ($\rho = .651$, $p < .01$) apenas nos progenitores do sexo feminino.

Assim, uma maior frequência de contacto entre os progenitores revela a discussão mais frequente entre os mesmos relativamente aos conteúdos parentais referidos, bem como a comunicação mais frequente com os filhos. Adicionalmente, verifica-se um maior grau de satisfação relativamente à relação estabelecida entre os progenitores. Concretamente, considerando os progenitores do sexo feminino, verifica-se que quanto maior a frequência de contacto entre os progenitores, mais elevado o nível de suporte, respeito e apreço para com o outro, ou seja, a existência de níveis mais elevados de cooperação.

Quanto à duração dos contatos entre os progenitores, verifica-se a existência de correlação moderada e positiva com a frequência de comunicação dos conteúdos parentais “Relação estabelecida com os filhos” ($\rho = .478$, $p < .01$), “Decisões relativas à vida dos filhos” ($\rho = .428$, $p < .01$), “Adaptação dos filhos à separação conjugal” ($\rho = .446$, $p < .05$) e “Progressos e sucessos dos filhos” ($\rho = .402$, $p < .05$). Verifica-se uma correlação positiva, mas baixa, relativamente à frequência de diálogo sobre “Decisões relativas ao dia-a-dia dos filhos” ($\rho = .378$, $p < .05$), “Finanças relacionadas com os filhos” ($\rho = .374$, $p < .05$) e “Formas de educar os filhos” ($\rho = .369$, $p < .05$), também temáticas de cariz parental. Face à frequência de diálogo entre os progenitores sobre conteúdos pessoais, verifica-se correlação moderada e positiva entre a duração dos contatos e a frequência com que é abordada a

temática da “Atividade profissional” ($p = .347$, $p < .05$). Considerando a qualidade da relação coparental, a duração dos contatos entre os progenitores correlaciona-se moderadamente e no sentido positivo com a dimensão conflito ($p = .643$, $p < .01$) e cooperação ($p = .597$, $p < .05$) para o sexo masculino.

Uma maior duração dos contatos entre os progenitores revela a discussão mais frequente sobre as temáticas anteriormente referidas, relativamente a conteúdos parentais e não parentais. Verifica-se, para os progenitores do sexo masculino, que a uma maior duração dos contactos com o outro progenitor revela a percepção de formação de aliança entre o outro progenitor e os filhos (triangulação), bem como a percepção de desacordos e discussões acerca dos filhos (conflito), considerando a qualidade da relação coparental.

O canal de comunicação utilizado entre os progenitores associa-se moderadamente e no sentido positivo à dimensão de conflito ($\mu = .545$, $p < .05$) e cooperação ($\mu = .533$, $p < 0,05$) relativas à qualidade da relação coparental, apenas nos progenitores do sexo masculino. Considerando os progenitores do sexo feminino, o canal de comunicação usado com o outro progenitor, associa-se moderada e positivamente à dimensão cooperação da qualidade da relação ($\mu = .600$, $p < .05$).

Considerando o canal de comunicação indicado como mais utilizado, verifica-se que no caso dos progenitores do sexo masculino, o recurso ao contacto telefónico com o outro progenitor se associa a, por um lado, um grau mais elevado de desacordos e discussões acerca dos filhos (conflito) e, por outro, a um nível mais elevado de respeito, suporte e apreço (cooperação).

Relativamente à satisfação face à relação coparental estabelecida, verifica-se a existência de correlação moderada no sentido negativo com a dificuldade no estabelecimento dos acordos das responsabilidades parentais ($r = -.499$, $p < .01$). Observa-se também correlação moderada, mas no sentido positivo, entre satisfação na relação coparental e a satisfação relativamente aos acordos parentais estabelecidos ($r = .533$, $p < .05$) e, relativamente à satisfação na relação estabelecida com os filhos ($r = .409$, $p < .05$). Verifica-se ainda correlação positiva e alta considerando a natureza da relação coparental estabelecida ($r = .703$, $p < 0,05$) e a frequência com que os conteúdos parentais “Progressos e Sucessos dos filhos” ($r = .801$, $p < .01$), “Adaptação dos filhos à separação conjugal” ($r = .766$, $p < .01$), “Saúde dos filhos” ($r = .729$, $p < .01$), “Formas de educar os filhos” ($r = .751$, $p < .05$) e “Dificuldades dos filhos” ($r = .720$, $p < .05$) são discutidos pelos progenitores. Constatam-se ainda correlação positiva mas moderada relativamente à frequência de discussão entre os progenitores sobre “Decisões relativas ao dia-a-dia dos filhos” ($r = .697$, $p < .01$),

“Atividades extracurriculares e/ou religiosas” ($r = .669, p < .05$), “Relação estabelecida com os filhos” ($r = .655, p < .05$), “Decisões relativas à vida dos filhos” ($r = .600, p < .01$) e “Finanças relacionadas com os filhos” ($r = .580, p < .01$). Face à frequência com que são abordados conteúdos de natureza pessoal entre os progenitores, verifica-se correlação moderada e positiva relativamente à frequência com que é discutida a “Atividade profissional” ($r = .623, p < .01$) e “Atividades de tempos livres” ($r = .494, p < .01$), bem como correlação positiva mas baixa relativamente à frequência de discussão sobre “Amigos” ($r = .374, p < .05$), “Famíliares” ($r = .362, p < .05$) e “Progressos e Sucessos Pessoais” ($r = .351, p < .05$).

Assim, quanto mais elevado é o grau de satisfação com a relação estabelecida entre os progenitores, maior a facilidade em estabelecer os acordos sobre as responsabilidades parentais, maior a satisfação face aos acordos estabelecidos e face à relação estabelecida com os filhos. Adicionalmente, a natureza da relação atual é indicada como “boa”, observando-se uma maior frequência de discussão dos conteúdos de cariz parental e não parental referidos.

Examinando a natureza da relação coparental, verificam-se correlações moderadas no sentido positivo relativamente à frequência com que os pais discutem sobre “Adaptação dos filhos à separação” ($r = 0,597, p < 0,01$) e “Progressos e sucessos dos filhos” ($r = 0,582, p < 0,01$), conteúdos de natureza parental. Observa-se ainda, correlações moderadas e positivas face à frequência de diálogo sobre conteúdos de cariz pessoal, nomeadamente, “Famíliares” ($r = 0,530, p < 0,01$), “Atividade profissional” ($r = 0,493, p < 0,01$) e “Atividades de tempos livres” ($r = 0,364, p < 0,01$), verificando-se para esta última, uma correlação fraca ainda que positiva. A natureza da relação atual associa-se assim a uma maior frequência de diálogo relativamente aos conteúdos parentais e não parentais enunciados.

Relativamente à qualidade da relação coparental, avaliada através do Questionário da Coparentalidade, os progenitores do sexo masculino, apresentam correlações positivas e elevadas entre a dimensão cooperação e satisfação face à relação estabelecida com os filhos ($r = .877, p < .05$), bem como com a natureza da relação coparental ($r = .814, p < .01$). Considerando a frequência de discussão sobre conteúdos parentais, verifica-se a existência de correlação alta e positiva entre a dimensão cooperação e “Adaptação dos filhos à separação conjugal” ($r = .902, p < .01$), “Progressos e sucessos dos filhos” ($r = .884, p < .01$), “Relação estabelecida com os filhos” ($r = .878, p < .01$), “Finanças relacionadas com os filhos” ($r = .791, p < .01$), “Atividades extracurriculares e/ou religiosas” ($r = .755, p < .01$), “Saúde” ($r = .755, p < .01$), “Decisões relativas à vida dos filhos” ($r = .745, p < .01$) e “Dificuldades dos filhos” ($r = .700, p < .01$). Verificando-se também correlações positivas mas moderadas

relativamente à frequência de diálogo sobre “Formas de educar os filhos” ($r = .680, p < .01$), “Vida escolar dos filhos” ($r = .679, p < .01$) e “Decisões relativas ao dia-a-dia dos filhos” ($r = .598, p < .05$). Considerando a frequência de diálogo sobre conteúdo de cariz pessoal, constata-se uma correlação positiva e moderada entre a dimensão cooperação e a frequência de comunicação sobre “Atividades de tempos livres” ($r = .658, p < .01$), “Famíliares” ($r = .623, p < .01$) e “Saúde” ($r = .516, p < .05$). Por fim, verifica-se uma correlação negativa e moderada entre a dimensão cooperação e a dificuldade no estabelecimento de acordos sobre as responsabilidades parentais ($r = -.600, p < .05$) e uma correlação positiva mas alta entre a dimensão cooperação e conflito relativas à qualidade da relação coparental ($r = .692, p < .01$). Considerando os progenitores do sexo masculino, relativamente à dimensão triangulação, verifica-se a existência de correlação moderada e positiva relativamente à dificuldade no estabelecimento de acordos parentais ($r = .494, p < .05$). Face à dimensão conflito, para os progenitores masculinos, observa-se a existência de correlação moderada e positiva com a natureza da relação coparental ($r = .546, p < .05$). Quanto à frequência dos conteúdos parentais abordados entre os progenitores, observam-se correlações positivas e altas entre a dimensão conflito e a frequência de discussão sobre “Decisões da vida dos filhos” ($r = .742, p < .05$) e “Relação estabelecida com os filhos” ($r = .742, p < .01$). Adicionalmente, verifica-se correlações positivas mas moderadas relativamente à frequência de diálogo sobre “Progressos e sucesso dos filhos” ($r = .670, p < .01$), “Adaptação dos filhos à separação conjugal” ($r = .629, p < .01$), “Finanças relacionadas com os filhos” ($r = .562, p < .05$), “vida escolar” ($r = .542, p < .05$), “Formas de educar” ($r = .513, p < .05$), “Dificuldades dos filhos” ($r = .494, p < .05$) e “Saúde dos filhos” ($r = .487, p < .05$). Face à frequência de diálogo sobre conteúdos não parentais, verifica-se a existência de correlações positivas e moderadas considerando a dimensão conflito e a frequência de comunicação sobre “Atividades de tempos livres” ($r = .570, p < .05$), “Dificuldades pessoais” ($r = .541, p < .05$), “Progressos e sucessos pessoais” ($r = .505, p < .05$), “Atividade profissional” ($r = .494, p < .05$), “Famíliares” ($r = .485, p < .05$) e “Amigos” ($r = .483, p < .05$).

Considerando os dados dos progenitores do sexo feminino relativamente à qualidade da relação coparental, verificam-se correlações moderadas e positivas entre a dimensão cooperação e a satisfação relativamente à relação estabelecida com o outro progenitor ($r = .655, p < .01$) e com a natureza da relação coparental ($r = .469, p < .05$). Adicionalmente, face à frequência de discussão sobre conteúdos parentais, observam-se correlações altas e positivas relativamente entre a dimensão cooperação e a frequência de comunicação sobre “Atividades extracurriculares e/ou religiosas” ($r = .722, p < .01$), “Adaptação dos filhos à

separação conjugal” ($r = .706, p < .01$), “Formas de educar os filhos” ($r = .699, p < .01$) e “Decisões relativas ao dia-a-dia dos filhos” ($r = .692, p < .01$). Para além disso, verificam-se correlações positivas mas moderadas entre a dimensão de cooperação e frequência de discussão entre os progenitores sobre “Dificuldades dos filhos” ($r = .656, p < .01$), “Decisões da vida dos filhos” ($r = .640, p < .01$), “Saúde” ($r = .620, p < .01$) e “Finanças relacionadas com os filhos” ($r = .509, p < .05$). Considerando a frequência de diálogo entre os progenitores sobre conteúdos pessoais, constata-se correlações moderadas no sentido positivo entre a dimensão cooperação e frequência de comunicação entre os progenitores sobre “Atividade profissional” ($r = .658, p < .01$), “Progressos e sucessos pessoais” ($r = .528, p < .05$), “Amigos” ($r = .469, p < .05$) e “Dificuldades pessoais” ($r = .460, p < .05$). Os dados dos progenitores do sexo feminino relativamente à dimensão triangulação da qualidade da relação coparental, apresentam correlações moderadas e positivas face à dimensão conflito ($r = .525, p < .05$) e à frequência com os que os progenitores discutem sobre “Relações amorosas”, conteúdo de cariz pessoal ($r = .471, p < .05$). Adicionalmente, a dimensão triangulação correlaciona-se moderada e negativamente com a natureza da relação coparental ($r = -.688, p < .01$). Face à dimensão conflito, os dados dos progenitores do sexo feminino evidenciam correlação moderada e positiva relativamente à frequência com que os progenitores discutem sobre os conteúdos parentais “Formas de educar os filhos” ($r = .461, p < .05$) e “Decisões relativas ao dia-a-dia dos filhos” ($r = .434, p < .05$), bem como face à frequência de diálogo entre os progenitores sobre “Relações amorosas” ($r = .559, p < .01$) e “Amigos” ($r = .498, p < .05$) considerando conteúdos pessoais.

Sumariamente, considerando os progenitores do sexo masculino, quanto maior o grau de cooperação na relação coparental, mais satisfatória se revela a relação estabelecida com os filhos, sendo a relação coparental atual tida como boa. Adicionalmente, quanto mais elevado o grau de cooperação, mais frequente a discussão sobre os conteúdos parentais e pessoais anteriormente referidos, verificando-se uma maior facilidade no estabelecimento de acordos. Por fim, nos progenitores do sexo masculino, um grau mais elevado de cooperação associa-se a um maior grau de conflito na relação coparental. Quanto mais elevado o grau de triangulação na relação coparental, maior a dificuldade no estabelecimento dos acordos parentais para o sexo masculino. Adicionalmente, para os progenitores do sexo masculino, quanto maior o nível de conflito na relação coparental, melhor a natureza da relação coparental atual.

No caso do sexo feminino, um grau elevado de cooperação revela uma maior frequência face à discussão entre progenitores dos conteúdos parentais e não parentais

referidos, bem como um grau de satisfação mais elevado na relação estabelecida com o outro. Quanto mais elevado o grau de triangulação na relação coparental, mais elevado o grau de conflito, maior a frequência de contacto sobre “relações amorosas” (conteúdo pessoal) e pior a natureza da relação atual. Por fim, um grau mais elevado de conflito relaciona-se com uma maior frequência ao nível da discussão dos conteúdos parentais e não parentais indicados anteriormente.

Pressupondo a existência de contacto com os filhos por parte do progenitor que habitualmente não reside com eles, verifica-se uma correlação moderada e negativa entre a frequência de contato com os filhos e dificuldade dos acordos estabelecidos face às responsabilidades parentais ($\rho = -.483, p < .01$). Verifica-se também uma correlação moderada e positiva entre a frequência de contato com os filhos e a frequência de contato entre progenitores ($\rho = .633, p < .05$) e a satisfação com os acordos sobre as responsabilidades parentais estabelecidos ($\rho = .563, p < .05$), bem como uma correlação positiva mas alta com a satisfação na relação estabelecida entre com os filhos ($\rho = .812, p < .01$). Considerando os conteúdos parentais frequentemente abordados pelos progenitores, constata-se uma correlação moderada e no sentido positivo entre a frequência de contato com os filhos e a frequência de discussão entre os progenitores sobre conteúdos parentais como “Atividades extracurriculares e/ou religiosas dos filhos” ($\rho = .666, p < .01$), “Decisões relativas ao dia-a-dia dos filhos” ($\rho = .620, p < .05$), “Decisões relativas à vida dos filhos” ($\rho = .612, p < .05$), “Vida escolar dos filhos” ($\rho = .601, p < .05$) e “Saúde dos filhos” ($\rho = .539, p < .05$).

Considerando o canal de comunicação mais utilizado com os filhos, por parte dos progenitores que habitualmente não residem com eles, verifica-se uma associação moderada e positiva entre o canal utilizado e a frequência de contacto com os filhos ($v = .0455, p < .05$) e com o outro progenitor ($v = .514, p < .05$). O contacto presencial com os filhos associa-se a uma maior frequência de contacto com estes e com o outro progenitor.

Quanto maior a frequência de contacto com os filhos, é indicada mais facilidade no estabelecimentos dos acordos relativos às responsabilidades parentais, observando-se uma maior satisfação com os acordos estabelecidos. Adicionalmente, uma maior frequência de contacto com os filhos associa-se a uma maior frequência de contacto com o outro progenitor, um grau mais elevado de satisfação face à relação estabelecida com os filhos e à discussão, mais frequente, dos conteúdos parentais referidos anteriormente entre os progenitores.

Considerando a satisfação na relação estabelecida entre progenitores e filhos, verifica-se uma correlação moderada e negativa entre esta e a dificuldade no estabelecimento dos acordos relativos às responsabilidades parentais ($r = -.414, p < .01$). Adicionalmente, constata-se correlações moderadas e positivas entre a satisfação na relação com os filhos e a satisfação face aos acordos parentais estabelecidos ($r = .527, p < .01$), a natureza da relação coparental ($r = .520, p < .01$) e a satisfação face à relação coparental ($r = .409, p < .05$). Considerando a frequência com que os progenitores abordam conteúdos parentais, verificam-se correlações moderadas e positivas entre a satisfação na relação estabelecida com os filhos e a frequência com que os progenitores discutem sobre “Decisões relativas ao dia-a-dia dos filhos” ($r = .491, p < .01$), “Atividades extracurriculares e/ou religiosas” ($r = .471, p < .01$), “Decisões relativas à vida dos filhos” ($r = .458, p < .01$) e “Saúde” ($r = .441, p < .01$). Adicionalmente, observam-se correlações positivas mas baixas considerando a satisfação na relação estabelecida com os filhos e a frequência com que os pais conversam sobre “Formas de educar os filhos” ($r = .373, p < .05$), “Vida escolar” ($r = .362, p < .05$), “Progressos e Sucessos dos filhos” ($r = .330, p < .05$), “Adaptação dos filhos à separação conjugal” ($r = .326, p < .05$) e “Dificuldades dos filhos” ($r = .324, p < .05$).

Verifica-se que quanto mais elevada a satisfação na relação estabelecida com os filhos, os acordos relativos às responsabilidades parentais são indicados como tendo sido estabelecidos mais facilmente, havendo uma satisfação mais elevada face aos acordos estabelecidos. Adicionalmente, a satisfação na relação estabelecida com os filhos associa-se a um grau mais elevado na satisfação coparental estabelecida, e a uma boa relação coparental. Por fim, quanto mais elevado o grau de satisfação na relação com os filhos, maior a frequência com que os conteúdos parentais anteriormente enunciados são comunicados entre os progenitores.

Relativamente aos acordos face às responsabilidades parentais, considerando os progenitores do sexo masculino a forma como os acordos são estabelecidos, associa-se moderada e positivamente com a dimensão cooperação ($\mu = .645; p < .05$), conflito ($\mu = .486; p < .05$) e triangulação ($\mu = .432; p < .05$). Face aos progenitores do sexo feminino, verifica-se uma associação moderada e positiva com a dimensão triangulação ($\mu = .578; p < .05$) e conflito ($\mu = .430; p < .05$) da qualidade da relação coparental. Por fim, o estabelecimento de acordos associa-se à frequência de contacto com os filhos ($v = .395; p < .05$).

Considerando os progenitores do sexo masculino, quando os acordos são estabelecidos por mútuo acordo, verificam-se níveis mais elevados de apoio, valorização e respeito mútuo (cooperação) e, de uma maior frequência de discussão e desacordo entre os

progenitores (conflito). Por outro lado, quando os acordos foram estabelecidos com recurso a tribunal, verifica-se um grau mais elevado de triangulação considerando o outro progenitor. Para os progenitores do sexo feminino, quando os acordos são estabelecidos por mútuo acordo verifica-se um grau mais elevado de triangulação (em que o outro progenitor cria uma aliança com o filho) e de discussão e desacordo face aos assuntos relativos aos filhos. Adicionalmente, acordos estabelecidos por mútuo acordo associam-se a um contacto mais frequente com os filhos.

Considerando a dificuldade no estabelecimento dos acordos relativos às responsabilidades parentais, verificam-se correlações altas e negativas entre a dificuldade no estabelecimento dos acordos e a satisfação com os acordos estabelecidos ($r = -.697, p < .01$) e na qualidade da relação coparental, concretamente face à dimensão cooperação nos progenitores do sexo masculino ($r = -.600, p < .05$). Verifica-se ainda, uma correlação moderada e positiva entre a dificuldade no estabelecimento dos acordos parentais e a dimensão triangulação da qualidade da relação coparental para os progenitores do sexo masculino ($r = .494, p < .05$). Observam-se ainda correlações moderadas e negativas entre a dificuldade no estabelecimento de acordos parentais e a satisfação na relação coparental ($r = -.449, p < .01$), a natureza da relação coparental ($r = -.437, p < .01$) e na satisfação na relação estabelecida com os ($r = -.414, p < .01$). Relativamente à frequência com que os conteúdos parentais são abordados pelos progenitores, verifica-se uma correlação fraca e negativa entre a dificuldade no estabelecimento dos acordos parentais e a frequência com que os progenitores conversam sobre “Dificuldades dos filhos” ($r = -.399, p < .05$), “Vida escolar dos filhos” ($r = -.342, p < .05$) e “Atividades extracurriculares e/ou religiosas” ($r = -.337, p < .05$), “Saúde” ($r = -.336, p < .05$) e “Decisões relativas ao dia-a-dia dos filhos” ($r = -.335, p < .05$). Quanto à frequência com que os conteúdos não parentais são abordados pelos progenitores, verifica-se uma correlação fraca e negativa entre a dificuldade no estabelecimento dos acordos parentais e a frequência com que os progenitores comunicam sobre “Saúde” ($r = -.340, p < .05$), “Atividades de tempos livres” ($r = -.333, p < .05$) e “Atividade profissional” ($r = -.328, p < .05$).

Face ao estabelecimentos dos acordos relativos às responsabilidades parentais, quanto maior a facilidade no estabelecimento dos mesmos, maior a satisfação face aos acordos estabelecidos, verificando-se também, uma melhor relação parental, um grau de satisfação mais elevado na relação estabelecida com o outro progenitor e com os filhos. Observa-se ainda, uma maior frequência de diálogo entre os progenitores sobre os conteúdos parentais e não parentais referidos, sendo que, no caso dos progenitores do sexo masculino, verifica-se

um grau mais elevado de cooperação e, um grau menos elevado de triangulação relativamente à facilidade do estabelecimento dos acordos parentais.

Face à satisfação com os acordos parentais estabelecidos, para além da correlação alta e negativa com a dificuldade nos acordos estabelecidos ($r = -.697, p < .01$), verificam-se correlações moderadas e positivas entre a satisfação com os acordos estabelecidos e satisfação com a relação coparental estabelecida ($r = .533, p < .01$), satisfação estabelecida com os filhos ($r = .527, p < .01$) e com a natureza da relação coparental ($r = .408, p < .05$). Adicionalmente, observam-se correlações moderadas no sentido positivo entre a satisfação com os acordos parentais estabelecidos e a frequência com que os progenitores comunicam sobre os conteúdos parentais “Decisões do dia-a-dia dos filhos” ($r = .514, p < .01$), “Dificuldades dos filhos” ($r = .462, p < .01$), “Saúde” ($r = .454, p < .01$) e “Vida escolar dos filhos” ($r = .414, p < .05$), bem como correlações positivas mas fracas face à frequência com que os pais discutem sobre “Decisões relativas à vida dos filhos” ($r = .390, p < .05$) e “Finanças relacionadas com os filhos” ($r = .327, p < .05$). Por fim, considerando a frequência com que os progenitores abordam conteúdos de cariz pessoal, verifica-se a existência de correlação moderada entre a satisfação com os acordos parentais e a frequência com que os progenitores conversam sobre a “Atividade profissional” ($r = .460, p < .01$) e de correlação fraca e positiva face à frequência com que os progenitores conversam sobre “Amigos” ($r = .392, p < .05$), “Atividades de tempos livres” ($r = .368, p < .05$) e “Saúde” ($r = .324, p < .05$).

Por fim, considerando a satisfação face aos acordos estabelecidos, quanto mais elevada esta se revelar, mais elevada é a satisfação com a relação coparental estabelecida e com a relação estabelecida com os filhos. Adicionalmente, uma maior satisfação face aos acordos parentais associa-se a uma boa relação coparental atual e a uma maior frequência de comunicação entre os progenitores dos conteúdos parentais supraenunciados.

4.2. Fronteiras relacionais estabelecidas entre os progenitores

A forma como as fronteiras da relação entre os pais estão estabelecidas foi avaliada através do grau de ambiguidade de fronteiras, perceção de controlo na decisão de separação conjugal e atitude face à separação conjugal.

Percepção de controlo na decisão de separação conjugal

O Quadro 2 apresenta os dados descritivos das respostas dos sujeitos quanto à decisão da separação conjugal e contributo para os problemas conjugais que levaram à separação. Verifica-se que a maioria dos sujeitos (67,3%; $n = 37$) perceciona controlo sobre a decisão da separação conjugal (“Decisão mútua”; “Principalmente decisão minha” e “Totalmente decisão minha”). A maioria dos sujeitos (50a,9%, $n = 28$) revela também ter contribuído para os problemas conjugais que levaram à separação conjugal (“Devido a ambos”, “Devido principalmente a mim” e “Devido totalmente a mim”).

Atitude face à separação conjugal

No Quadro 3 apresentam-se os dados descritivos das respostas dos sujeitos quanto à sua atitude face à separação conjugal. A maioria dos sujeitos (80%; $n = 44$) tem uma atitude favorável relativamente à separação conjugal (valores 3, 4 e 5). Os outros sujeitos (20%, $n = 11$) revelam uma atitude desfavorável face à separação conjugal (valores 3, 4 e 5).

Quadro 2. *Descrição dos dados face à decisão de separação e contributo para a separação: percentagens*

	% (n)
Decisão de separação conjugal	
1	20,0% ($n = 11$)
2	12,8% ($n = 7$)
3	34,5% ($n = 19$)
4	23,6% ($n = 13$)
5	9,1% ($n = 5$)
Contributo para separação conjugal	
1	16,4% ($n = 9$)
2	32,7% ($n = 18$)
3	45,4% ($n = 25$)
4	5,5% ($n = 3$)
5	0% ($n = 0$)

Quadro 3. *Atitude face à separação conjugal: percentagens, média e desvio padrão*

	% (n)	M	dp
Atitude			
1	9,1% (n = 5)		
2	10,9% (n = 6)	3,76	1,37
3	20,0% (n = 11)		
4	14,5% (n = 8)		
5	45,5% (n = 25)		

Ambiguidade de Fronteiras

No Quadro 4 encontram-se os dados descritivos relativamente ao grau de ambiguidade de fronteiras avaliado através da *Boundary Ambiguity Scale for Divorce Adults (BASDA)*. Em média, os resultados relativos ao grau de ambiguidade de fronteiras revelam-se mais elevados para o sexo feminino ($M = 2,24$; $dp = 0,47$) do que para o sexo masculino ($M = 2,34$; $dp = 0,46$).

Quadro 4. *Ambiguidade de fronteiras por género: média e desvios padrão*

		Sexo Masculino	Sexo Feminino
M		2,34	2,24
dp		,46	,47
Mínimo		1,71	1,43
Máximo		3,62	3,62
	25	2,07	1,95
Percentis	50	2,31	2,19
	75	2,49	2,45

Relação entre variáveis das fronteiras relacionais entre progenitores

A análise correlacional considerando a perceção de controlo dos sujeitos na tomada de decisão relativa à separação conjugal, aceitação da separação conjugal e ambiguidade das fronteiras estabelecidas entre os progenitores (Anexo I).

A decisão de tomada de decisão apresenta uma correlação moderada no sentido positivo com a atitude face à situação atual ($r = .603$; $p < .01$). Assim, quanto mais a decisão de separação conjugal é atribuída ao próprio (revelando maior perceção de controlo face à

situação) há uma maior aceitação atual da separação conjugal. Verifica-se também uma correlação baixa e positiva entre o posicionamento dos sujeitos face aos motivos que levaram à separação conjugal e atitude face à mesma ($r = .312$; $p < .05$). Quando os sujeitos reconhecem o seu próprio contributo para os problemas conjugais que levaram à separação conjugal, há uma maior aceitação da mesma.

Considerando o grau de ambiguidade de fronteiras, verifica-se uma correlação moderada no sentido negativo entre o posicionamento face à decisão da separação conjugal e a ambiguidade de fronteiras para o sexo feminino ($r = -.632$, $p < .01$). As mulheres que percecionam maior controlo na tomada de decisão de separação conjugal revelam fronteiras mais claras na relação estabelecida com o ex-cônjuge. Verifica-se também uma correlação moderada e negativa entre a atitude relativamente à separação conjugal e a ambiguidade de fronteiras para o sexo feminino ($r = -.586$, $p < .01$) e para o sexo masculino ($r = -.576$, $p < .01$). Assim, sujeitos que revelam aceitação da separação conjugal, indicam uma relação com o ex-cônjuge pautada por fronteiras mais claras.

4.3. Relação entre variáveis da relação coparental e variáveis do estabelecimento de fronteiras

Considerando a análise da relação entre as variáveis da relação coparental e do estabelecimento de fronteiras (Anexo J), verifica-se uma correlação estatisticamente significativa, ainda que baixa, no sentido positivo entre a perceção do contributo do próprio nos problemas conjugais e concordância face aos acordos relativos às responsabilidades parentais estabelecidos ($r = .312$, $p < .05$). Face à perceção do contributo do próprio para os problemas conjugais, verifica-se também uma correlação moderada no sentido positivo com a satisfação na relação com o outro progenitor ($r = .407$; $p < .05$). Por fim, verifica-se a existência de correlação moderada e positiva face à frequência de comunicação entre progenitores relativamente aos conteúdos parentais “progressos e sucessos dos filhos” ($r = .459$, $p < .01$), “dificuldades dos filhos” ($r = .455$, $p < .01$), “vida escolar dos filhos” ($r = .442$, $p < .01$), “formas de educar os filhos” ($r = .412$, $p < .05$) e, uma correlação, também no sentido positivo, mas baixa face à frequência de comunicação entre os progenitores relativamente aos conteúdos parentais “relação estabelecida com os filhos” ($r = .376$, $p < .05$), “finanças relacionadas com os filhos” ($r = .350$, $p < .05$), “saúde dos filhos” ($r = .343$, $p < .05$) e “adaptação dos filhos à separação conjugal” ($r = .340$, $p < .05$).

Assim, quanto maior a consideração do contributo pessoal nos problemas conjugais que levaram à separação conjugal, maior a concordância com os acordos estabelecidos, maior a satisfação na relação estabelecida com o outro progenitor, verificando-se, adicionalmente, a discussão entre os progenitores dos conteúdos parentais suprarreferidos.

Relativamente ao grau de ambiguidade nas fronteiras estabelecidas entre os progenitores, considerando o sexo masculino, verifica-se correlação moderada e negativa com a frequência de comunicação entre os progenitores relativamente aos conteúdos parentais “Formas de educar os filhos” ($r = -.514, p < .05$), “Decisões relativas ao dia-a-dia dos filhos” ($r = -.501, p < .05$) e “Decisões relativas à vida dos filhos” ($r = -.490, p < .05$). Adicionalmente, o grau de ambiguidade de fronteiras, nos pais, revela correlação também moderada e negativa com a frequência de comunicação entre os progenitores sobre o conteúdo não parental de “Reconciliação” ($r = -.559, p < .05$). Verifica-se, relativamente ao sexo masculino, que quanto mais elevado o grau de ambiguidade de fronteiras relacionais entre os progenitores, menor a frequência de contato entre os progenitores relativamente aos conteúdos de natureza parental e pessoal referidos anteriormente.

Desta análise resulta, por fim, que o canal de comunicação utilizado com os filhos se associa ao grau de ambiguidade de fronteiras relacionais estabelecidas entre os progenitores, apresentando uma associação moderada, no sentido positivo ($\eta = .463, p < .05$) considerando os progenitores do sexo masculino e, uma associação alta no sentido positivo ($\eta = 1,00, p < .05$) considerando os progenitores do sexo feminino. O contato presencial com os filhos relaciona-se, assim, com a ambiguidade das fronteiras estabelecidas entre os ex-cônjuges, associando-se a fronteiras relacionais mais claras após a separação conjugal.

5. Discussão e Conclusões

A análise descritiva da amostra revela que esta é composta na sua maioria por sujeitos do sexo masculino. No entanto, a literatura aponta para uma maior probabilidade de resposta a estudos *online* por parte de mulheres (Curtin, Presser & Singer 2000; Moore & Tarnai, 2002; Singer, van Hoewyk & Maher, 2000). A dimensão da amostra, considerando o sexo masculino, parece prender-se com a divulgação do estudo na Associação para a Igualdade e Direitos Parentais, uma vez que são os progenitores do sexo masculino que mais procuram o apoio da associação, dado o facto de responsabilidades parentais serem atribuídas frequentemente às mães e, de existir maior probabilidade de alienação parental por parte do

sexo feminino (Gardner, 1998; Grzybowski & Wagner, 2010; Hetherington & Stanley-Hagan, 1997; Kopetski, 2006; Rand & Rand, 2006).

Quanto mais frequente o contacto entre os progenitores, mais frequentemente estes discutem sobre “Atividades extracurriculares e/ou religiosas”, “Decisões relativas ao dia-a-dia dos filhos” e “formas de educar os filhos” (conteúdos parentais), verificando-se também uma comunicação mais frequente com os filhos. Adicionalmente, verifica-se um maior grau de satisfação relativamente à relação estabelecida entre os progenitores. Paralelamente, uma maior duração dos contatos entre os progenitores revela a discussão mais frequente sobre os conteúdos parentais “Relação estabelecida com os filhos”, “Decisões relativas à vida dos filhos”, “Adaptação dos filhos à separação conjugal” e “Progressos e sucessos dos filhos” e, sobre o conteúdo pessoal “Atividade profissional”. Os resultados parecem evidenciar que a comunicação entre os progenitores é um fator chave na relação estabelecida entre eles, bem como na relação estabelecida com os filhos.

A comunicação entre os progenitores pode potenciar o envolvimento dos pais, nomeadamente do não residente, promovendo cooperação entre estes (Dush, Kotila, & Sullivan, 2011). Considerando, concretamente, os progenitores do sexo feminino, verifica-se que quanto maior a frequência de contacto entre os progenitores, mais elevado o nível de suporte, respeito e apreço para com o outro, ou seja, a existência de níveis mais elevados de cooperação. Para os progenitores do sexo masculino, uma maior duração dos contactos com o outro progenitor revela graus mais elevados de triangulação (formação de aliança entre o outro progenitor e os filhos) e conflito (desacordos e discussões acerca dos filhos) considerando a qualidade da relação coparental estabelecida. Estes resultados devem ser interpretados considerando que a amostra é constituída na sua maioria por indivíduos do sexo masculino e estes são, habitualmente, progenitores não residentes o que poderá envolver, por um lado, um menor envolvimento coparental por parte desses indivíduos e, por outro, insatisfação na relação coparental estabelecida e na relação estabelecida com os filhos (Amato & Sobolewski, 2004; Gardner, 1998; Grzybowski & Wagner, 2010; Hetherington & Stanley-Hagan, 1997; Kopetski, 2006; Rand & Rand, 2006). Adicionalmente, importa considerar o canal de comunicação indicado como mais utilizado, pois no caso do sexo masculino, o recurso ao contacto telefónico com o outro progenitor associa-se, por um lado, a um grau mais elevado de desacordos e discussões acerca dos filhos (conflito) e, por outro, a um nível mais elevado de respeito, suporte e apreço (cooperação). No caso dos progenitores do sexo feminino, o contato presencial revela maior grau de cooperação (respeito, suporte e apreço) entre os progenitores. Uma vez mais, a comunicação entre os progenitores parece

influenciar o envolvimento dos pais e a relação estabelecida entre eles. No entanto o canal de comunicação deve ser interpretado com cuidado, dado que o presencial pode não se revelar acessível a alguns progenitores dado o facto de as responsabilidades parentais serem frequentemente atribuídas à progenitora e de potencialmente se verificar obstáculos ao envolvimento paterno (Amato & Sobolewski, 2004; Cannon, Schoppe-Sullivan, Mangelsdorf, Brown & Sokolowski, 2008).

Quanto mais elevado é o grau de satisfação com a relação estabelecida entre os progenitores, maior a facilidade em estabelecer os acordos sobre as responsabilidades parentais, maior a satisfação face aos acordos estabelecidos e face à relação estabelecida com os filhos. Adicionalmente, a natureza da relação atual é indicada como “boa”, observando-se, ainda, uma maior frequência de discussão dos conteúdos de cariz parental “Progressos e Sucessos dos filhos”, “Adaptação dos filhos à separação conjugal”, “Saúde dos filhos”, “Formas de educar os filhos” e “Dificuldades dos filhos”, bem como dos conteúdos não parentais “Atividade profissional” e “Atividades de tempos livres”. A natureza da relação atual associa-se assim a uma maior frequência de diálogo relativamente aos conteúdos parentais “Adaptação dos filhos à separação” e “Progressos e sucessos dos filhos” e, sobre os conteúdos não parentais “Famíliares”, “Atividade profissional” e “Atividades de tempos livres”. Adicionalmente, uma relação satisfatória conduz a uma relação coparental pautada por comunicação entre os progenitores. A satisfação face à relação coparental é fundamental, dada a potenciação do envolvimento dos progenitores face aos assuntos relacionais com os filhos, inclusive dos progenitores não residentes (Dantas, Jablonski & Féres-Carneiro, 2004).

Considerando os progenitores do sexo masculino, quanto maior o grau de cooperação na relação coparental, mais satisfatória se revela a relação estabelecida com os filhos, sendo a relação coparental atual tida como boa. Adicionalmente, quanto mais elevado o grau de cooperação, mais frequente a discussão sobre os conteúdos parentais “Adaptação dos filhos à separação conjugal”, “Progressos e sucessos dos filhos”, “Relação estabelecida com os filhos”, “Finanças relacionadas com os filhos”, “Atividades extracurriculares e/ou religiosas”, “Saúde”, “Decisões relativas à vida dos filhos” e “Dificuldades dos filhos”. Relativamente aos conteúdos pessoais verifica-se a discussão mais frequente sobre “Atividades de tempos livres”, “Famíliares” e “Saúde”, verificando-se também uma maior facilidade no estabelecimento de acordos. Por fim, nos progenitores do sexo masculino, um grau mais elevado de cooperação associa-se a um maior grau de conflito na relação coparental. Quanto mais elevado o grau de triangulação na relação coparental, maior a dificuldade no estabelecimento dos acordos parentais para o sexo masculino. Adicionalmente, para os

progenitores do sexo masculino, quanto maior o nível de conflito na relação coparental, melhor a natureza da relação coparental atual, não estando de acordo com a literatura. Não obstante, o facto de a amostra ser composta por progenitores do sexo masculino, estando patente a possibilidade de alienação parental, pode levar a que estes percionem as interações ainda que caracterizadas por conflito, como um aspecto positivo da sua relação coparental. Por fim, erificando-se a comunicação com o outro progenitor sobre “Decisões da vida dos filhos” e “Relação estabelecida com os filhos” (conteúdos parentais) e, “Atividades de tempos livres”, “Dificuldades pessoais”, “Progressos e sucessos pessoais”, “Atividade profissional”, “Familiars” e “Amigos”.

No caso do sexo feminino, um grau elevado de cooperação revela uma maior frequência face à discussão entre progenitores dos conteúdos parentais “Atividades extracurriculares e/ou religiosas”, “Adaptação dos filhos à separação conjugal”, “Formas de educar os filhos” e “Decisões relativas ao dia-a-dia dos filhos” e, a discussão sobre “Atividade profissional”, “Progressos e sucessos pessoais”, “Amigos” e “Dificuldades pessoais” (conteúdos não parentais). Verifica-se, ainda, um grau de satisfação mais elevado na relação estabelecida com o outro. Quanto mais elevado o grau de triangulação na relação coparental, mais elevado o grau de conflito, maior a frequência de contacto sobre “Relações amorosas” (conteúdo pessoal) e pior a natureza da relação atual. Por fim, um grau mais elevado de conflito relaciona-se com uma maior frequência ao nível da discussão dos conteúdos parentais “Formas de educar os filhos”, “Decisões relativas ao dia-a-dia dos filhos” e, “Relações amorosas” e “Amigos” (conteúdos pessoais). Níveis baixos de conflito e de triangulação entre os pais e, por sua vez, níveis mais elevados de cooperação potenciam a redefinição da conceptualização do sistema familiar no pós-divórcio, promovendo uma relação pautada por comunicação entre os progenitores e satisfação face à mesma e à relação estabelecida com os filhos. A qualidade da relação coparental revela-se fundamental para a continuidade da relação entre os sistema familiares após a separação conjugal (Kruk (1994).

A maior parte das conversas entre os ex-cônjuges é sobre temas relacionados com a vida dos filhos, sendo que os conteúdos de natureza não parental são significativamente menos comunicados do que os parentais. Relativamente aos assuntos parentais, os mais discutidos são os que respeitam à saúde dos filhos, decisões maiores relativas à vida dos filhos, dificuldades e progressos e sucessos dos filhos. Provavelmente, tal deve-se à relevância dos assuntos para ambos os progenitores. As decisões relativas às atividades extracurriculares, a adaptação dos filhos à separação conjugal e a relação estabelecida entre os filhos e os respetivos progenitores, são os menos discutidos pelos progenitores, podendo

tal dever-se mais uma vez à relevância dos assuntos para ambos os progenitores, bem como devido à carga emocional inerente aos dois últimos tópicos. Os assuntos de natureza não parental referentes à atividade profissional, aos familiares e à saúde dos ex-cônjuges são os temas comunicados com mais frequência, enquanto a adaptação pessoal à separação conjugal, novas relações amorosas e a reconciliação são as temáticas menos discutidas, podendo tal dever-se à carga emocional inerente, podendo potenciar o conflito entre os progenitores.

Quanto maior a frequência de contacto com os filhos, é indicada mais facilidade no estabelecimentos dos acordos relativos às responsabilidades parentais, observando-se uma maior satisfação com os acordos estabelecidos. Neste caso importa considerar que o pai tende a ter um maior contacto com os filhos se a guarda for conjunta (Amato & Sobolewski, 2004; Cannon, Schoppe-Sullivan, Mangelsdorf, Brown & Sokolowski, 2008; Lewis & Lamb, 2007). Adicionalmente, uma maior frequência de contacto com os filhos associa-se a uma maior frequência de contacto com o outro progenitor, um grau mais elevado de satisfação face à relação estabelecida com os filhos e à discussão, mais frequente, dos conteúdos parentais referidos anteriormente entre os progenitores. “Atividades extracurriculares e/ou religiosas dos filhos”, “Decisões relativas ao dia-a-dia dos filhos”, “Decisões relativas à vida dos filhos”, “Vida escolar dos filhos” e “Saúde dos filhos”. O contacto presencial com os filhos associa-se a uma maior frequência de contacto com estes e com o outro progenitor. Considerando satisfação na relação estabelecida com os filhos, quanto mais elevado o grau de satisfação, os acordos relativos às responsabilidades parentais são indicados como tendo sido estabelecidos mais facilmente, havendo uma satisfação mais elevada face aos acordos estabelecidos. Adicionalmente, a satisfação na relação estabelecida com os filhos associa-se a um grau mais elevado na satisfação coparental estabelecida, e a uma boa relação coparental. Por fim, quanto mais elevado o grau de satisfação na relação com os filhos, maior a frequência com que os conteúdos parentais anteriormente “Decisões relativas ao dia-a-dia dos filhos”, “Atividades extracurriculares e/ou religiosas”, “Decisões relativas à vida dos filhos” e “Saúde” são comunicados entre os progenitores. Importa considerar neste caso que relação estabelecida entre os progenitores é determinante no funcionamento familiar após a separação conjugal, tendo implicações na relação estabelecida entre os progenitores e entre estes e os filhos, sendo que a relação estabelecida com os filhos é influenciada e influencia a relação coparental, indo ao encontro do referido na literatura (Amato, 2000, 2001; Amato, Kane & James, 2011; Margolin, Gordis e John, 2001). Nomeadamente, a relação entre os pais, caracterizada, por exemplo, pelo diálogo e cooperação, pode favorecer a relação entre a figura paterna e os filhos após a separação, tal como observaram Pruett, Williams, Insabella &

Little (2003) cujo estudo sugere uma associação entre a relação entre os pais e a relação entre pais e filhos

Face ao estabelecimentos dos acordos relativos às responsabilidades parentais, quanto maior a facilidade no estabelecimento dos mesmos, maior a satisfação face aos acordos estabelecidos, verificando-se também, uma melhor relação parental, um grau de satisfação mais elevado na relação estabelecida com o outro progenitor e com os filhos. Observa-se ainda, uma maior frequência de diálogo entre os progenitores sobre “Dificuldades dos filhos”, “Vida escolar dos filhos” e “Atividades extracurriculares e/ou religiosas”, “Saúde” e “Decisões relativas ao dia-a-dia dos filhos” (conteúdos parentais), bem como sobre “Saúde”, “Atividades de tempos livres” e “Atividade profissional” (conteúdos não parentais). No caso dos progenitores do sexo masculino, verifica-se um grau mais elevado de cooperação e, um grau menos elevado de triangulação relativamente à facilidade do estabelecimento dos acordos parentais. Considerando a satisfação face aos acordos estabelecidos, quanto mais elevada esta se revelar, mais elevada é a satisfação com a relação coparental estabelecida e com a relação estabelecida com os filhos. Adicionalmente, uma maior satisfação face aos acordos parentais associa-se a uma boa relação coparental atual e a uma maior frequência de comunicação entre os progenitores dos conteúdos parentais “Decisões do dia-a-dia dos filhos”, “Dificuldades dos filhos”, “Saúde” e “Vida escolar dos filhos”, bem como dos conteúdos não parentais “Atividade profissional”, Amigos”, “Atividades de tempos livres” e “Saúde”. Ainda considerando os progenitores do sexo masculino, quando os acordos são estabelecidos por mútuo acordo, verificam-se níveis mais elevados de apoio, valorização e respeito mútuo (cooperação) e, de uma maior frequência de discussão e desacordo entre os progenitores (conflito). Por outro lado, quando os acordos foram estabelecidos com recurso a tribunal, verifica-se um grau mais elevado de triangulação considerando o outro progenitor. Para os progenitores do sexo feminino, quando os acordos são estabelecidos por mútuo acordo verifica-se um grau mais elevado de triangulação (em que o outro progenitor cria uma aliança com o filho) e de discussão e desacordo face aos assuntos relativos aos filhos (conflito). Adicionalmente, acordos estabelecidos por mútuo acordo associam-se a um contacto mais frequente com os filhos. Os acordos relativos às responsabilidades parentais quando decididos por mútuo acordo e a guarda partilhada parecem auxiliar no estabelecimento de uma relação coparental satisfatória e pautada por cooperação entre os progenitores, bem como uma relação satisfatória com os filhos tal como sugerido na literatura (Ahrons, 1993; Amato, Kane & James, 2011; Margolin, Gordis & John., 2001; Roberson, Nalbone, Hecker & Miller, 2010; Struss, Pfeiffer, Preuss & Felder, 2001)

Para a avaliação do estabelecimento de fronteiras entre os progenitores considerou-se a percepção de controlo na decisão da separação conjugal e no contributo pessoal para os problemas conjugais que levaram à separação, a atitude relativamente à separação e, a ambiguidade de fronteiras relacionais estabelecidas entre os ex-cônjuges. Os resultados indicam que a maioria dos sujeitos considera ter participado na decisão da separação conjugal, bem como contribuído para os problemas conjugais que levaram à separação. Adicionalmente, grande parte dos sujeitos revela aceitar a separação conjugal, apresentando uma atitude favorável face à mesma. Por fim, considerando a ambiguidade de fronteiras, a maioria dos sujeitos, revela fronteiras claramente definidas. Quando a decisão da separação conjugal é atribuída ao próprio, revelando maior percepção de controlo face à situação, há uma maior aceitação atual da separação conjugal, verificando-se o mesmo quando os sujeitos reconhecem o seu contributo para os problemas conjugais que levaram à separação. Sujeitos que revelam aceitação da separação conjugal, indicam uma relação com o ex-cônjuge pautada por fronteiras mais claras. Particularmente, mulheres que percecionam maior controlo na tomada de decisão de separação conjugal revelam fronteiras mais claras na relação estabelecida com o ex-cônjuge. A distinção entre o papel do ex-cônjuge e coprogenitor pautado pela aceitação da separação conjugal e da distinção entre questões conjugais passados de questões parentais presentes, é fundamental no restabelecimento de fronteiras relacionais entre os progenitores, separando assuntos conjugais passados de assuntos parentais presentes, promovendo fronteiras claras entre os ex-conjuges, sendo que tal implica que o próprio sujeito percecione o seu papel ativo tanto na decisão de separação como no contributo para a mesma.

Os resultados obtidos da análise da relação entre variáveis da relação coparental e variáveis do estabelecimento de fronteiras sugerem que quanto maior a consideração do contributo pessoal nos problemas conjugais que levaram à separação conjugal, maior a concordância com os acordos estabelecidos, maior a satisfação na relação estabelecida com o outro progenitor, verificando-se, adicionalmente, a discussão entre os progenitores dos conteúdos parentais “progressos e sucessos dos filhos”, “dificuldades dos filhos”, “vida escolar dos filhos” e “formas de educar os filhos”. Considerando, particularmente, os progenitores do sexo masculino, quanto mais elevado o grau de ambiguidade de fronteiras relacionais entre os progenitores, menor a frequência de contato entre os progenitores relativamente aos conteúdos de natureza parental “Formas de educar os filhos”, “Decisões relativas ao dia-a-dia dos filhos” e “Decisões relativas à vida dos filhos” e, do conteúdo pessoal “Reconciliação”, revelando que a falha ao nível do estabelecimento de fronteiras de

privacidade e poder, podendo estas ter implicações na relação coparental estabelecida bem como na relação com os filhos (Madden-Derdich & Arditti, 1999; Madden-Derdich, Leonard & Christopher, 1999; Struss, Pfeiffer, Preuss & Felder, 2001)

O contato presencial com os filhos, considerando os progenitores do sexo masculino, relaciona-se com a ambiguidade das fronteiras estabelecidas entre os ex-cônjuges, associando-se a fronteiras relacionais mais claras após a separação conjugal. Considerando os progenitores do sexo feminino, o contacto telefónico, *online* e presencial revelam uma maior ambiguidade de fronteiras entre os ex-cônjuges, devendo tal ser considerando no estabelecimento de fronteiras dado o potencial impacto futuro na relação entre progenitores e com os filhos. O contacto presencial com os filhos e com os progenitores pode ser uma peça chave na relação entre os mesmos dada a possibilidade de clarificação de informação patente.

O presente estudo apresenta, no entanto, algumas limitações ao nível da amostra, dos instrumentos utilizados e do método de recolha de dados que deverão ser consideradas na interpretação dos resultados obtidos.

A amostra foi obtida segundo um critério de conveniência, revelando-se não probabilística e, de reduzida dimensão, não permitindo generalização dos dados.

Os dados foram recolhidos mediante a utilização única de instrumentos de autorrelato, opção justificada pelas suas claras vantagens ao nível da economia de tempo. No entanto, estão mais suscetíveis a fenómenos de *faking bad* ou *faking good*, estando igualmente patente a possibilidade de respostas ao acaso por parte dos participantes. O facto da participação se efetuar *online* (funcionando como fator de inibição da desejabilidade social) e de ser dada a garantia de anonimato e confidencialidade, deixam menos razões para esperar respostas intencionalmente não verdadeiras por parte dos participantes. Já em relação à possibilidade de respostas ao acaso, é exatamente a opção pelo recurso a uma plataforma *online* que não permite controlo sobre as condições de preenchimento dos diversos questionários. Apresenta-se também como limitação a impossibilidade de controlar a honestidade das respostas (*e.g.*, género, idade) e de responder no momento às dúvidas dos indivíduos durante a sua participação no estudo. Tentou-se atenuar este último aspeto fornecendo o contacto da investigadora para qualquer dúvida, mas os participantes podem optar por não recorrer a este recurso dado que implica a identificação do seu endereço eletrónico, e consequentemente possível quebra do anonimato.

Importa considerar também a sensibilidade relativa à temática da separação conjugal, nomeadamente, das relações estabelecidas com os filhos e com o ex-cônjuge o que poderá constituir uma limitação, dada a possibilidade de enviesamentos das respostas.

No que concerne ao instrumento utilizado na avaliação da qualidade da natureza coparental (*Questionário da Coparentalidade – QC*), ainda que traduzido e adaptado à população portuguesa, apresenta fragilidades do ponto de vista psicométrico, requerendo um estudo mais aprofundado de adaptação do mesmo. O instrumento utilizado para avaliar a ambiguidade de fronteiras na relação estabelecida entre os progenitores (*Boundary Ambiguity Scale for Divorce Adults – BASDA*) foi traduzido para este estudo e as análises realizadas revelam boa consistência interna. No entanto, para investigações futuras será necessário um estudo mais específico e detalhado sobre as suas propriedades psicométricas e adequação linguística da sua tradução.

Futuramente, deveria ser considerada a realização de um estudo de natureza longitudinal, pois a baliza temporal considerada na presente investigação (6 meses a 3 anos) remete para um período de adaptação à separação conjugal. O estudo longitudinal permitiria analisar eventuais alterações na dinâmica familiar durante um período de tempo mais longo.

Dado que a separação conjugal, ainda que implicando mudanças ao nível dos relacionamentos entre os ex-cônjuges, não anula a relação entre pais e filhos, importa considerar o presente estudo como orientador à prática clínica.

De forma geral, os dados recolhidos na presente investigação parecem, de forma global, reiterar a importância de uma relação coparental pautada por cooperação entre os progenitores após a separação conjugal. Importa também considerar as fronteiras relacionais estabelecidas entre os progenitores, sendo determinante a distinção de questões conjugais das parentais no estabelecimento de fronteiras claras entre os ex-cônjuges, pois a ambiguidade de fronteiras pode comprometer o desenvolvimento da relação cooperativa entre os pais e consequentemente afetar a relação com os filhos.

A formalização da separação conjugal pode implica, no caso de existirem filhos, o estabelecimento de acordos parentais, podendo existir conflito, ressentimento e quebra de confiança e de respeito mútuo durante e após o estabelecimento dos mesmos, pondo em causa a relação coparental e a relação com os filhos. O clínico pode desempenhar um papel fulcral a este nível, considerando adicionalmente, a renegociação de fronteiras relacionais entre os progenitores separados/divorciados é uma tarefa crítica para uma separação/divórcio bem-sucedida, sendo o papel do psicólogo clínico pode ser fundamental na reorganização da identidade tanto pessoal como familiar.

Dado que as novas fronteiras clarificam expectativas de papel, prevenindo a contaminação dos papéis parentais pelos conflitos conjugais, promovendo uma relação boa relação coparental, importa considerar a importância de intervir junto dos progenitores, de

forma a promover a distinção entre o seu papel passado enquanto cônjuges e o seu papel presente enquanto progenitores, promovendo, adicionalmente, a aceitação da separação conjugal bem como a percepção do seu contributo para a separação em si. Tal deve-se ao impacto negativo que a ambiguidade ao nível das fronteiras relacionais entre os ex-cônjuges pode ter ao nível da relação coparental e adaptação à separação conjugal (Afifi & Hamrick, 2006; Carroll, Olson & Buckmiller, 2007). Visto que os pais que se apoiam mutuamente estão em melhor posição para proporcionarem um ambiente estável aos seus filhos, o psicólogo clínico pode e deve intervir no sentido de promover uma relação pautada por cooperação e prevenir relações pautadas por conflito (Hetherington & Stanley-Hagan, 2002; McHale, Khazan, Erera, Rotman, DeCoursey & McConnell, 2002; Roberson, Nalbone, Hecker & Miller, 2010).

Referências Bibliográficas:

- Abidin, R. R., & Brunner, J. F. (1995). Development of a parenting alliance inventory. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 24, 31-40.
- Afifi & Hamrick (2006) Communication Processes that Promote Risk and Resiliency in Postdivorce Families in M. Fine & J. Marvey (Eds.), *Handbook of Divorce and Relationship Dissolution*, Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum
- Ahrons, C. (1994) *The Good Divorce – Keeping Your Family Together when your Marriage Comes Apart*. NY: HarperCollins Publishers, Inc.
- Ahrons, C. (2007) Family Ties after Divorce: Long-Term Implications for Children. *Family Process*, 46 (1), pp. 53 – 65.
- Ahrons, C. R. & Rodgers, R. H., (1987) *Divorced Families: A Multidisciplinary Developmental View*. 1st Ed. Norton & Company: New York.
- Alarcão, M. (2006). *(Des)Equilíbrios Familiares* (3^a ed.). Lisboa: Quarteto.
- Amato, P. R. (1996) Explaining the intergenerational transmission of divorce. *Journal of Marriage and the Family*, 58, 6287 – 640.
- Amato P. R. (2000). The consequences of divorce for adults and children. *Journal of Marriage and the Family*, 62, pp.1269–1287.
- Amato, P. R. (2001). Children and divorce in the 1990s: An update of the Amato and Keith (1991) meta-analysis. *Journal of Family Psychology*, 15, 355-370.
- Amato, P. R., Kane, J.B. & James, S. (2011). Reconsidering the “Good Divorce”. *Family Relations*, 60 (5), 511-524
- Amato P.R., Sobolewski J.M. (2004). The effects of divorce on fathers and children: Nonresidential fathers and stepfathers. In: Lamb M.E. (Eds). *The role of the father in child development* (4th ed.) NJ :Wiley
- Andolfi, M. (1981). *A terapia familiar*. Lisboa, Editorial Vega.
- Avenevoli, S., Sessa, F. M., & Steinberg, L. (1999). Family structure, parenting practices, and adolescent adjustment: An ecological examination. In E. M. Hetherington (Ed.), *Coping with divorce, single parenting, and remarriage* (pp. 65 – 90). Mahway, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Baum, N. (2003). Divorce process variables and the co-parental relationship and parental role fulfilment of divorced parents. *Family Process*, 42, 117–131.

- Baum, N. (2004). Typology of post-divorce parental relationships and behaviors. *Journal of Divorce and Remarriage*, 41 (3-4), 53-79.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55, 83-96.
- Belsky, J., Crnic, K., & Woodworth, S. (1995). Personality and parenting: Exploring the mediating role of transiente mood and daily hassles. *Journal of Personality*, 63, 905 - 929
- Block, J. H., Block, J., & Morrison, A. (1981). Parental agreement-disagreement on child-rearing orientations and gender-related personality correlates in children. *Child Development*, 52, 963-974.
- Boss, P. (2002). *Family Stress Management: a Contextual Approach* (2nd Ed.), Sage Publications
- Boss P. & Greenberg (1984). Family boundary ambiguity: a new variable in family stress theory. *Family Process*, 24, 535-546
- Boss, P., Greenberg, J., & Pearce-McCall, D. (1990). Measurement of Boundary Ambiguity in Families. *Station Bulletin*, 593
- Carroll, J., Olson, C. & Buckmiller, N. (2007). Family Boundary Ambiguity: a 30-year Review of Theory. *Research and Measurement in Family Relations*, 56 (2), pp. 210 – 230
- Carter, B. & McGoldrick, M.(1989).*The family life cycle: a framework for family therapy*. Boston: Allyn and Bacon.
- Clapp, G. (2000). *Divorce & New Beginnings: A complete guide to recovery, solo parenting, co-parenting and stepfamilies* (2nd Ed.). NY: John Wiley & Sons, inc.
- Cohen, L & Holliday, M. (1982). *Statistics for Social Scientist*, London: Harper & Row.
- Concoran, K. & Fisher, J. (2013). *Measures for clinical practice and research : a sourcebook. Volume 1, Couples, families, and children*. NY: Oxford University Press
- Cowan, P.A., Powell, D., & Cowan, C.P. (1998). Parenting interventions: A family systems perspective. In W. Damon (Ed.), *Handbook of child psychology* (5th ed. Vol. 4, pp. 3-72). New York: Wiley
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto.
- Curtin, R., Presser, S., & Singer, E. (2000). The effects of response rate changes on the index of consumer sentiment. *Public Opinion Quarterly*, 64, 413–428.

- Dantas, C., Jablonski, B. & Féres-carneiro, T. (2004). *Paternidade: Considerações sobre a relação pais-filhos após a separação conjugal*. *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação*, 14 (29)
- Davis, D., Shaver, P. R., & Vernon, M. L. (2003). Physical, emotional, and behavioral reactions to breaking up: The roles of gender, age, emotional involvement, and attachment style. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29, 871-884.
- Dias, M. (2011) Um olhar sobre a família na perspectiva sistêmica - o processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e Desenvolvimento*, 19, pp. 139 – 156.
- Dush, C., Kotila, L., & Schoppe-Sullivan, S. (2011). Predictors of supportive coparenting after relationship dissolution among at-risk parents. *Journal of Family Psychology*, 25, 356-365.
- Emery R. (1994). *Renegotiating family relationships: Divorce, child custody and mediation*. New York: Guilford Press
- Emery, R. E. & Dillon, P. (1994) Conceptualizing the divorce process: renegotiating boundaries of intimacy and power in the divorce family system. *Family Relations*, 45, 374 – 379.
- Feeney, B., & Monin, J. (2008). An attachment-theoretical perspective on divorce. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 934-957). New York: The Guilford Press
- Feinberg, M. E. (2002). Coparenting and the transition to parenthood: a framework for prevention. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 5 (3), 173-195.
- Feinberg, M. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting*, 3, 85-131
- Gardner, R. A. (1998). *The parental alienation syndrome: A guide for mental health and legal professionals* (2nd ed.). Creskill, NJ: Creative Therapeutics.
- Grzybowski, L. S e Wagner, A. (2010). Casa do pai, casa da mãe: A coparentalidade após o divórcio. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26 (1), 77-87
- Hetherington, E. M. (Ed). (1999). Should we stay together for the sake of the children? In E. M. Hetherington (Ed.) *Coping with divorce, single parenting, and remarriage* (pp. 93 – 116). Mahway, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Hetherington, E. M. (2003). Intimate pathways: Changing patterns in close personal relationships across time. *Family Relations*, 52, 318-331.

- Hetherington, E. M. (2006). The influence of conflict, marital problem-solving and parenting on children's adjustment in non-divorced, divorced, and remarried families. In A. Clarke-Stewart, and J. Dunn. (Eds.) *Families count: Effects on child and adolescent development*. (pp. 203-237). New York: Cambridge University Press
- Hetherington E. & Stanley-Hagan, M. (2002) Parenting in Divorced and Remarried Families. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Being and becoming a parent Vol. 3* (2nd ed., pp. 75-107). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates
- Hill, R. (1949). *Families under stress: Adjustment to the crises of war separation and reunion*. New York: Harper & Brothers.
- Hill, R. (1958). Generic features of families under stress. *Social Casework*, 49, 139–150.
- Hill, M. M. & Hill, A. (2002). *Investigação por questionário*. Lisboa: Silabo
- Ilieva, J.; Baron, S.; Healey, N. M. (2002) Online surveys in marketing research: pros and cons. *International Journal of Marketing Research*, 44(3), 361 - 376
- Klein, D. M., & White, J.M. (1996). *Family theories: An introduction*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, Inc
- Kopetski, L. M. (2006). Commentary: Parental alienation syndrome. In R.A.Gardner, S. R.Sauber, & D.Lorandos (Eds.), *The international handbook of parental alienation syndrome: Conceptual, clinical and legal considerations* (pp. 378–390). Springfield, IL: Charles C. Thomas.
- Kruk, E. (1994). Grandparent Visitation Disputes: Multigenerational Approaches to Family Mediation. *Mediation Quarterly* 12 (1), 37-53.
- Lamela, D. (2008). *Definição conceptual da coparentalidade: Implicações para a prática clínica na consulta de divórcio do SCPDH-UMinho*. Manuscrito não publicado, Universidade do Minho.
- Lamela, D., Castro, R & Figueiredo, B. (2013) Medida da Aliança Parental: Validação portuguesa e Construção de uma Versão Reduzida. *Revista Psicologia Clínica*, 40 (6), pp. 215 – 219
- Lamela, D. Figueiredo, B. & Bastos, A. (2010) Adaptação ao Divórcio e Relações Coparentais: Contributos da Teoria da Vinculação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23 (3), pp. 562 – 574
- Lamela D., Nunes-Costa, R. & Figueiredo, B. (2010). Modelos Teóricos das relações Coparentais: Revisão Crítica. *Psicologia em Estudo*, 15 (1), pp. 205 – 216

- Lindsey, E.W. & Mize, J. (2001). Interparental agreement, parent–child responsiveness, and children’s peer competence. *Family Relations: Journal of Applied Family & Child Studies*, 50, 348–354.
- Linker, F., Stolberg, A., & Green, R. (1999). Family communication as a mediator of child adjustment to divorce. *Journal of Divorce and Remarriage*, 30, 83-97
- Maccoby, E., Depner, C. & Mnookin, R. (1990). Coparenting in the second year after divorce. *Journal of Marriage and the Family*, 52, 141-155.
- Madden-Derdich, D. A. & Ariditi, J. (1999). The ties that bind: Attachment between former spouses. *Family Relations*, 48(3), 243-349.
- Madden-Derdich, D. A., & Leonard, S. A. (2002). Shared experiences, unique realities: Formerly married mothers’ and fathers’ perceptions of parenting and custody after divorce. *Family Relations*, 51, 37-45
- Madden-Derdich, D.A, Leonard, S.A, & Christopher, F. (1999). Boundary ambiguity and coparental conflict after divorce: An empirical test of a family systems model of the divorce process. *Journal of Marriage and the Family*, 61, 588-598
- Margolin, G., Gordis, E. & John, R. (2001). Coparenting: a link between marital conflict and parenting in two-parent families. *Journal of Family Psychology*, 15 (1), 3-21
- Marôco, J. (2014). *Análise estatística como SPSS Statistics (6.ª Ed.)*. Lisboa: ReportNumber.
- Marques, C. (2013). *Coparentalidade e estilos parentais educativos em contexto rural e urbano*. Tese de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa
- McConnell, M. C. & Kerig, P. (2002). Assessing coparenting in families of school-age children: Validation of the coparenting and family rating system. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 34, 44-58.
- McHale, J. P. & Lindahl, K. M. (2011). *Coparenting: A conceptual and clinical examination of family systems*. Washington, DC: American Psychological Association.
- McHale, J., Khazan, I., Erera, P., Rotman, T., DeCoursey, W. & McConnell, M. (2002) Coparenting in diverse family systems. In: Bornstein M, editor. *Handbook of Parenting*, 2 (pp. 75 – 107). New Jersey: Erlbaum

- McHale, J. P.; Kuerten-Hogan, R. & Rao, N. (2004). Growings points for coparenting theory and research. *Journal of Adult Development*, 11 (3), 221-234.
 - Minuchin, S. (1974) *Families and family therapy*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
 - Minuchin, S. & Fishman, H. C. (1981) *Family Therapy Techniques* Cambridge, MA: Harvard University Press.
 - Minuchin, S., Lee, W., & Simon, G. (1998). El arte de la terapia familiar. Barcelona, Espanha: Paidós.
 - Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2007). *Attachment in adulthood: Structure, dynamics, and change*. New York: Guilford Press.
 - Moore, D. L., & Tarnai, J. (2002). Evaluating nonresponse error in mail surveys. In: Groves, R. M., Dillman, D. A., Eltinge, J. L., and Little, R. J. A. (Eds.) *Survey Nonresponse*. New York: John Wiley & Sons,
 - Nichols, M. (1984). *Family Therapy Concepts and Methods*. New York: Gardner Press.
- Nunes-Costa, R., Lamela, D., & Figueiredo, B. (2009). Psychosocial adjustment and physical health in children of divorce. *Jornal de Pediatria* (Rio de Janeiro), 85(5), 385-396.
- Orosa, F. J. E., Pinto, I. E., & Sales, P. P. (2008). Cuestionarios psicológicos e investigación en Internet: Una revisión de la literatura. *Anales de Psicología*, 24 (1), 150-157. Retirado de http://www.um.es/analesps/v24/v24_1/19-24_1.pdf
 - Pedro, M., & Ribeiro, M. T. (2013). Análise Factorial Confirmatória do Coparenting Questionnaire – Versão Portuguesa. Manuscrito submetido para publicação (2ª revisão).
 - Pestana, M., Gageiro, J. (2008). *Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS* (5ª Ed.). Lisboa: Europress
 - Petronio, S. (2002). *Boundaries of privacy: Dialectics of disclosure*. Albany: State University of New York Press.
 - Pruett, M. K, Williams, T. Y. Insabella, G. & Little, T. D. (2003) Family and legal indicators of child adjustment to divorce among families with young children. *Journal of family psychology*, 17, 169 – 280
 - Rand, D. C., & Rand, R. (2006). Factors affecting reconciliation between the child and target parent. In R. A. Gardner, S. R. Sauber, & D. Lorandos (Eds.), *The*

international handbook of parental alienation syndrome (pp. 163–176). Springfield, IL: Charles C. Thomas.

- Raposo et al (2010) Ajustamento da Criança à Separação ou Divórcio dos Pais. *Revista Psiquiatria Clinica*, 30 (1), pp. 29 – 33
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Relvas, A. P. (2003) *Por detrás do espelho. Da teoria à terapia com a família* (2.^a Ed.). Coimbra: Quarteto, pp. 16 – 36
- Roberson, P., Nalbone, D., Hecker, L., & Miller, J. (2010). Adult attachment style as a predictor of coparent relationships postdivorce. *Journal of Divorce & Remarriage*, 51, 185-207
- Schoppe-Sullivan, S. J., Brown, G. L., Cannon, E. A., Mangelsdorf, S. C., & Sokolowski, M. (2008). Maternal gatekeeping, coparenting quality, and fathering behavior in families with infants. *Journal Of Family Psychology*, 22, 389-398.
- Schoppe-Sullivan, S. J., Mangelsdorf, S. C., Frosch, C. A., & McHale, J. L. (2004). Associations between coparenting and marital behavior from infancy to the preschool years. *Journal of Family Psychology*, 18, 194-207.
- Singer, E., van Hoewyk, J., & Maher, M. P. (2000). Experiments with incentives in telephone surveys. *Public Opinion Quarterly*, 64, 171–188.
- Struss, M., Pfeiffer, C. Preuss, U. & Felder, W. (2001). Adolescents from divorced families and their perceptions of visitations arrangements and factors influencing parent-child contact. *Journal of Divorce and Remarriage*, 35 (1-2), 75-89.
- Talbot J., McHale J. (2004). Individual parent adjustment moderates the relationship between marital and coparenting quality. *Journal of Adult Development*, 11, 191 – 205
- Tashiro, T., Frazier, P. & Berman, M. (2006) Stress related growth following divorce and relationship dissolution. In M. Fine & J. Harvey (Eds.), *Handbook of divorce and relationship dissolution* (pp. 361 – 384). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum
- Thomson, E., Mosley, J., Hanson, T. L. and McLanahan, S. S. (2001), Remarriage, Cohabitation, and Changes in Mothering Behavior. *Journal of Marriage and Family*, 63: 370–380
- Van Egeren, L. A. & Hawkins, D. P. (2004). Coming to terms with coparenting: implications of definition and measurement. *Journal of Adult Development*, 11 (3), 165-178.

- Vaughn A. (2000). The dynamics of coparenting in family interactions. Dissertation Abstracts International-Section B-The Sciences and Engineering
- Wendt, N., & Crepaldi, M. A. (2007). A utilização do genograma como instrumento de coleta de dados na pesquisa qualitativa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21 (2), 302-310.
- Williams, S. & Williams, W. (2005) Family Resiliency and Stress Theories. *My Family, Past, Present and Future: A personal exploration of marriage and the family*. Pearson Custom Publishing

Anexo A

Questionário Sociodemográfico

Questionário Sociodemográfico

1. Sexo:

- Masculino
- Feminino

2. Idade: _____

3. Nível de Escolaridade:

- Menos de 4 anos
- 1.º Ciclo ou equivalente (4 anos)
- 2.º Ciclo ou equivalente (5 - 6 anos)
- 3.º Ciclo ou equivalente (7 - 9 anos)
- Ensino Secundário (10 – 12 anos)
- Ensino Superior

4. Estatuto Relacional Atual:

- Divorciado(a), atualmente envolvido(a) numa relação amorosa (sem coabitação)
- Divorciado(a), atualmente não envolvido(a) numa relação amorosa
- Separado(a), atualmente envolvido(a) numa relação amorosa (sem coabitação)
- Separado(a), atualmente não envolvido(a) numa relação amorosa

5. Número de filhos (com idade inferior a 18 anos):

6. Idade dos filhos:

7. Agregado Familiar antes da separação conjugal (indique com quem habitava, por exemplo, filho(a); mãe/pai; marido/esposa; parceiro(a):

8. Agregado Familiar atual (indique com quem habita, atualmente, por exemplo, filho(a); mãe/pai; sozinho(a):

Anexo B

Questionário da Separação Conjugal

Questionário da Separação Conjugal

1. Duração da relação conjugal:

2. Duração da separação conjugal (em meses):

3. Como se posiciona face à decisão da separação conjugal?

Totalmente decisão do ex- parceiro/da ex- parceira	Principalmente decisão do ex- parceiro/da ex- parceira	Decisão mútua	Principalmente decisão minha	Totalmente decisão minha
1	2	3	4	5

4. Como se posiciona face aos problemas conjugais que levaram à separação conjugal?

Devido totalmente ao ex-parceiro/à ex-parceira	Devido principalmente ao ex-parceiro/à ex- parceira	Devido a ambos	Devido principalmente a mim	Devido totalmente a mim
1	2	3	4	5

5. Qual o seu grau de concordância com a separação conjugal? (de 1 – Totalmente Contra a 5 – Totalmente a Favor)

Totalmente contra				Totalmente a favor
1	2	3	4	5

6. Como foram estabelecidos os acordos relativos às responsabilidades parentais?

- Por mim e pelo outro progenitor
- Mediação Familiar
- Tribunal
- Outras formas (Indique quais): _____

7. Qual o grau de dificuldade no estabelecimento de acordos sobre as responsabilidades parentais? (de 1 – Muito Fácil a 5 – Muito Difícil)

Muito fácil				Muito difícil
1	2	3	4	5

8. Qual o seu grau de satisfação com os acordos estabelecidos sobre as responsabilidades parentais? (de 1 – Nada Satisfeito/a a 5 – Totalmente Satisfeito/a)

Nada satisfeito(a)				Totalmente satisfeito(a)
1	2	3	4	5

9. Na maior parte do tempo com quem vivem os vossos filhos? (*)

(*) Caso vivam a maior parte do tempo consigo, avance para a questão 12

10. Qual o canal de comunicação mais usado no contacto com os filhos?

Indique apenas um.

- Presencial
- Telefónico
- Online
- Carta
- Outros (Indique quais:) _____

11. Qual a frequência de contactos com os filhos?

Menos de uma vez por mês	Uma vez por mês	Duas/Três vezes por mês	Uma vez por semana	Duas ou mais vezes por semana
1	2	3	4	5

12. Qual o seu grau de satisfação na relação estabelecida com os filhos? (de 1 – Nada Satisfeito/a a 5 – Totalmente Satisfeito/a)

Nada Satisfeito(a)				Totalmente Satisfeito(a)
1	2	3	4	5

13. Existe contacto com o outro progenitor?

- Sim
- Não ^(*)

^(*) Caso não exista relação, a resposta a este questionário termina.

14. Qual o canal de comunicação mais usado no contacto com o outro progenitor?

Indique apenas um.

- Presencial
- Telefónico
- Online
- Carta
- Outros (Indique quais:) _____

15. Qual a frequência de contactos com o outro progenitor?

Menos de uma vez por mês	Uma vez por mês	Duas/Três vezes por mês	Uma vez por semana	Duas ou mais vezes por semana
1	2	3	4	5

16. Qual a duração dos contactos com o outro progenitor? (Tempo médio)

Menos de cinco minutos		Entre 20 a 30 minutos		Uma hora ou mais
1	2	3	4	5

17. Qual o seu grau de satisfação na relação estabelecida com o outro progenitor?

(de 1 – Nada Satisfeito/a a 5 – Totalmente Satisfeito/a)

Nada Satisfeito(a)				Totalmente Satisfeito(a)
1	2	3	4	5

18. Qual a frequência com que você e o pai/a mãe dos vossos filhos conversam sobre cada um dos seguintes assuntos da vida dos filhos.

	Nunca	Poucas vezes	Às vezes	Muitas vezes	Sempre	Não se aplica
Decisões relativas à vida dos filhos						
Decisões relativas ao dia-a-dia dos filhos						
Dificuldades dos filhos						
Formas de educar os filhos						
Vida escolar dos filhos						
Atividades extracurriculares e/ou religiosas dos filhos						
Saúde dos filhos						
Relação estabelecida com os filhos						
Progressos e sucessos dos filhos						
Adaptação dos filhos à separação conjugal						
Finanças relacionadas com os filhos						
Outros (Indique quais): _____						

19. Qual a frequência com que você e o pai/a mãe dos vossos filhos conversam sobre cada um dos seguintes assuntos das vossas vidas pessoais?

	Nunca	Poucas vezes	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
Familiares					
Amigos					
Atividade Profissional					
Dificuldades Pessoais					
Progressos e Sucessos Pessoais					
Adaptação pessoal à separação conjugal					
Saúde					
Relações amorosas					
Atividades de tempos livres					
Finanças não relacionadas com os filhos					
Reconciliação					
Outros (Indique quais): _____					

20. Como classifica a relação atual estabelecida com o outro progenitor?

Muito Má		Razoável		Muito Boa
1	2	3	4	5

Anexo C

Questionário da Coparentalidade (QC)

Versão Feminina:

Indique de 1 (Nunca) a 5 (Sempre) com que frequência o pai dos vossos filhos atua consigo nos diferentes modos referidos abaixo:

	<u>O pai...</u>	Nunca	Poucas vezes	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
1.	...conta-me muitas coisas acerca dos nossos filhos	1	2	3	4	5
2.	...põe-me a par do que acontece no dia-a-dia dos nossos filhos	1	2	3	4	5
3.	...fala muito bem de mim aos nossos filhos	1	2	3	4	5
4.	...pergunta a minha opinião sobre assuntos relacionados com os nossos filhos	1	2	3	4	5
5.	...participa na resolução dos problemas de comportamento dos nossos filhos	1	2	3	4	5
6.	...diz coisas negativas acerca de mim aos nossos filhos	1	2	3	4	5
7.	...usa os filhos contra mim	1	2	3	4	5
8.	... tenta manipular os filhos para que tomem o partido de um de nós	1	2	3	4	5
9.	...envia-me mensagens pelos filhos em vez de falar diretamente comigo	1	2	3	4	5
10.	...e eu temos regras diferentes no que diz respeito à alimentação, rotinas diárias, hora de deitar ou trabalhos escolares dos filhos	1	2	3	4	5
11.	...e eu temos níveis diferentes de exigência relativamente ao comportamento dos nossos filhos	1	2	3	4	5
12.	...conversa comigo sobre assuntos da vida dos nossos filhos	1	2	3	4	5
13.	...concorda com as minhas decisões quanto à disciplina dos nossos filhos	1	2	3	4	5
14.	...enfraquece, pouco a pouco, a minha posição de mãe.	1	2	3	4	5

Versão Masculina:

Indique de 1 (Nunca) a 5 (Sempre) com que frequência a mãe dos vossos filhos atua consigo nos diferentes modos referidos abaixo:

	<u>A mãe...</u>	Nunca	Poucas vezes	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
1.	...conta-me muitas coisas acerca dos nossos filhos	1	2	3	4	5
2.	...põe-me a par do que acontece no dia-a-dia dos nossos filhos	1	2	3	4	5
3.	...fala muito bem de mim aos nossos filhos	1	2	3	4	5
4.	...pergunta a minha opinião sobre assuntos relacionados com os nossos filhos	1	2	3	4	5
5.	...participa na resolução dos problemas de comportamento dos nossos filhos	1	2	3	4	5
6.	...diz coisas negativas acerca de mim aos nossos filhos	1	2	3	4	5
7.	...usa os filhos contra mim	1	2	3	4	5
8.	... tenta manipular os filhos para que tomem o partido de um de nós	1	2	3	4	5
9.	...envia-me mensagens pelos filhos em vez de falar diretamente comigo	1	2	3	4	5
10.	...e eu temos regras diferentes no que diz respeito à alimentação, rotinas diárias, hora de deitar ou trabalhos escolares dos filhos	1	2	3	4	5
11.	...e eu temos níveis diferentes de exigência relativamente ao comportamento dos nossos filhos	1	2	3	4	5
12.	...conversa comigo sobre assuntos da vida dos nossos filhos	1	2	3	4	5
13.	...concorda com as minhas decisões quanto à disciplina dos nossos filhos	1	2	3	4	5
14.	...enfraquece, pouco a pouco, a minha posição de pai	1	2	3	4	5

Anexo D

Boundary Ambiguity Scale for Divorced Adults (BASDA)

BASDA

Versão Masculina

Utilize a escala de 1 (Nunca) a 5 (Sempre) para indicar a forma como se sente relativamente à separação conjugal.

	Nunca	Poucas vezes	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
	1	2	3	4	5
___	1.	Continuo a considerar-me o marido/parceiro da minha ex-mulher/ex-parceira			
___	2.	Atualmente, sinto-me confortável ao referir-me a mim próprio como pessoa separada			
___	3.	Sinto-me incomodado ao imaginar a minha ex-mulher/ex-parceira com outra pessoa			
___	4.	Dou por mim a pensar sobre onde está a minha ex-mulher/ex-parceira e o que ela está a fazer			
___	5.	Sinto que de algum modo estarei sempre ligado à minha ex-mulher/ex-parceira			
___	6.	Continuo a ter em conta os conselhos da minha ex-mulher/ex-parceira sobre decisões pessoais importantes (por exemplo: saúde, emprego)			
___	7.	Continuo a manter viva a esperança de me voltar a juntar com a minha ex-mulher/ex-parceira			
___	8.	Continuo a ter esperança de que a minha relação com a minha ex-mulher/ex-parceira irá ser mais íntima			
___	9.	Sinto-me competente a realizar tarefas domésticas e outras tarefas fora de casa que eram habitualmente realizadas pela minha ex-mulher/ex-parceira			
___	10.	Sinto-me culpado por ter novas relações amorosas (ou por desejar ter novas relações amorosas)			
___	11.	Sinto que recuperei completamente da minha separação conjugal			
___	12.	Continuo a considerar alguns membros da família da minha ex-mulher/ex-parceira como fazendo parte da minha família			
___	13.	Sinto-me incapaz de estabelecer relações amorosas com outra pessoa			
___	14.	Dou por mim a pedir conselhos à minha ex-mulher/ex-parceira sobre áreas com			

as quais ela costumava lidar

- _____ 15. Algumas vezes questiono-me sobre que opinião teria ou que comentário faria a minha ex-mulher/ex-parceira sobre coisas que acontecem ou que vejo durante o dia
- _____ 16. Eu e a minha ex-mulher/ex-parceira conversamos sobre os nossos novos relacionamentos
- _____ 17. Eu e os meus filhos conseguimos falar da minha ex-mulher/ex-parceira sem ficarmos emocionalmente perturbados
- _____ 18. Preocupa-me que os meus filhos se sintam apanhados no meio do conflito entre mim e a minha ex-mulher/ex-parceira
- _____ 19. Eu a minha ex-mulher/ex-parceira concordamos na forma de partilhar as responsabilidades parentais
- _____ 20. Os meus filhos têm conhecimento dos factos e sentem-se bem com a separação conjugal
- _____ 21. Eu e a minha ex-mulher/ex-parceira temos dificuldade em falar sobre assuntos financeiros relacionados com os nossos filhos
- _____ 22. Parecemos uma família quando eu e os meus filhos estamos juntos sem a minha ex-mulher/ex-parceira

Versão Feminina

Utilize a escala de 1 (Nunca) a 5 (Sempre) para classificar a forma como se sente em relação à separação conjugal.

	Nunca	Poucas vezes	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
	1	2	3	4	5
___	1.	Continuo a considerar-me a mulher/parceira do meu ex-marido/parceiro			
___	2.	Atualmente, sinto-me confortável ao referir-me a mim própria como pessoa separada			
___	3.	Sinto-me incomodada ao imaginar o meu ex-marido/parceiro com outra pessoa			
___	4.	Dou por mim a pensar sobre onde está o meu ex-marido/parceiro e o que ele está a fazer			
___	5.	Sinto que de algum modo estarei sempre ligado ao meu ex-marido/parceiro			
___	6.	Continuo a ter em conta os conselhos do meu ex-marido/parceiro sobre decisões pessoais importantes (por exemplo: saúde, emprego)			
___	7.	Continuo a manter viva a esperança de me voltar a juntar com o meu ex-marido/parceiro			
___	8.	Continuo a ter esperança de que a minha relação com o meu ex-marido/parceiro irá ser mais íntima			
___	9.	Sinto-me competente a realizar tarefas domésticas e outras tarefas fora de casa que eram habitualmente realizadas pelo meu ex-marido/parceiro			
___	10.	Sinto-me culpada por ter novas relações amorosas (ou por desejar ter novas relações amorosas)			
___	11.	Sinto que recuperei completamente da minha separação conjugal			
___	12.	Continuo a considerar alguns membros da família do meu ex-marido/parceiro como fazendo parte da minha família			
___	13.	Sinto-me incapaz de estabelecer relações amorosas com outra pessoa			
___	14.	Dou por mim a pedir conselhos ao meu ex-marido/parceiro sobre áreas com as quais ela costumava lidar			
___	15.	Algumas vezes questiono-me sobre que opinião teria ou que comentário faria o meu ex-marido/parceiro sobre coisas que acontecem ou que vejo durante o dia			

- ____ 16. Eu e o meu ex-marido/parceiro e eu conversamos os nossos novos relacionamentos
- ____ 17. Eu e os meus filhos conseguimos falar do meu ex-marido/parceiro sem ficar emocionalmente perturbados
- ____ 18. Preocupa-me que os meus filhos se sintam apanhados no meio do conflito entre mim e o meu ex-marido/parceiro
- ____ 19. Eu e o meu ex-marido/parceiro concordamos sobre a forma de partilhar as responsabilidades parentais
- ____ 20. Os meus filhos têm conhecimento dos factos e sentem-se bem com a separação conjugal
- ____ 21. Eu e o meu ex-marido/parceiro temos dificuldade em falar sobre assuntos financeiros relacionados com os nossos filhos
- ____ 22. Parecemos uma família quando eu e os meus filhos estamos juntos sem o meu ex-marido/parceiro

Protegido por Direitos de Autor

Anexo E

Consentimento Informado

Consentimento Informado

O meu nome é Sara Maria Azinhais Frade. O presente estudo enquadra-se no âmbito do plano curricular do Mestrado Integrado em Psicologia, da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, e insere-se no meu trabalho de dissertação, sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Helena Afonso.

Solicita-se a sua colaboração neste estudo, respondendo *online* a um conjunto de questões relativas à sua experiência acerca da separação conjugal.

A duração esperada da sua participação é de aproximadamente 30 minutos.

Não são antecipados riscos ou inconveniências para os participantes deste estudo.

O seu anonimato será mantido, não sendo registado o seu nome ou qualquer outro elemento identificativo, e os seus dados serão totalmente confidenciais.

A sua participação apenas será válida se responder a todas as questões apresentadas. Contudo, se assim o desejar, poderá desistir de participar a qualquer momento.

Para participar no estudo, deverá confirmar que preenche as seguintes condições:

- Ser maior de idade (ter, pelo menos, 18 anos);
- Ter nacionalidade portuguesa e ter como língua materna o Português;
- Ter sido casado(a) ou vivido em união de facto apenas uma vez e essa coabitação ter sido igual ou superior a 6 meses;
- Ter pelo menos um filho/uma filha com idade inferior a 18 anos, fruto dessa relação de coabitação;
- Estar separado(a), não vivendo na mesma casa que o ex-parceiro/ex-parceira, há menos de 3 anos;

- Não ter voltado a casar ou viver em união de facto após a separação conjugal (não existir coabitação com novos parceiros)
- Não ter, atualmente, acompanhamento psicológico, psicoterapêutico ou psiquiátrico.

Os objetivos deste estudo requerem que preencha todos os critérios acima referidos.

Para participar, deverá preencher todas essas condições.

Caso não preencha alguma delas não deverá prosseguir.

Caso pretenda receber um sumário dos resultados desta investigação poderá contactar-me através do e-mail: saramfrade@gmail.com. O mesmo contacto servirá para o esclarecimento de qualquer dúvida relacionada com este estudo. Após a entrega da dissertação, esta ficará integralmente disponível no repositório da Universidade de Lisboa (repositorio.ul.pt/), caso pretenda consultá-la, basta pesquisar pelo meu nome.

Caso conheça alguém que reúna as condições de participação nesta investigação não hesite em dar-lhe a conhecer esta investigação.

Muito obrigada pela sua disponibilidade e colaboração neste estudo!

Sara Frade

Ao clicar na seguinte declaração, estará a certificar que é maior de 18 anos, que leu, compreendeu e concordou com as indicações acima referidas, e que aceita colaborar livre e voluntariamente nesta investigação.

☐ Declaro ter mais de 18 anos. Li, compreendi e concordo com as indicações acima indicadas. A minha colaboração nesta investigação é voluntária.

Anexo F

Caracterização da Amostra

<i>Características da amostra</i>			
	% (n)	M	dp
Sexo			
Masculino	54,5% (n = 30)		
Feminino	45,5% (n = 25)		
Idade		M = 37,44	dp = 5,80
Nível de Escolaridade			
3.º Ciclo	5,5% (n = 3)		
Ensino Secundário	34,5% (n = 19)		
Ensino Superior	60% (n = 33)		
Estatuto relacional atual			
Separado(a) sem relação	30,9% (n = 17)		
Separado(a) com relação	25,5% (n = 14)		
Divorciado(a) sem relação	27,3% (n = 15)		
Divorciado(a) com relação	16,4% (n = 9)		
Número de Filhos			
Um	65,5% (n = 36)		
Dois	27,3% (n = 15)		
Três	7,3% (n = 4)		
Idade dos Filhos		M = 7,5	dp = 4,82
Duração da Relação Conjugal		M = 9,18	dp = 5,73
Duração da Separação Conjugal		M = 17,03	dp = 12,02

Anexo G

Descrição das variáveis da relação coparental

Frequência e duração de contato, canal de comunicação usado com o outro progenitor

	% (n)	M	dp
Canal de comunicação			
Presencial	14,5% (n= 8)		
Telefônico	38,2% (n = 21)		
Online	9,1% (n = 5)		
Advogada	7,3% (n = 4)		
Frequência de contato			
1	7,3% (n = 4)		
2	7,3% (n = 4)	3,76	1,36
3	7,3% (n = 4)		
4	20,0% (n = 11)		
5	27,3% (n = 15)		
Duração de contato			
1	25,5% (n = 14)		
2	16,4% (n = 9)	2,53	1,59
3	9,1% (n = 5)		
4	1,8% (n = 1)		
5	16,4% (n = 9)		

Conteúdos parentais abordados pelos progenitores: percentagens, médias e desvios padrão

Conteúdos	1	2	3	4	5	M	dp
Vida	9,1%	16,4%	12,7%	16,4%	14,5%	3,16	1,37
Dia-a-dia	16,4%	16,4%	18,2%	12,7%	5,5 %	2,63	1,26
Dificuldades	12,7%	21,8%	12,7%	10,9%	10,9%	2,79	1,36
Formas de educar	18,2%	16,4%	14,5%	12,7%	7,3%	2,63	1,34
Vida escolar	14,5%	16,4%	14,5%	5,5%	12,7%	2,77	1,44
Atividades extra	21,8%	10,9%	16,4%	3,6%	10,9%	2,54	1,46
Saúde	5,5%	16,4%	20,0%	10,9%	16,4%	3,24	1,28
Relação	10,9%	25,5%	20,0%	9,1%	3,6%	2,55	1,08
Progressos	12,7%	16,4%	21,8%	9,1%	9,1%	2,79	1,28
Adaptação	25,5%	16,4%	14,5%	7,3%	5,5%	2,29	1,29
Finanças	18,2%	10,9%	20,0%	12,7%	5,5%	2,65	1,30
Outro(s)			3,6%				
Estado emocional			1,8%			3	
Falta de empenho			1,8%			3	

1- Nunca; 2 – Poucas vezes; 3 – Às vezes; 4 – Muitas vezes; 5 - Sempre

Conteúdos não parentais abordados pelos progenitores: percentagens, médias e desvios padrão

Conteúdos	1	2	3	4	5	M	dp
Famíliares	27,3%	30,9%	9,1%	1,8%		1,79	,78
Amigos	38,2%	21,8%	7,3%	1,8%		1,61	,79
Profissão	27,3%	25,5%	12,7%	1,8%	1,8%	1,92	,97
Dificuldades	34,5%	27,3%	7,3%			1,61	,68
Progressos	36,4%	23,6%	9,1%			1,61	,72
Adaptação	47,3%	18,2%	3,6%			1,37	,59
Saúde	30,9%	30,9%	7,3%			1,66	,67
Relações amorosas	49,1%	16,4%	3,6%			1,34	,58
Tempos livres	43,6%	14,5%	10,9%			1,53	,76
Finanças	47,3%	14,5%	7,3%			1,42	,68
Reconciliação	58,2%	7,3%	3,6%			1,21	,53
Outro(s)			7,2%				
Felicidade			1,8%			3	
Dinâmica relacional				1,8%		4	
Disponibilidade				1,8%		4	
Contato				1,88%		4	

1- Nunca; 2 – Poucas vezes; 3 – Às vezes; 4 – Muitas vezes; 5 - Sempre

Satisfação na relação com o outro progenitor: percentagens, média e desvio padrão

	% (n)	M	dp
Satisfação			
1	27,3% (n = 15)		
2	12,7% (n = 7)	2,24	1,24
3	18,2% (n = 10)		
4	7,3% (n = 4)		
5	3,6% (n = 2)		

Natureza da relação com o outro progenitor: percentagens, média e desvio padrão

	% (n)	M	dp
Classificação			
1	18,2% (n = 10)		
2	20,0% (n = 11)	2,26	,95
3	25,5% (n = 14)		
4	5,5% (n = 3)		
5	0% (n = 0)		

Canais de comunicação usados e frequência de contacto com os filhos: percentagens, médias e desvios padrão

	% (n)	M	dp
Canal de comunicação			
Presencial	27,3% (n = 15)		
Telefónico	10,9% (n = 6)		
Online	5,5% (n = 3)		
Advogado/a	1,8% (n = 1)		
Nenhum	7,3% (n = 4)		
Frequência (N = 51)			
1	7,3% (n = 4)		
2	1,8% (n = 1)	3,60	1,47
3	10,9% (n = 6)		
4	7,3% (n = 4)		
5	18,2% (n = 10)		

Satisfação na relação estabelecida com os filhos: percentagens, média e desvio padrão

	% (n)	M	dp
Satisfação (N = 51)			
1	21,6% (n = 11)		
2	7,8% (n = 4)	3,41	1,56
3	13,7% (n = 7)		
4	21,6% (n = 11)		
5	35,3% (n = 18)		

Descrição do estabelecimento de acordos parentais

	% (n)
Por mim e pelo outro progenitor	45,5% (n = 25)
Mediação familiar	1,8% (n = 1)
Tribunal	43,6% (n = 24)
Advogado/a	3,6% (n = 2)
Ainda não foram definidos	5,5% (n = 3)

Descrição da dificuldade e satisfação no estabelecimento dos acordos: percentagens, média e desvio padrão (N = 52)

		% (n)	M	dp
Satisfação	1	17,3% (n = 9)	3,46	1,53
	2	11,5% (n = 6)		
	3	17,3% (n = 9)		
	4	15,4% (n = 8)		
	5	38,5% (n = 20)		
	1	32,7% (n = 17)	2,54	1,35
	2	15,4% (n = 8)		
	3	26,9% (n = 14)		
	4	15,4% (n = 8)		
	5	9,6% (n = 5)		

Anexo H

Correlações entre as variáveis da natureza da relação coparental

Correlação entre variáveis da relação coparental (coeficiente de Pearson)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
1	1	-,366	,692 ^{**}	, ^b	, ^b	, ^b	-,600 ^{**}	,308	,382	,877 ^{**}	,745 ^{**}	,598 ^{**}	,700 ^{**}	,680 ^{**}	,679 ^{**}	,755 ^{**}
2	-,366	1	,212	, ^b	, ^b	, ^b	,494 [*]	-,395	-,166	-,413	-,082	-,107	-,290	-,190	-,269	-,345
3	,692 ^{**}	,212	1	, ^b	, ^b	, ^b	-,143	-,125	,224	,405	,742 ^{**}	,425	,494 [*]	,513 [*]	,542 [*]	,418
4	, ^b	, ^b	, ^b	1	-,413	,296	-,019	,353	,346	,655 ^{**}	,640 ^{**}	,692 ^{**}	,656 ^{**}	,699 ^{**}	,590 ^{**}	,722 ^{**}
5	, ^b	, ^b	, ^b	-,413	1	,525 [*]	,073	-,240	-,412	-,242	-,112	-,072	-,120	-,028	-,137	-,331
6	, ^b	, ^b	, ^b	,296	,525 [*]	1	,208	,177	,035	,195	,381	,434 [*]	,429	,461 [*]	,290	,148
7	-,600 ^{**}	,494 [*]	-,143	-,019	,073	,208	1	-,697 ^{**}	-,414 ^{**}	-,449 ^{**}	-,245	-,335 ^{**}	-,399 ^{**}	-,315	-,342 [*]	-,337 [*]
8	,308	-,395	-,125	,353	-,240	,177	-,697 ^{**}	1	,527 ^{**}	,533 ^{**}	,390	,514 ^{**}	,462 ^{**}	,424 ^{**}	,414 ^{**}	,322
9	,382	-,166	,224	,346	-,412	,035	-,414 ^{**}	,527 ^{**}	1	,409 [*]	,458 ^{**}	,491 ^{**}	,324 [*]	,373 [*]	,362 [*]	,471 ^{**}
10	,877 ^{**}	-,413	,405	,655 ^{**}	-,242	,195	-,449 ^{**}	,533 ^{**}	,409 [*]	1	,600 ^{**}	,697 ^{**}	,720 ^{**}	,751 ^{**}	,594 ^{**}	,669 ^{**}
11	,745 ^{**}	-,082	,742 ^{**}	,640 ^{**}	-,112	,381	-,245	,390 [*]	,458 ^{**}	,600 ^{**}	1	,850 ^{**}	,790 ^{**}	,798 ^{**}	,797 ^{**}	,765 ^{**}
12	,598 ^{**}	-,107	,425	,692 ^{**}	-,072	,434 [*]	-,335 ^{**}	,514 ^{**}	,491 ^{**}	,697 ^{**}	,850 ^{**}	1	,789 ^{**}	,859 ^{**}	,850 ^{**}	,802 ^{**}
13	,700 ^{**}	-,290	,494 [*]	,656 ^{**}	-,120	,429	-,399 [*]	,462 ^{**}	,324 [*]	,720 ^{**}	,790 ^{**}	,789 ^{**}	1	,903 ^{**}	,772 ^{**}	,741 ^{**}
14	,680 ^{**}	-,190	,513 [*]	,699 ^{**}	-,028	,461 [*]	-,315	,424 ^{**}	,373 [*]	,751 ^{**}	,798 ^{**}	,859 ^{**}	,903 ^{**}	1	,763 ^{**}	,724 ^{**}
15	,679 ^{**}	-,269	,542 [*]	,590 ^{**}	-,137	,290	-,342 [*]	,414 [*]	,362 [*]	,594 ^{**}	,797 ^{**}	,850 ^{**}	,772 ^{**}	,763 ^{**}	1	,812 ^{**}
16	,755 ^{**}	-,345	,418	,722 ^{**}	-,331	,148	-,337 [*]	,322	,471 ^{**}	,669 ^{**}	,765 ^{**}	,802 ^{**}	,741 ^{**}	,724 ^{**}	,812 ^{**}	1
17	,775 ^{**}	-,325	,487 [*]	,620 ^{**}	-,096	,371	-,336 [*]	,454 ^{**}	,441 ^{**}	,729 ^{**}	,780 ^{**}	,841 ^{**}	,758 ^{**}	,757 ^{**}	,782 ^{**}	,804 ^{**}
18	,878 ^{**}	-,133	,742 ^{**}	,553 ^{**}	-,334	,111	-,253	,262	,319	,665 ^{**}	,725 ^{**}	,668 ^{**}	,742 ^{**}	,794 ^{**}	,710 ^{**}	,675 ^{**}
19	,884 ^{**}	-,353	,670 ^{**}	,706 ^{**}	-,257	,225	-,298	,275	,330 [*]	,801 ^{**}	,779 ^{**}	,756 ^{**}	,815 ^{**}	,851 ^{**}	,807 ^{**}	,801 ^{**}
20	,902 ^{**}	-,208	,629 ^{**}	,706 ^{**}	-,181	,239	-,253	,317	,326 [*]	,766 ^{**}	,785 ^{**}	,714 ^{**}	,728 ^{**}	,794 ^{**}	,697 ^{**}	,763 ^{**}
21	,791 ^{**}	-,243	,562 [*]	,509 [*]	-,383	,233	-,307	,327 [*]	,240	,580 ^{**}	,578 ^{**}	,529 ^{**}	,620 ^{**}	,575 ^{**}	,575 ^{**}	,603 ^{**}
22	,623 ^{**}	-,352	,485 [*]	,248	,143	,418	-,282	,223	,113	,362 [*]	,185	,250	,290	,260	,216	,160
23	,301	,096	,483 [*]	,469 [*]	,002	,498 [*]	-,215	,392 [*]	,230	,374 [*]	,335 [*]	,420 ^{**}	,374 [*]	,419 ^{**}	,280	,223
24	,443	-,017	,494 [*]	,658 ^{**}	-,313	,305	-,328 [*]	,460 ^{**}	,264	,623 ^{**}	,479 ^{**}	,528 ^{**}	,623 ^{**}	,579 ^{**}	,411 [*]	,379 [*]
25	,322	,050	,541 [*]	,460 [*]	-,139	,200	-,143	,018	,008	,242	,156	,204	,347 [*]	,280	,200	,074
26	,348	,119	,505 [*]	,528 [*]	-,327	,117	-,186	,210	,144	,351 [*]	,286	,283	,439 ^{**}	,377 [*]	,225	,125
27	,091	,083	,094	,312	-,148	,245	-,014	,007	,047	,062	,027	,078	,032	,074	-,044	-,052
28	,516 [*]	-,213	,461	,216	,235	,350	-,340 [*]	,324 [*]	,349 [*]	,361 [*]	,327 [*]	,295	,365 [*]	,397 [*]	,136	,237
29	-,051	,404	,417	-,048	,471 [*]	,559 ^{**}	-,011	-,168	-,131	-,153	-,002	-,045	,093	,096	,033	-,189
30	,658 ^{**}	-,194	,570 [*]	,339	,010	,317	-,333 [*]	,368 [*]	,291	,494 ^{**}	,282	,292	,397 [*]	,379 [*]	,219	,172
31	,062	,191	,400	,238	-,083	,309	-,044	-,101	,174	,102	,101	,091	,215	,203	,101	,054
32	-,227	-,272	-,328	-,014	-,049	,108	-,131	-,028	-,018	,046	,103	,201	,176	,150	,218	,122
33	,814 ^{**}	-,356	,546 [*]	,469 [*]	-,688 ^{**}	-,269	-,437 ^{**}	,408 [*]	,520 ^{**}	,703 ^{**}	,530 ^{**}	,489 ^{**}	,484 ^{**}	,459 ^{**}	,356 ^{**}	,523 ^{**}

* p < .05; ** p < .01

1. Cooperação M; 2. Triangulação M; 3. Conflito M; 4. Cooperação F; 5. Triangulação F.; 6. Conflito F.; 7. Dificuldade acordos; 8. Satisfação acordos; 9. Satisfação filho. 10. Satisfação progenitor; 11. Vida dos filhos; 12. Dia a dia dos filhos; 13. Dificuldades; 14. Formas de educar; 15. Vida escolar; 16. Atividades extracurriculares; 17. Saúde; 18. Relação; 19. Progressos; 20. Adaptação à separação; 21. Finanças; 22. Familiares; 23. Amigos; 24. Profissão; 25. Dificuldades; 26. Progressos; 27. Adaptação à separação; 28. Saúde; 29. Novas relações; 30. Tempos livres; 31. Finanças. 32. Reconciliação; 33. Relação atual

Correlação entre variáveis da relação coparental (coeficiente de Pearson) (cont.)

	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33
1	,775	,878	,884	,902	,791	,623	,301	,443	,322	,348	,091	,516	-,051	,658	,062	-,227	,814
2	-,325	-,133	-,353	-,208	-,243	-,352	,096	-,017	,050	,119	,083	-,213	,404	-,194	,191	-,272	-,356
3	,487	,742	,670	,629	,562	,485	,483	,494	,541	,505	,094	,461	,417	,570	,400	-,328	,546
4	,620	,553	,706	,706	,509	,248	,469	,658	,460	,528	,312	,216	-,048	,339	,238	-,014	,469
5	-,096	-,334	-,257	-,181	-,383	,143	,002	-,313	-,139	-,327	-,148	,235	,471	,010	-,083	-,049	-,688
6	,371	,111	,225	,239	,233	,418	,498	,305	,200	,117	,245	,350	,559	,317	,309	,108	-,269
7	-,336	-,253	-,298	-,253	-,307	-,282	-,215	-,328	-,143	-,186	-,014	-,340	-,011	-,333	-,044	-,131	-,437
8	,454	,262	,275	,317	,327	,223	,392	,460	,018	,210	,007	,324	-,168	,368	-,101	-,028	,408
9	,441	,319	,330	,326	,240	,113	,230	,264	,008	,144	,047	,349	-,131	,291	,174	-,018	,520
10	,729	,665	,801	,766	,580	,362	,374	,623	,242	,351	,062	,361	-,153	,494	,102	,046	,703
11	,780	,725	,779	,785	,578	,185	,335	,479	,156	,286	,027	,327	-,002	,282	,101	,103	,530
12	,841	,668	,756	,714	,529	,250	,420	,528	,204	,283	,078	,295	-,045	,292	,091	,201	,489
13	,758	,742	,815	,728	,620	,290	,374	,623	,347	,439	,032	,365	,093	,397	,215	,176	,484
14	,757	,794	,851	,794	,575	,260	,419	,579	,280	,377	,074	,397	,096	,379	,203	,150	,459
15	,782	,710	,807	,697	,575	,216	,280	,411	,200	,225	-,044	,136	,033	,219	,101	,218	,356
16	,804	,675	,801	,763	,603	,160	,223	,379	,074	,125	-,052	,237	-,189	,172	,054	,122	,523
17	1	,662	,840	,756	,580	,214	,175	,320	,110	,134	,060	,286	-,148	,284	,037	,164	,547
18	,662	1	,810	,848	,693	,174	,262	,455	,158	,288	,054	,193	-,051	,162	,042	,075	,564
19	,840	,810	1	,824	,658	,254	,264	,467	,244	,290	,142	,293	-,046	,339	,197	,268	,582
20	,756	,848	,824	1	,699	,143	,194	,429	,134	,243	,034	,211	-,171	,253	-,019	-,013	,597
21	,580	,693	,658	,699	1	,208	,299	,382	,128	,211	,250	,153	-,016	,140	,050	,153	,520
22	,214	,174	,254	,143	,208	1	,698	,480	,555	,429	,233	,482	,223	,512	,375	-,021	,260
23	,175	,262	,264	,194	,299	,698	1	,700	,457	,528	,379	,556	,419	,624	,417	-,055	,250
24	,320	,455	,467	,429	,382	,480	,700	1	,608	,731	,242	,499	,193	,570	,419	,033	,493
25	,110	,158	,244	,134	,128	,555	,457	,608	1	,891	,306	,409	,419	,569	,601	,087	,207
26	,134	,288	,290	,243	,211	,429	,528	,731	,891	1	,417	,499	,396	,637	,624	,083	,315
27	,060	,054	,142	,034	,250	,233	,379	,242	,306	,417	1	,260	,332	,339	,544	,265	,112
28	,286	,193	,293	,211	,153	,482	,556	,499	,409	,499	,260	1	,309	,681	,442	-,173	,231
29	-,148	-,051	-,046	-,171	-,016	,223	,419	,193	,419	,396	,332	,309	1	,436	,647	,023	-,216
30	,284	,162	,339	,253	,140	,512	,624	,570	,569	,637	,339	,681	,436	1	,601	-,149	,364
31	,037	,042	,197	-,019	,050	,375	,417	,419	,601	,624	,544	,442	,647	,601	1	,272	,075
32	,164	,075	,268	-,013	,153	-,021	-,055	,033	,087	,083	,265	-,173	,023	-,149	,272	1	,102
33	,547	,564	,582	,597	,520	,260	,250	,493	,207	,315	,112	,231	-,216	,364	,075	,102	1

* p < .05; ** p < .01

1. Cooperação M; 2. Triangulação M; 3. Conflito M; 4. Cooperação F; 5. Triangulação F.; 6. Conflito F.; 7. Dificuldade acordos; 8. Satisfação acordos; 9. Satisfação filho. 10. Satisfação progenitor; 11. Vida dos filhos; 12. Dia a dia dos filhos; 13. Dificuldades; 14. Formas de educar; 15. Vida escolar; 16. Atividades extracurriculares; 17. Saúde; 18. Relação; 19. Progressos; 20. Adaptação à separação; 21. Finanças; 22. Familiares; 23. Amigos; 24. Profissão; 25. Dificuldades; 26. Progressos; 27. Adaptação à separação; 28. Saúde; 29. Novas relações; 30. Tempos livres; 31. Finanças. 32. Reconciliação; 33. Relação atual

Correlação entre variáveis da relação coparental (coeficiente de Spearman)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18
1	1,000	-,313	,709 ^{***}				-,587 ^{***}	,317	,362	,797 ^{***}	,773 ^{***}	,584 ^{***}	,722 ^{***}	,715 ^{***}	,701 ^{***}	,720 ^{***}	,781 ^{***}	,900 ^{***}
2	-,313	1,000	,283				,397	-,382	-,136	-,356	-,071	-,086	-,231	-,159	-,180	-,303	-,292	-,110
3	,709 ^{***}	,283	1,000				-,137	-,163	,259	,393	,727 ^{***}	,413	,425	,484 ^{***}	,518 ^{***}	,407	,453	,755 ^{***}
4				1,000	-,340	,101	,022	,327	,310	,644 ^{***}	,671 ^{***}	,719 ^{***}	,701 ^{***}	,717 ^{***}	,639 ^{***}	,780 ^{***}	,624 ^{***}	,550 ^{***}
5				-,340	1,000	,519 ^{***}	,077	-,047	-,409	-,145	-,022	,011	-,072	,008	-,070	-,183	-,093	-,393
6				,101	,519 ^{***}	1,000	,192	,073	-,231	,137	,291	,339	,347	,393	,210	0,000	,240	,030
7	-,587 ^{***}	,397	-,137	,022	,077	,192	1,000	-,712 ^{***}	-,392 ^{***}	-,437 ^{***}	-,252	-,351 ^{***}	-,393 ^{***}	-,338 ^{***}	-,338 ^{***}	-,338 ^{***}	-,335 ^{***}	-,322 ^{***}
8	,317	-,382	-,163	,327	-,047	,073	-,712 ^{***}	1,000	,508 ^{***}	,552 ^{***}	,395	,540 ^{***}	,482 ^{***}	,457 ^{***}	,436 ^{***}	,342 ^{***}	,469 ^{***}	,301
9	,362	-,136	,259	,310	-,409	-,231	-,392 ^{***}	,508 ^{***}	1,000	,386 ^{***}	,408 ^{***}	,482 ^{***}	,279	,317	,331	,452 ^{***}	,425 ^{***}	,284
10	,797 ^{***}	-,356	,393	,644 ^{***}	-,145	,137	-,437 ^{***}	,552 ^{***}	,386 ^{***}	1,000	,604 ^{***}	,713 ^{***}	,736 ^{***}	,786 ^{***}	,552 ^{***}	,632 ^{***}	,746 ^{***}	,692 ^{***}
11	,773 ^{***}	-,071	,727 ^{***}	,671 ^{***}	-,022	,291	-,252	,395 ^{***}	,408 ^{***}	,604 ^{***}	1,000	,855 ^{***}	,785 ^{***}	,793 ^{***}	,793 ^{***}	,762 ^{***}	,785 ^{***}	,720 ^{***}
12	,584 ^{***}	-,086	,413	,719 ^{***}	,011	,339	-,351 ^{***}	,540 ^{***}	,482 ^{***}	,713 ^{***}	,855 ^{***}	1,000	,786 ^{***}	,849 ^{***}	,832 ^{***}	,776 ^{***}	,858 ^{***}	,660 ^{***}
13	,722 ^{***}	-,231	,425	,701 ^{***}	-,072	,347	-,393 ^{***}	,482 ^{***}	,279	,736 ^{***}	,785 ^{***}	,786 ^{***}	1,000	,915 ^{***}	,752 ^{***}	,684 ^{***}	,738 ^{***}	,768 ^{***}
14	,715 ^{***}	-,159	,484 ^{***}	,717 ^{***}	,008	,393	-,338 ^{***}	,457 ^{***}	,317	,786 ^{***}	,793 ^{***}	,849 ^{***}	,915 ^{***}	1,000	,726 ^{***}	,675 ^{***}	,760 ^{***}	,783 ^{***}
15	,701 ^{***}	-,180	,518 ^{***}	,639 ^{***}	-,070	,210	-,338 ^{***}	,436 ^{***}	,331	,552 ^{***}	,793 ^{***}	,832 ^{***}	,752 ^{***}	,726 ^{***}	1,000	,769 ^{***}	,763 ^{***}	,668 ^{***}
16	,720 ^{***}	-,303	,407	,780 ^{***}	-,183	0,000	-,338 ^{***}	,342 ^{***}	,452 ^{***}	,632 ^{***}	,762 ^{***}	,776 ^{***}	,684 ^{***}	,675 ^{***}	,769 ^{***}	1,000	,763 ^{***}	,593 ^{***}
17	,781 ^{***}	-,292	,453	,624 ^{***}	-,093	,240	-,335 ^{***}	,469 ^{***}	,425 ^{***}	,746 ^{***}	,785 ^{***}	,858 ^{***}	,738 ^{***}	,760 ^{***}	,763 ^{***}	,763 ^{***}	1,000	,669 ^{***}
18	,900 ^{***}	-,110	,755 ^{***}	,550 ^{***}	-,393	,030	-,322 ^{***}	,301	,284	,692 ^{***}	,720 ^{***}	,660 ^{***}	,768 ^{***}	,783 ^{***}	,668 ^{***}	,593 ^{***}	,669 ^{***}	1,000
19	,893 ^{***}	-,313	,649 ^{***}	,757 ^{***}	-,252	,112	-,299	,293	,277	,824 ^{***}	,772 ^{***}	,745 ^{***}	,812 ^{***}	,843 ^{***}	,758 ^{***}	,756 ^{***}	,837 ^{***}	,815 ^{***}
20	,875 ^{***}	-,191	,652 ^{***}	,730 ^{***}	-,135	,176	-,306	,361 ^{***}	,299	,785 ^{***}	,816 ^{***}	,738 ^{***}	,742 ^{***}	,800 ^{***}	,665 ^{***}	,746 ^{***}	,768 ^{***}	,830 ^{***}
21	,768 ^{***}	-,221	,506 ^{***}	,495 ^{***}	-,435 ^{***}	,205	-,320	,332 ^{***}	,250	,558 ^{***}	,565 ^{***}	,513 ^{***}	,611 ^{***}	,551 ^{***}	,542 ^{***}	,532 ^{***}	,570 ^{***}	,655 ^{***}
22	,589 ^{***}	-,290	,465	,138	,186	,499 ^{***}	-,263	,183	,074	,326 ^{***}	,159	,191	,298	,272	,224	,105	,205	,208
23	,384	,026	,503 ^{***}	,362	,208	,543 ^{***}	-,221	,360 ^{***}	,201	,346 ^{***}	,321 ^{***}	,399 ^{***}	,420 ^{***}	,461 ^{***}	,332	,206	,196	,317
24	,507 ^{***}	-,039	,432	,715 ^{***}	-,263	,325	-,322 ^{***}	,405 ^{***}	,233	,637 ^{***}	,519 ^{***}	,560 ^{***}	,729 ^{***}	,663 ^{***}	,493 ^{***}	,452 ^{***}	,398 ^{***}	,595 ^{***}
25	,457	-,016	,449	,394	-,196	,209	-,142	-,011	,047	,286	,139	,190	,360 ^{***}	,284	,194	,064	,143	,198
26	,483 ^{***}	,017	,450	,514 ^{***}	-,322	,094	-,184	,186	,165	,405 ^{***}	,283	,291	,473 ^{***}	,392 ^{***}	,259	,162	,183	,359 ^{***}
27	,100	,057	,086	,263	-,123	,289	,056	-,068	-,022	,024	-,051	,006	-,046	-,012	-,050	-,070	,019	,040
28	,601 ^{***}	-,173	,471	,165	,264	,274	-,370 ^{***}	,316	,327 ^{***}	,390 ^{***}	,345 ^{***}	,351 ^{***}	,399 ^{***}	,459 ^{***}	,219	,304	,315	,269
29	,068	,344	,421	-,143	,340	,624 ^{***}	-,033	-,187	-,145	-,141	-,025	-,048	,106	,103	,007	-,230	-,161	-,028
30	,672 ^{***}	-,201	,585 ^{***}	,298	-,010	,301	-,348 ^{***}	,371 ^{***}	,264	,467 ^{***}	,259	,308	,388 ^{***}	,402 ^{***}	,227	,170	,319	,230
31	,210	,117	,368	,259	-,184	,339	-,092	-,051	,149	,164	,111	,103	,233	,207	,101	,087	,040	,067
32	-,232	-,283	-,336	-,042	-,090	,088	-,093	-,042	-,054	,021	-,013	,009	,024	-,044	,095	,042	,040	,019
33	,738 ^{***}	-,319	,572 ^{***}	,434 ^{***}	-,569 ^{***}	-,280	-,432 ^{***}	,403 ^{***}	,547 ^{***}	,696 ^{***}	,526 ^{***}	,502 ^{***}	,455 ^{***}	,449 ^{***}	,313	,507 ^{***}	,550 ^{***}	,597 ^{***}
34	,238	-,385	0,000	1,000 ^{***}	-,1000 ^{***}	-,1000 ^{***}	-,483 ^{***}	,563 ^{***}	,812 ^{***}	,234	,612 ^{***}	,620 ^{***}	,331	,384	,601 ^{***}	,666 ^{***}	,539 ^{***}	,311
35	,324	-,160	,333	,651 ^{***}	-,100	,174	-,088	,314	,286	,541 ^{***}	,621 ^{***}	,511 ^{***}	,465 ^{***}	,572 ^{***}	,563 ^{***}	,669 ^{***}	,502 ^{***}	,343 ^{***}
36	,593 ^{***}	,055	,643 ^{***}	,244	-,066	,047	-,079	,156	,365 ^{***}	,429 ^{***}	,428 ^{***}	,378 ^{***}	,285	,369 ^{***}	,307	,259	,267	,478 ^{***}

* p < .05; ** p < .01

1. Cooperação M; 2. Triangulação M; 3. Conflito M; 4. Cooperação F; 5. Triangulação F.; 6. Conflito F.; 7. Dificuldade acordos; 8. Satisfação acordos; 9. Satisfação filho. 10. Satisfação progenitor; 11. Vida dos filhos; 12. Dia a dia dos filhos; 13. Dificuldades; 14. Formas de educar; 15. Vida escolar; 16. Atividades extracurriculares; 17. Saúde; 18. Relação; 19. Progressos; 20. Adaptação à separação; 21. Finanças; 22. Familiares; 23. Amigos; 24. Profissão; 25. Dificuldades; 26. Progressos; 27. Adaptação à separação; 28. Saúde; 29. Novas relações; 30. Tempos livres; 31. Finanças. 32. Reconciliação; 33. Relação atual; 34. Frequência cont filhos; 35. Frequência cont progenitor; 36. Duração cont filhos

Correlação entre variáveis da relação coparental (coeficiente de Spearman) (cont.)

	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
1	,893 [~]	,875 [~]	,768 [~]	,589 [~]	,384 [~]	,507 [~]	,457 [~]	,483 [~]	,100 [~]	,601 [~]	,068 [~]	,672 [~]	,210 [~]	-,232 [~]	,738 [~]	,238 [~]	,324 [~]	,593 [~]
2	-,313 [~]	-,191 [~]	-,221 [~]	-,290 [~]	,026 [~]	-,039 [~]	-,016 [~]	,017 [~]	,057 [~]	-,173 [~]	,344 [~]	-,201 [~]	,117 [~]	-,283 [~]	-,319 [~]	-,385 [~]	-,160 [~]	,055 [~]
3	,649 [~]	,652 [~]	,506 [~]	,465 [~]	,503 [~]	,432 [~]	,449 [~]	,450 [~]	,086 [~]	,471 [~]	,421 [~]	,585 [~]	,368 [~]	-,336 [~]	,572 [~]	0,000 [~]	,333 [~]	,643 [~]
4	,757 [~]	,730 [~]	,495 [~]	,138 [~]	,362 [~]	,715 [~]	,394 [~]	,514 [~]	,263 [~]	,165 [~]	-,143 [~]	,298 [~]	,259 [~]	-,042 [~]	,434 [~]	1,000 [~]	,651 [~]	,244 [~]
5	-,252 [~]	-,135 [~]	-,435 [~]	,186 [~]	,208 [~]	-,263 [~]	-,196 [~]	-,322 [~]	-,123 [~]	,264 [~]	,340 [~]	-,010 [~]	-,184 [~]	-,090 [~]	-,569 [~]	-,1000 [~]	-,100 [~]	-,066 [~]
6	,112 [~]	,176 [~]	,205 [~]	,499 [~]	,543 [~]	,325 [~]	,209 [~]	,094 [~]	,289 [~]	,274 [~]	,624 [~]	,301 [~]	,339 [~]	,088 [~]	-,280 [~]	-,1000 [~]	,174 [~]	,047 [~]
7	-,299 [~]	-,306 [~]	-,320 [~]	-,263 [~]	-,221 [~]	-,322 [~]	-,142 [~]	-,184 [~]	,056 [~]	-,370 [~]	-,033 [~]	-,348 [~]	-,092 [~]	-,093 [~]	-,432 [~]	-,483 [~]	-,088 [~]	-,079 [~]
8	,293 [~]	,361 [~]	,332 [~]	,183 [~]	,360 [~]	,405 [~]	-,011 [~]	,186 [~]	-,068 [~]	,316 [~]	-,187 [~]	,371 [~]	-,051 [~]	-,042 [~]	,403 [~]	,563 [~]	,314 [~]	,156 [~]
9	,277 [~]	,299 [~]	,250 [~]	,074 [~]	,201 [~]	,233 [~]	,047 [~]	,165 [~]	-,022 [~]	,327 [~]	-,145 [~]	,264 [~]	,149 [~]	-,054 [~]	,547 [~]	,812 [~]	,286 [~]	,365 [~]
10	,824 [~]	,785 [~]	,558 [~]	,326 [~]	,346 [~]	,637 [~]	,286 [~]	,405 [~]	,024 [~]	,390 [~]	-,141 [~]	,467 [~]	,164 [~]	,021 [~]	,696 [~]	,234 [~]	,541 [~]	,429 [~]
11	,772 [~]	,816 [~]	,565 [~]	,159 [~]	,321 [~]	,519 [~]	,139 [~]	,283 [~]	-,051 [~]	,345 [~]	-,025 [~]	,259 [~]	,111 [~]	-,013 [~]	,526 [~]	,612 [~]	,621 [~]	,428 [~]
12	,745 [~]	,738 [~]	,513 [~]	,191 [~]	,399 [~]	,560 [~]	,190 [~]	,291 [~]	,006 [~]	,351 [~]	-,048 [~]	,308 [~]	,103 [~]	,009 [~]	,502 [~]	,620 [~]	,511 [~]	,378 [~]
13	,812 [~]	,742 [~]	,611 [~]	,298 [~]	,420 [~]	,729 [~]	,360 [~]	,473 [~]	-,046 [~]	,399 [~]	,106 [~]	,388 [~]	,233 [~]	,024 [~]	,455 [~]	,331 [~]	,465 [~]	,285 [~]
14	,843 [~]	,800 [~]	,551 [~]	,272 [~]	,461 [~]	,663 [~]	,284 [~]	,392 [~]	-,012 [~]	,459 [~]	,103 [~]	,402 [~]	,207 [~]	-,044 [~]	,449 [~]	,384 [~]	,572 [~]	,369 [~]
15	,758 [~]	,665 [~]	,542 [~]	,224 [~]	,332 [~]	,493 [~]	,194 [~]	,259 [~]	-,050 [~]	,219 [~]	,007 [~]	,227 [~]	,101 [~]	,095 [~]	,313 [~]	,601 [~]	,563 [~]	,307 [~]
16	,756 [~]	,746 [~]	,532 [~]	,105 [~]	,206 [~]	,452 [~]	,064 [~]	,162 [~]	-,070 [~]	,304 [~]	-,230 [~]	,170 [~]	,087 [~]	,042 [~]	,507 [~]	,666 [~]	,669 [~]	,259 [~]
17	,837 [~]	,768 [~]	,570 [~]	,205 [~]	,196 [~]	,398 [~]	,143 [~]	,183 [~]	,019 [~]	,315 [~]	-,161 [~]	,319 [~]	,040 [~]	,040 [~]	,550 [~]	,539 [~]	,502 [~]	,267 [~]
18	,815 [~]	,830 [~]	,655 [~]	,208 [~]	,317 [~]	,595 [~]	,198 [~]	,359 [~]	,040 [~]	,269 [~]	-,028 [~]	,230 [~]	,067 [~]	,019 [~]	,597 [~]	,311 [~]	,343 [~]	,478 [~]
19	1,000 [~]	,834 [~]	,642 [~]	,286 [~]	,290 [~]	,572 [~]	,292 [~]	,354 [~]	,115 [~]	,357 [~]	-,060 [~]	,382 [~]	,238 [~]	,137 [~]	,595 [~]	,414 [~]	,562 [~]	,402 [~]
20	,834 [~]	1,000 [~]	,642 [~]	,142 [~]	,229 [~]	,542 [~]	,182 [~]	,328 [~]	,039 [~]	,297 [~]	-,156 [~]	,279 [~]	,044 [~]	-,041 [~]	,595 [~]	,348 [~]	,526 [~]	,446 [~]
21	,642 [~]	,642 [~]	1,000 [~]	,224 [~]	,313 [~]	,474 [~]	,161 [~]	,244 [~]	,254 [~]	,184 [~]	,011 [~]	,187 [~]	,107 [~]	,147 [~]	,520 [~]	-,063 [~]	,244 [~]	,374 [~]
22	,286 [~]	,142 [~]	,224 [~]	1,000 [~]	,657 [~]	,387 [~]	,567 [~]	,423 [~]	,293 [~]	,483 [~]	,314 [~]	,540 [~]	,441 [~]	-,063 [~]	,235 [~]	-,115 [~]	,163 [~]	-,056 [~]
23	,290 [~]	,229 [~]	,313 [~]	,657 [~]	1,000 [~]	,614 [~]	,421 [~]	,483 [~]	,350 [~]	,572 [~]	,480 [~]	,651 [~]	,454 [~]	-,176 [~]	,232 [~]	,152 [~]	,257 [~]	,193 [~]
24	,572 [~]	,542 [~]	,474 [~]	,387 [~]	,614 [~]	1,000 [~]	,566 [~]	,698 [~]	,198 [~]	,450 [~]	,247 [~]	,501 [~]	,458 [~]	,015 [~]	,502 [~]	,200 [~]	,304 [~]	,347 [~]
25	,292 [~]	,182 [~]	,161 [~]	,567 [~]	,421 [~]	,566 [~]	1,000 [~]	,876 [~]	,304 [~]	,416 [~]	,437 [~]	,577 [~]	,599 [~]	,033 [~]	,229 [~]	-,130 [~]	,036 [~]	,021 [~]
26	,354 [~]	,328 [~]	,244 [~]	,423 [~]	,483 [~]	,698 [~]	,876 [~]	1,000 [~]	,373 [~]	,491 [~]	,393 [~]	,632 [~]	,638 [~]	,040 [~]	,321 [~]	,061 [~]	,156 [~]	,202 [~]
27	,115 [~]	,039 [~]	,254 [~]	,293 [~]	,350 [~]	,198 [~]	,304 [~]	,373 [~]	1,000 [~]	,208 [~]	,341 [~]	,375 [~]	,540 [~]	,199 [~]	,032 [~]	,126 [~]	-,148 [~]	,048 [~]
28	,357 [~]	,297 [~]	,184 [~]	,483 [~]	,572 [~]	,450 [~]	,416 [~]	,491 [~]	,208 [~]	1,000 [~]	,343 [~]	,662 [~]	,466 [~]	-,204 [~]	,237 [~]	,206 [~]	,245 [~]	,256 [~]
29	-,060 [~]	-,156 [~]	,011 [~]	,314 [~]	,480 [~]	,247 [~]	,437 [~]	,393 [~]	,341 [~]	,343 [~]	1,000 [~]	,409 [~]	,623 [~]	,033 [~]	-,218 [~]	-,176 [~]	-,052 [~]	-,007 [~]
30	,382 [~]	,279 [~]	,187 [~]	,540 [~]	,651 [~]	,501 [~]	,577 [~]	,632 [~]	,375 [~]	,662 [~]	,409 [~]	1,000 [~]	,652 [~]	-,186 [~]	,320 [~]	,282 [~]	,240 [~]	,192 [~]
31	,238 [~]	,044 [~]	,107 [~]	,441 [~]	,454 [~]	,458 [~]	,599 [~]	,638 [~]	,540 [~]	,466 [~]	,623 [~]	,652 [~]	1,000 [~]	,219 [~]	,118 [~]	,346 [~]	,164 [~]	,066 [~]
32	,137 [~]	-,041 [~]	,147 [~]	-,063 [~]	-,176 [~]	,015 [~]	,033 [~]	,040 [~]	,199 [~]	-,204 [~]	,033 [~]	-,186 [~]	,219 [~]	1,000 [~]	,114 [~]	,236 [~]	-,087 [~]	,115 [~]
33	,595 [~]	,595 [~]	,520 [~]	,235 [~]	,232 [~]	,502 [~]	,229 [~]	,321 [~]	,032 [~]	,237 [~]	-,218 [~]	,320 [~]	,118 [~]	,114 [~]	1,000 [~]	,504 [~]	,288 [~]	,344 [~]
34	,414 [~]	,348 [~]	-,063 [~]	-,115 [~]	,152 [~]	,200 [~]	-,130 [~]	,061 [~]	,126 [~]	,206 [~]	-,176 [~]	,282 [~]	,346 [~]	,236 [~]	,504 [~]	1,000 [~]	,633 [~]	-,163 [~]
35	,562 [~]	,526 [~]	,244 [~]	,163 [~]	,257 [~]	,304 [~]	,036 [~]	,156 [~]	-,148 [~]	,245 [~]	-,052 [~]	,240 [~]	,164 [~]	-,087 [~]	,288 [~]	,633 [~]	1,000 [~]	,105 [~]
36	,402 [~]	,446 [~]	,374 [~]	-,056 [~]	,193 [~]	,347 [~]	,021 [~]	,202 [~]	,048 [~]	,256 [~]	-,007 [~]	,192 [~]	,066 [~]	,115 [~]	,344 [~]	-,163 [~]	,105 [~]	1,000 [~]

* p < .05; ** p < .01

1. Cooperação M; 2. Triangulação M; 3. Conflito M; 4. Cooperação F; 5. Triangulação F.; 6. Conflito F.; 7. Dificuldade acordos; 8. Satisfação acordos; 9. Satisfação filho. 10. Satisfação progenitor; 11. Vida dos filhos; 12. Dia a dia dos filhos; 13. Dificuldades; 14. Formas de educar; 15. Vida escolar; 16. Atividades extracurriculares; 17. Saúde; 18. Relação; 19. Progressos; 20. Adaptação à separação; 21. Finanças; 22. Familiares; 23. Amigos; 24. Profissão; 25. Dificuldades; 26. Progressos; 27. Adaptação à separação; 28. Saúde; 29. Novas relações; 30. Tempos livres; 31. Finanças. 32. Reconciliação; 33. Relação atual; 34. Frequência cont filhos; 35. Frequência cont progenitor; 36. Duração cont filhos

Correlação entre variáveis da relação coparental (coeficiente V de Cramer)

				11. Qual a frequência de contacto com os filhos?					Total
				1 Menos de uma vez por mês	2 Uma vez por mês	3 Duas/Três vezes por mês	4 Uma vez por semana	5 Duas ou mais vezes por semana	
6. Como foram estabelecidos os acordos relativos às responsabilidades parentais?	1 Por mim e pelo outro progenitor			0	0	1	1	6	8
	2 Mediação familiar			0	0	0	0	1	1
	3 Tribunal			6	1	5	3	2	17
	5 Ainda não foram definidos			0	0	0	1	1	2
	6 Advogado/a			1	0	0	0	0	1
Total				7	1	6	5	10	29
Nominal por Nominal	Phi	,790	,317						
	V de Cramer	,395	,317						

				15. Qual a frequência de contacto com o outro progenitor?					Total
				1 Menos de uma vez por mês	2 Uma vez por mês	3 Duas/Três vezes por mês	4 Uma vez por semana	5 Duas/Três vezes por semana	
6. Como foram estabelecidos os acordos relativos às responsabilidades parentais?	1 Por mim e pelo outro progenitor			2	2	0	8	10	22
	2 Mediação familiar			0	0	0	0	1	1
	3 Tribunal			2	1	3	2	4	12
	5 Ainda não foram definidos			0	0	1	1	0	2
	6 Advogado/a			0	1	0	0	0	1
Total				4	4	4	11	15	38
Nominal por Nominal	Phi	,746	,173						
	V de Cramer	,373	,173						

				16. Qual a duração dos contactos com o outro progenitor ? (tempo médio)					Total
				1 1 -Menos de 5 minutos	2 2	3 3 -Entre 20 a 30 minutos	4 4	5 5 -Uma hora ou mais	
6. Como foram estabelecidos os acordos relativos às responsabilidades parentais?	1 Por mim e pelo outro progenitor			5	7	2	1	7	22
	2 Mediação familiar			1	0	0	0	0	1
	3 Tribunal			7	1	2	0	2	12
	5 Ainda não foram definidos			1	1	0	0	0	2

		6 Advogado/a		0	0	1	0	0	1
Total				14	9	5	1	9	38
Nominal por Nominal	Phi	,652	,442						
	V de Cramer	,326	,442						
				11. Qual a frequência de contacto com os filhos?					
				1 Menos de uma vez por mês	2 Uma vez por mês	3 Duas/Três vezes por mês	4 Uma vez por semana	5 Duas ou mais vezes por semana	Total
9. Na maior parte do tempo com quem vivem os seus filhos?	2 Com o outro progenitor			7	1	6	4	4	22
	4 Ambos			0	0	0	0	6	6
	5 Outros Familiares			0	0	0	1	0	1
Total				7	1	6	5	10	29
Nominal por Nominal	Phi	,809	,015						
	V de Cramer	,572	,015						
				15. Qual a frequência de contacto com o outro progenitor?					
				1 Menos de uma vez por mês	2 Uma vez por mês	3 Duas/Três vezes por mês	4 Uma vez por semana	5 Duas/Três vezes por semana	Total
9. Na maior parte do tempo com quem vivem os seus filhos?	1 Comigo			2	3	2	6	10	23
	2 Com o outro progenitor			2	1	1	5	2	11
	4 Ambos			0	0	1	0	3	4
Total				4	4	4	11	15	38
Nominal por Nominal	Phi	,443	,487						
	V de Cramer	,314	,487						
				16. Qual a duração dos contactos com o outro progenitor ? (tempo médio)					
				1 1 -Menos de 5 minutos	2 2	3 3 -Entre 20 a 30 minutos	4 4	5 5 -Uma hora ou mais	Total
9. Na maior parte do tempo com quem vivem os seus filhos?)	1 Comigo			4	6	4	1	8	23
	2 Com o outro progenitor			7	3	1	0	0	11
	4 Ambos			3	0	0	0	1	4
Total				14	9	5	1	9	38
Nominal por Nominal	Phi	,575	,127						
	V de Cramer	,407	,127						

		11. Qual a frequência de contacto com os filhos?					Total
		1 Menos de uma vez por mês	2 Uma vez por mês	3 Duas/Três vezes por mês	4 Uma vez por semana	5 Duas ou mais vezes por semana	
10. Qual o canal de comunicação mais utilizado com os filhos?	1 Presencial	3	0	3	2	7	15
	2 Telefónico	0	0	2	2	2	6
	3 Online	1	1	0	0	1	3
	6 Nenhum	3	0	0	1	0	4
	7 Advogado/a	0	0	1	0	0	1
Total		7	1	6	5	10	29
Nominal por Nominal	Phi	,911	,088				
	V de Cramer	,455	,088				

		15. Qual a frequência de contacto com o outro progenitor?					Total
		1 Menos de uma vez por mês	2 Uma vez por mês	3 Duas/Três vezes por mês	4 Uma vez por semana	5 Duas/Três vezes por semana	
10. Qual o canal de comunicação mais utilizado com os filhos?	1 Presencial	1	0	2	3	3	9
	2 Telefónico	0	1	0	1	2	4
	3 Online	1	0	0	1	0	2
Total		2	1	2	5	5	15
Nominal por Nominal	Phi	,726	,442				
	V de Cramer	,514	,442				

		16. Qual a duração dos contactos com o outro progenitor ? (tempo médio)				Total
		1 1 -Menos de 5 minutos	2 2	3 3 -Entre 20 a 30 minutos	5 5 -Uma hora ou mais	
10. Qual o canal de comunicação mais utilizado com os filhos?	1 Presencial	6	2	1	0	9
	2 Telefónico	2	1	0	1	4
	3 Online	2	0	0	0	2
Total		10	3	1	1	15
Nominal por Nominal	Phi	,541	,624			
	V de Cramer	,382	,624			

		11. Qual a frequência de contacto com os filhos?					Total
		1 Menos de uma vez por mês	2 Uma vez por mês	3 Duas/Três vezes por mês	4 Uma vez por semana	5 Duas ou mais vezes por semana	
13. Existe contacto com o outro progenitor?	1 Sim	2	0	3	2	8	15
	2 Não	5	1	3	3	2	14
	Total	7	1	6	5	10	29
Nominal por Nominal	Phi	,457	,195				
	V de Cramer	,457	,195				

		11. Qual a frequência de contacto com os filhos?				Total
		1 Menos de uma vez por mês	3 Duas/Três vezes por mês	4 Uma vez por semana	5 Duas ou mais vezes por semana	
14. Qual o canal de comunicação mais utilizado com o outro progenitor?	1 Presencial	0	1	0	0	1
	2 Telefónico	1	1	2	4	8
	3 Online	1	1	0	2	4
	6 Advogada	0	0	0	2	2
Total		2	3	2	8	15
Nominal por Nominal	Phi	,722	,553			
	V de Cramer	,417	,553			

		15. Qual a frequência de contacto com o outro progenitor?					Total
		1 Menos de uma vez por mês	2 Uma vez por mês	3 Duas/Três vezes por mês	4 Uma vez por semana	5 Duas/Três vezes por semana	
14. Qual o canal de comunicação mais utilizado com o outro progenitor?	1 Presencial	0	0	1	4	3	8
	2 Telefónico	3	4	1	5	8	21
	3 Online	1	0	2	1	1	5
	6 Advogada	0	0	0	1	3	4
Total		4	4	4	11	15	38
Nominal por Nominal	Phi	,603	,313				
	V de Cramer	,348	,313				

		16. Qual a duração dos contactos com o outro progenitor ? (tempo médio)						
		1 1 -Menos de 5		3 3 -Entre 20 a 30		5 5 -Uma hora ou		
		minutos	2 2	minutos	4 4	mais		Total
14. Qual o canal de	1 Presencial	1	3	0	1	3		8
comunicação mais utilizado	2 Telefónico	8	5	4	0	4		21
com o outro progenitor?	3 Online	4	1	0	0	0		5
	6 Advogada	1	0	1	0	2		4
Total		14	9	5	1	9		38
Nominal por Nominal	Phi	,633	,229					
	V de Cramer	,365	,229					

Associação entre variáveis da relação coparental (V de Cramer)

			11. Qual a frequência de contacto com os filhos?					
			1 Menos de uma vez por mês	2 Uma vez por mês	3 Duas/Três vezes por mês	4 Uma vez por semana	5 Duas ou mais vezes por semana	Total
6. Como foram estabelecidos os acordos relativos às responsabilidades parentais?	1 Por mim e pelo outro progenitor		0	0	1	1	6	8
	2 Mediação familiar		0	0	0	0	1	1
	3 Tribunal		6	1	5	3	2	17
	5 Ainda não foram definidos		0	0	0	1	1	2
	6 Advogado/a		1	0	0	0	0	1
Total			7	1	6	5	10	29
Nominal por Nominal	Phi	,790	,317					
	V de Cramer	,395	,317					

			15. Qual a frequência de contacto com o outro progenitor?					
			1 Menos de uma vez por mês	2 Uma vez por mês	3 Duas/Três vezes por mês	4 Uma vez por semana	5 Duas/Três vezes por semana	Total
6. Como foram estabelecidos os acordos relativos às responsabilidades parentais?	1 Por mim e pelo outro progenitor		2	2	0	8	10	22
	2 Mediação familiar		0	0	0	0	1	1
	3 Tribunal		2	1	3	2	4	12
	5 Ainda não foram definidos		0	0	1	1	0	2
	6 Advogado/a		0	1	0	0	0	1
Total			4	4	4	11	15	38
Nominal por Nominal	Phi	,746	,173					
	V de Cramer	,373	,173					

		16. Qual a duração dos contactos com o outro progenitor ? (tempo médio)					
		1 1 -Menos de 5 minutos	2 2 minutos	3 3 -Entre 20 a 30 minutos	4 4 minutos	5 5 -Uma hora ou mais	Total
6. Como foram estabelecidos os acordos relativos às responsabilidades parentais?	1 Por mim e pelo outro progenitor	5	7	2	1	7	22
	2 Mediação familiar	1	0	0	0	0	1
	3 Tribunal	7	1	2	0	2	12
	5 Ainda não foram definidos	1	1	0	0	0	2

		6 Advogado/a	0	0	1	0	0	1
Total			14	9	5	1	9	38
Nominal por Nominal	Phi	,652	,442					
	V de Cramer	,326	,442					
11. Qual a frequência de contacto com os filhos?								
			1 Menos de uma vez por mês	2 Uma vez por mês	3 Duas/Três vezes por mês	4 Uma vez por semana	5 Duas ou mais vezes por semana	Total
9. Na maior parte do tempo com quem vivem os seus filhos?	2 Com o outro progenitor		7	1	6	4	4	22
	4 Ambos		0	0	0	0	6	6
	5 Outros Familiares		0	0	0	1	0	1
Total			7	1	6	5	10	29
Nominal por Nominal	Phi	,809	,015					
	V de Cramer	,572	,015					
15. Qual a frequência de contacto com o outro progenitor?								
			1 Menos de uma vez por mês	2 Uma vez por mês	3 Duas/Três vezes por mês	4 Uma vez por semana	5 Duas/Três vezes por semana	Total
9. Na maior parte do tempo com quem vivem os seus filhos?	1 Comigo		2	3	2	6	10	23
	2 Com o outro progenitor		2	1	1	5	2	11
	4 Ambos		0	0	1	0	3	4
Total			4	4	4	11	15	38
Nominal por Nominal	Phi	,443	,487					
	V de Cramer	,314	,487					
16. Qual a duração dos contactos com o outro progenitor ? (tempo médio)								
			1 1 -Menos de 5 minutos	2 2	3 3 -Entre 20 a 30 minutos	4 4	5 5 -Uma hora ou mais	Total
9. Na maior parte do tempo com quem vivem os seus filhos?)	1 Comigo		4	6	4	1	8	23
	2 Com o outro progenitor		7	3	1	0	0	11
	4 Ambos		3	0	0	0	1	4
Total			14	9	5	1	9	38
Nominal por Nominal	Phi	,575	,127					
	V de Cramer	,407	,127					

		11. Qual a frequência de contacto com os filhos?					Total
		1 Menos de uma vez por mês	2 Uma vez por mês	3 Duas/Três vezes por mês	4 Uma vez por semana	5 Duas ou mais vezes por semana	
10. Qual o canal de comunicação mais utilizado com os filhos?	1 Presencial	3	0	3	2	7	15
	2 Telefónico	0	0	2	2	2	6
	3 Online	1	1	0	0	1	3
	6 Nenhum	3	0	0	1	0	4
	7 Advogado/a	0	0	1	0	0	1
Total		7	1	6	5	10	29
Nominal por Nominal	Phi	,911	,088				
	V de Cramer	,455	,088				

		15. Qual a frequência de contacto com o outro progenitor?					Total
		1 Menos de uma vez por mês	2 Uma vez por mês	3 Duas/Três vezes por mês	4 Uma vez por semana	5 Duas/Três vezes por semana	
10. Qual o canal de comunicação mais utilizado com os filhos?	1 Presencial	1	0	2	3	3	9
	2 Telefónico	0	1	0	1	2	4
	3 Online	1	0	0	1	0	2
Total		2	1	2	5	5	15
Nominal por Nominal	Phi	,726	,442				
	V de Cramer	,514	,442				

		16. Qual a duração dos contactos com o outro progenitor ? (tempo médio)				Total
		1 1 -Menos de 5 minutos	2 2	3 3 -Entre 20 a 30 minutos	5 5 -Uma hora ou mais	
10. Qual o canal de comunicação mais utilizado com os filhos?	1 Presencial	6	2	1	0	9
	2 Telefónico	2	1	0	1	4
	3 Online	2	0	0	0	2
Total		10	3	1	1	15
Nominal por Nominal	Phi	,541	,624			
	V de Cramer	,382	,624			

		11. Qual a frequência de contacto com os filhos?					Total
		1 Menos de uma vez por mês	2 Uma vez por mês	3 Duas/Três vezes por mês	4 Uma vez por semana	5 Duas ou mais vezes por semana	
13. Existe contacto com o outro progenitor?	1 Sim	2	0	3	2	8	15
	2 Não	5	1	3	3	2	14
	Total	7	1	6	5	10	29
Nominal por Nominal	Phi	,457	,195				
	V de Cramer	,457	,195				

		11. Qual a frequência de contacto com os filhos?				Total
		1 Menos de uma vez por mês	3 Duas/Três vezes por mês	4 Uma vez por semana	5 Duas ou mais vezes por semana	
14. Qual o canal de comunicação mais utilizado com o outro progenitor?	1 Presencial	0	1	0	0	1
	2 Telefónico	1	1	2	4	8
	3 Online	1	1	0	2	4
	6 Advogada	0	0	0	2	2
Total		2	3	2	8	15
Nominal por Nominal	Phi	,722	,553			
	V de Cramer	,417	,553			

		15. Qual a frequência de contacto com o outro progenitor?					Total
		1 Menos de uma vez por mês	2 Uma vez por mês	3 Duas/Três vezes por mês	4 Uma vez por semana	5 Duas/Três vezes por semana	
14. Qual o canal de comunicação mais utilizado com o outro progenitor?	1 Presencial	0	0	1	4	3	8
	2 Telefónico	3	4	1	5	8	21
	3 Online	1	0	2	1	1	5
	6 Advogada	0	0	0	1	3	4
Total		4	4	4	11	15	38
Nominal por Nominal	Phi	,603	,313				
	V de Cramer	,348	,313				

		16. Qual a duração dos contactos com o outro progenitor ? (tempo médio)						
		1 1 -Menos de 5		3 3 -Entre 20 a 30		5 5 -Uma hora ou		
		minutos	2 2	minutos	4 4	mais		Total
14. Qual o canal de	1 Presencial	1	3	0	1	3		8
comunicação mais utilizado	2 Telefónico	8	5	4	0	4		21
com o outro progenitor?	3 Online	4	1	0	0	0		5
	6 Advogada	1	0	1	0	2		4
Total		14	9	5	1	9		38
Nominal por Nominal	Phi	,633	,229					
	V de Cramer	,365	,229					

Correlação entre variáveis da relação coparental (Eta)

		Cooperação F										
		1,40	1,80	2,00	2,20	2,40	2,60	3,20	3,40	3,60	3,80	Total
6. Como foram estabelecidos os acordos relativos às responsabilidades parentais?	1 Por mim e pelo outro progenitor	1	0	0	3	2	2	1	3	2	1	15
	3 Tribunal	0	0	2	1	0	0	0	0	1	0	4
	5 Ainda não foram definidos	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
	6 Advogado/a	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Total		1	1	2	5	2	2	1	3	3	1	21

Nominal por intervalo	Eta	6. Como foram estabelecidos os acordos relativos às responsabilidades parentais? Dependente	,801
		coopf Dependente	,387

		Triangulação F										
		1,00	1,25	1,50	1,75	2,00	2,25	3,00	4,00	4,25	4,75	Total
6. Como foram estabelecidos os acordos relativos às responsabilidades parentais?	1 Por mim e pelo outro progenitor	3	4	3	1	1	1	1	1	0	0	15
	3 Tribunal	3	0	0	0	0	0	0	0	1	0	4
	5 Ainda não foram definidos	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
	6 Advogado/a	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Total		6	4	4	1	1	1	1	1	1	1	21

Nominal por intervalo	Eta	6. Como foram estabelecidos os acordos relativos às responsabilidades parentais? Dependente	,764
		triangf Dependente	,578

[illegible]

Total		1	1	3	1	4	1	5	1	2	1	1	21
Nominal por intervalo	Eta	6. Como foram estabelecidos os acordos relativos às responsabilidades parentais?											,766
		Dependente											
		conf Dependente											,438

		Coopm										Total
		1,80	2,00	2,20	2,40	2,80	3,00	3,20	3,40	3,60	4,20	
9. Na maior parte do tempo com quem vivem os seus filhos?)	1 Comigo	0	0	0	1	1	1	0	0	0	1	4
	2 Com o outro progenitor	2	2	1	1	0	0	1	2	1	0	10
	4 Ambos	1	0	0	2	0	0	0	0	0	0	3
Total		3	2	1	4	1	1	1	2	1	1	17
Nominal por intervalo	Eta	9. Na maior parte do tempo com quem vivem os seus filhos?										,635
		Coopm Dependente										,419

		triangm											
		1,00	1,25	1,50	2,00	2,25	2,50	2,75	3,00	3,25	3,50	3,75	Total
9. Na maior parte do tempo com quem vivem os seus filhos?	1 Comigo	0	1	1	0	0	0	0	1	1	0	0	4
	2 Com o outro progenitor	1	3	1	0	1	1	1	0	0	1	1	10
	4 Ambos	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	3
Total		1	4	2	1	1	1	1	1	2	1	2	17
Nominal por intervalo	Eta	9. Na maior parte do tempo com quem vivem os seus filhos? Dependente										,713	
		triangm Dependente										,346	

		confm									Total
		1,00	1,50	1,75	2,75	3,00	3,25	3,50	3,75	4,00	
9. Na maior parte do tempo com quem vivem os seus filhos?)	1 Comigo	0	0	0	1	0	1	1	0	1	4
	2 Com o outro progenitor	1	1	2	0	3	3	0	0	0	10
	4 Ambos	0	1	1	0	0	0	0	1	0	3
Total		1	2	3	1	3	4	1	1	1	17

Nominal por intervalo	Eta	9. Na maior parte do tempo com quem vivem os seus filhos? Dependente	,810
confm Dependente			,450

		coopf										Total
		1,40	1,80	2,00	2,20	2,40	2,60	3,20	3,40	3,60	3,80	
9. Na maior parte do tempo com quem vivem os seus filhos?	1 Comigo	1	1	1	5	2	1	1	3	3	1	19
	2 Com o outro progenitor	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
	4 Ambos	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Total		1	1	2	5	2	2	1	3	3	1	21

Nominal por intervalo	Eta	9. Na maior parte do tempo com quem vivem os seus filhos? Dependente	,677
coopf Dependente			,219

		triangf										Total
		1,00	1,25	1,50	1,75	2,00	2,25	3,00	4,00	4,25	4,75	
9. Na maior parte do tempo com quem vivem os seus filhos?	1 Comigo	6	3	4	1	1	1	1	1	0	1	19
	2 Com o outro progenitor	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
	4 Ambos	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Total		6	4	4	1	1	1	1	1	1	1	21

Nominal por intervalo	Eta	9. Na maior parte do tempo com quem vivem os seus filhos? Dependente	,519
triangf Dependente			,485

		conf											Total
		1,00	1,40	2,00	2,40	2,60	2,80	3,00	3,20	3,40	3,60	3,80	
9. Na maior parte do tempo com quem	1 Comigo	1	1	2	1	4	1	4	1	2	1	1	19
	2 Com o outro progenitor	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1

vivem os seus	4 Ambos	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
filhos?)													

Total		1	1	3	1	4	1	5	1	2	1	1	21
-------	--	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Nominal por intervalo	Eta	9. Na maior parte do tempo com quem vivem os		,514
		seus filhos? Dependente		
		conff Dependente		,241

		Coopm									
		1,80	2,00	2,20	2,40	3,20	3,40	3,60	Total		
10. Qual o canal de	1	2	2	1	1	1	1	1	9		
comunicação mais	Presencial										
utilizado com os	2	1	0	0	1	0	1	0	3		
filhos?	Telefónico										
	3 Online	0	0	0	1	0	0	0	1		
Total		3	2	1	3	1	2	1	13		

Nominal por intervalo	Eta	10. Qual o canal de comunicação	,613
		mais utilizado com os filhos?	
		Dependente	
		Coopm Dependente	,050

		triangm											
		1,00	1,25	1,50	2,00	2,25	2,50	2,75	3,25	3,50	3,75	Total	
10. Qual o canal	1	0	3	0	1	0	1	1	1	1	1	9	
de comunicação	Presencial												
mais utilizado	2	1	0	0	0	1	0	0	0	0	1	3	
com os filhos?	Telefónico												
	3 Online	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	
Total		1	3	1	1	1	1	1	1	1	2	13	

Nominal por intervalo	Eta	10. Qual o canal de comunicação mais utilizado	,949
		com os filhos? Dependente	
		triangm Dependente	,239

		confm							
		1,00	1,50	1,75	3,00	3,25	3,75	Total	
10. Qual o canal de	1 Presencial	0	2	3	2	2	0	9	

comunicação mais	2 Telefónico	1	0	0	0	1	1	3
utilizado com os filhos?	3 Online	0	0	0	1	0	0	1
Total		1	2	3	3	3	1	13

Nominal por intervalo	Eta	10. Qual o canal de comunicação mais utilizado com os filhos? Dependente	,586
		confm Dependente	,252

		coopf		Total
		2,00	2,60	
10. Qual o canal de comunicação mais utilizado com os filhos?	2 Telefónico	0	1	1
	3 Online	1	0	1
Total		1	1	2

Nominal por intervalo	Eta	10. Qual o canal de comunicação mais utilizado com os filhos? Dependente	1,000
		coopf Dependente	1,000

		triangf		Total
		1,25	4,25	
10. Qual o canal de comunicação mais utilizado com os filhos?	2 Telefónico	1	0	1
	3 Online	0	1	1
Total		1	1	2

Nominal por intervalo	Eta	10. Qual o canal de comunicação mais utilizado com os filhos? Dependente	1,000
		triangf Dependente	1,000

		conff		Total
		2,00	3,00	
10. Qual o canal de comunicação mais utilizado com os filhos?	2 Telefónico	1	0	1
	3 Online	0	1	1
Total		1	1	2

Nominal por intervalo	Eta	10. Qual o canal de comunicação mais utilizado com os filhos? Dependente	1,000
		conff Dependente	1,000

		Coopm										Total
		1,80	2,00	2,20	2,40	2,80	3,00	3,20	3,40	3,60	4,20	
14. Qual o canal de comunicação mais utilizado com o outro progenitor?	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	Presencial											
	2	1	1	1	2	1	1	1	2	1	1	12
	Telefónico											
	3 Online	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	3
	6	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
	Advogada											
Total		3	2	1	4	1	1	1	2	1	1	17

Nominal por intervalo	Eta	14. Qual o canal de comunicação mais utilizado com o outro progenitor? Dependente	,509
		Coopm Dependente	,533

		triangm											
		1,00	1,25	1,50	2,00	2,25	2,50	2,75	3,00	3,25	3,50	3,75	Total
14. Qual o canal de comunicação mais utilizado com o outro progenitor?	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
	Presencial												
	2	1	4	1	0	1	0	1	1	1	1	1	12
	Telefónico												
	3 Online	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	0	3
	6	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
	Advogada												
Total		1	4	2	1	1	1	1	1	2	1	2	17

Nominal por intervalo	Eta	14. Qual o canal de comunicação mais utilizado com o outro progenitor? Dependente	,957
		triangm Dependente	,395

		confm									Total
		1,00	1,50	1,75	2,75	3,00	3,25	3,50	3,75	4,00	
14. Qual o canal de comunicação mais utilizado com o outro progenitor?	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
	Presencial										
	2	1	1	0	1	2	4	1	1	1	12
	Telefónico										
	3 Online	0	0	2	0	1	0	0	0	0	3

	6	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
	Advogada										

Total		1	2	3	1	3	4	1	1	1	17
-------	--	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Nominal por intervalo	Eta	14. Qual o canal de comunicação mais utilizado com o outro progenitor? Dependente		,605
		confm Dependente		,545

		coopf										Total
		1,40	1,80	2,00	2,20	2,40	2,60	3,20	3,40	3,60	3,80	
14. Qual o canal de comunicação mais utilizado com o outro progenitor?	1	0	0	0	1	1	0	1	1	2	1	7
	Presencial											
	2	1	1	1	3	0	1	0	1	1	0	9
	Telefónico											
	3 Online	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	2
	6	0	0	0	0	1	1	0	1	0	0	3
	Advogada											
Total		1	1	2	5	2	2	1	3	3	1	21

Nominal por intervalo	Eta	14. Qual o canal de comunicação mais utilizado com o outro progenitor? Dependente		,558
		coopf Dependente		,560

		triangf										Total
		1,00	1,25	1,50	1,75	2,00	2,25	3,00	4,00	4,25	4,75	
14. Qual o canal de comunicação mais utilizado com o outro progenitor?	1	2	1	1	1	1	1	0	0	0	0	7
	Presencial											
	2	3	2	2	0	0	0	0	1	0	1	9
	Telefónico											
	3 Online	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	2
	6	0	1	1	0	0	0	1	0	0	0	3
	Advogada											
Total		6	4	4	1	1	1	1	1	1	1	21

Nominal por intervalo	Eta	14. Qual o canal de comunicação mais utilizado com o outro progenitor? Dependente		,639
		triangf Dependente		,271

		conf											Total
		1,00	1,40	2,00	2,40	2,60	2,80	3,00	3,20	3,40	3,60	3,80	
14. Qual o canal de comunicação mais utilizado com o outro progenitor?	1 Presencial	0	0	0	1	2	0	2	0	1	1	0	7
	2 Telefónico	1	1	2	0	2	1	0	0	1	0	1	9
	3 Online	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	2
	6 Advogada	0	0	1	0	0	0	2	0	0	0	0	3
Total		1	1	3	1	4	1	5	1	2	1	1	21
Nominal por intervalo	Eta	14. Qual o canal de comunicação mais utilizado com o outro progenitor? Dependente								,563			
		conf Dependente								,395			

Anexo I

Correlações entre as variáveis das fronteiras relacionais

Correlações entre as variáveis das fronteiras relacionais

	Decisão	Motivos	Atitude	Ambiguidade F	Ambiguidade M
Decisão	1	,169	,603**	-,632**	-,194
Motivos	,169	1	,312*	-,379	-,165
Atitude	,603**	,312*	1	-,586**	-,576**
Ambiguidade F	-,632**	-,379	-,586**	1	-
Ambiguidade M	-,194	-,165	-,576**	-	1

* p < .05; **p < .01

Anexo J

Correlações entre as variáveis da natureza da relação coparental e do estabelecimento de fronteiras

Correlação entre variáveis da relação coparental e do estabelecimento de fronteiras (coeficiente de Pearson)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19
1	1	,169	,603	-,261	,098	,026	,086	-,099	,024	,115	,164	-,074	-,223	-,121	,178	,029	,047	,097	,079
2	,169	1	,312	-,176	,176	,127	,407	,262	,284	,455	,412	,442	,252	,343	,376	,459	,340	,350	,126
3	,603	,312	1	-,247	,021	,050	,112	-,151	,011	,102	,112	-,055	-,066	-,044	,018	,032	-,006	,031	,204
4	-,261	-,176	-,247	1	-,697	-,414	-,449	-,245	-,335	-,399	-,315	-,342	-,337	-,336	-,253	-,298	-,253	-,307	-,282
5	,098	,176	,021	-,697	1	,527	,533	,390	,514	,462	,424	,414	,322	,454	,262	,275	,317	,327	,223
6	,026	,127	,050	-,414	,527	1	,409	,458	,491	,324	,373	,362	,471	,441	,319	,330	,326	,240	,113
7	,086	,407	,112	-,449	,533	,409	1	,600	,697	,720	,751	,594	,669	,729	,665	,801	,766	,580	,362
8	-,099	,262	-,151	-,245	,390	,458	,600	1	,850	,790	,798	,797	,765	,780	,725	,779	,785	,578	,185
9	,024	,284	,011	-,335	,514	,491	,697	,850	1	,789	,859	,850	,802	,841	,668	,756	,714	,529	,250
10	,115	,455	,102	-,399	,462	,324	,720	,790	,789	1	,903	,772	,741	,758	,742	,815	,728	,620	,290
11	,164	,412	,112	-,315	,424	,373	,751	,798	,859	,903	1	,763	,724	,757	,794	,851	,794	,575	,260
12	-,074	,442	-,055	-,342	,414	,362	,594	,797	,850	,772	,763	1	,812	,782	,710	,807	,697	,575	,216
13	-,223	,252	-,066	-,337	,322	,471	,669	,765	,802	,741	,724	,812	1	,804	,675	,801	,763	,603	,160
14	-,121	,343	-,044	-,336	,454	,441	,729	,780	,841	,758	,757	,782	,804	1	,662	,840	,756	,580	,214
15	,178	,376	,018	-,253	,262	,319	,665	,725	,668	,742	,794	,710	,675	,662	1	,810	,848	,693	,174
16	,029	,459	,032	-,298	,275	,330	,801	,779	,756	,815	,851	,807	,801	,840	,810	1	,824	,658	,254
17	,047	,340	-,006	-,253	,317	,326	,766	,785	,714	,728	,794	,697	,763	,756	,848	,824	1	,699	,143
18	,097	,350	,031	-,307	,327	,240	,580	,578	,529	,620	,575	,575	,603	,580	,693	,658	,699	1	,208
19	,079	,126	,204	-,282	,223	,113	,362	,185	,250	,290	,260	,216	,160	,214	,174	,254	,143	,208	1
20	,187	,144	,258	-,215	,392	,230	,374	,335	,420	,374	,419	,280	,223	,175	,262	,264	,194	,299	,698
21	,241	,218	,127	-,328	,460	,264	,623	,479	,528	,623	,579	,411	,379	,320	,455	,467	,429	,382	,480
22	,112	,216	,099	-,143	,018	,008	,242	,156	,204	,347	,280	,200	,074	,110	,158	,244	,134	,128	,555
23	,139	,204	,039	-,186	,210	,144	,351	,286	,283	,439	,377	,225	,125	,134	,288	,290	,243	,211	,429
24	-,051	,055	,044	-,014	,007	,047	,062	,027	,078	,032	,074	-,044	-,052	,060	,054	,142	,034	,250	,233
25	,153	-,024	,260	-,340	,324	,349	,361	,327	,295	,365	,397	,136	,237	,286	,193	,293	,211	,153	,482
26	,150	,307	,237	-,011	-,168	-,131	-,153	-,002	-,045	,093	,096	,033	-,189	-,148	-,051	-,046	-,171	-,016	,223
27	,002	,214	,224	-,333	,368	,291	,494	,282	,292	,397	,379	,219	,172	,284	,162	,339	,253	,140	,512
28	,099	,238	,166	-,044	-,101	,174	,102	,101	,091	,215	,203	,101	,054	,037	,042	,197	-,019	,050	,375
29	-,071	,123	-,263	-,131	-,028	-,018	,046	,103	,201	,176	,150	,218	,122	,164	,075	,268	-,013	,153	-,021
30	-,162	,137	-,075	-,437	,408	,520	,703	,530	,489	,484	,459	,356	,523	,547	,564	,582	,597	,520	,260
31	-,194	-,165	-,576	,199	-,034	-,072	-,349	-,469	-,490	-,501	-,514	-,455	-,465	-,312	-,238	-,371	-,269	-,278	-,168
32	-,632	-,379	-,586	,087	,132	-,181	-,240	-,064	-,188	-,287	-,311	-,069	,046	-,267	-,228	-,271	-,224	-,199	,188
33	-,195	,348	-,037	-,600	,308	,382	,877	,745	,598	,700	,680	,679	,755	,775	,878	,884	,902	,791	,623
34	,319	-,098	,026	,494	-,395	-,166	-,413	-,082	-,107	-,290	-,190	-,269	-,345	-,325	-,133	-,353	-,208	-,243	-,352
35	-,066	,251	-,099	-,143	-,125	,224	,405	,742	,425	,494	,513	,542	,418	,487	,742	,670	,629	,562	,485
36	-,061	,357	-,024	-,019	,353	,346	,655	,640	,692	,656	,699	,590	,722	,620	,553	,706	,706	,509	,248
37	,360	-,089	,211	,073	-,240	-,412	-,242	-,112	-,072	-,120	-,028	-,137	-,331	-,096	-,334	-,257	-,181	-,383	,143
38	,071	,250	-,024	,208	,177	,035	,195	,381	,434	,429	,461	,290	,148	,371	,111	,225	,239	,233	,418

* p < .05; ** p < .01

1. Decisão da separação; 2. Contributo para a separação; 3. Atitude; 4.Dificuldade acordos; 5. Satisfação acordos; 6. Satisfação filho. 7. Satisfação progenitor; 8. Vida dos filhos; 9. Dia a dia dos filhos; 10. Dificuldades; 11. Formas de educar; 12. Vida escolar; 13. Atividades extracurriculares; 14. Saúde; 15. Relação; 16. Progressos; 17. Adaptação à separação; 18. Finanças; 19. Familiares; 20. Amigos; 21. Profissão; 22. Dificuldades; 23. Progressos; 24. Adaptação à separação; 25. Saúde; 26. Novas relações; 27. Tempos livres; 28. Finanças. 29. Reconciliação; 30. Relação atual; 31. Ambiguidade M; 32. Ambiguidade F; 33. Cooperação M; 34. Triangulação M; 35. Conflito M; 36. Cooperação f; 37. Triangulação F; 38. Conflito F.

Correlação entre variáveis da relação coparental e do estabelecimento de fronteiras (coeficiente de Pearson)

	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38
1	,187	,241	,112	,139	-,051	,153	,150	,002	,099	-,071	-,162	-,194	-,632 ^{**}	-,195	,319	-,066	-,061	,360	,071
2	,144	,218	,216	,204	,055	-,024	,307	,214	,238	,123	,137	-,165	-,379	,348	-,098	,251	,357	-,089	,250
3	,258	,127	,099	,039	,044	,260	,237	,224	,166	-,263	-,075	-,576 ^{**}	-,586 ^{**}	-,037	,026	-,099	-,024	,211	-,024
4	-,215	-,328 [*]	-,143	-,186	-,014	-,340 [*]	-,011	-,333 [*]	-,044	-,131	-,437 ^{**}	,199	,087	-,600 [*]	,494 [*]	-,143	-,019	,073	,208
5	,392 [*]	,460 ^{**}	,018	,210	,007	,324 [*]	-,168	,368 [*]	-,101	-,028	,408 [*]	-,034	,132	,308	-,395	-,125	,353	-,240	,177
6	,230	,264	,008	,144	,047	,349 [*]	-,131	,291	,174	-,018	,520 ^{**}	-,072	-,181	,382	-,166	,224	,346	-,412	,035
7	,374 [*]	,623 ^{**}	,242	,351 [*]	,062	,361 [*]	-,153	,494 ^{**}	,102	,046	,703 ^{**}	-,349	-,240	,877 ^{**}	-,413	,405	,655 ^{**}	-,242	,195
8	,335 [*]	,479 ^{**}	,156	,286	,027	,327 [*]	-,002	,282	,101	,103	,530 ^{**}	-,469	-,064	,745 ^{**}	-,082	,742 ^{**}	,640 ^{**}	-,112	,381
9	,420 ^{**}	,528 ^{**}	,204	,283	,078	,295	-,045	,292	,091	,201	,489 ^{**}	-,490 [*]	-,188	,598 ^{**}	-,107	,425	,692 ^{**}	-,072	,434 [*]
10	,374 [*]	,623 ^{**}	,347 [*]	,439 ^{**}	,032	,365 [*]	,093	,397 [*]	,215	,176	,484 ^{**}	-,501 [*]	-,287	,700 ^{**}	-,290	,494 [*]	,656 ^{**}	-,120	,429
11	,419 ^{**}	,579 ^{**}	,280	,377 [*]	,074	,397 [*]	,096	,379 [*]	,203	,150	,459 ^{**}	-,514 [*]	-,311	,680 ^{**}	-,190	,513 [*]	,699 ^{**}	-,028	,461 [*]
12	,280	,411 [*]	,200	,225	-,044	,136	,033	,219	,101	,218	,356 [*]	-,455	-,069	,679 ^{**}	-,269	,542 [*]	,590 ^{**}	-,137	,290
13	,223	,379 [*]	,074	,125	-,052	,237	-,189	,172	,054	,122	,523 ^{**}	-,465	,046	,755 ^{**}	-,345	,418	,722 ^{**}	-,331	,148
14	,175	,320	,110	,134	,060	,286	-,148	,284	,037	,164	,547 ^{**}	-,312	-,267	,775 ^{**}	-,325	,487 [*]	,620 ^{**}	-,096	,371
15	,262	,455 ^{**}	,158	,288	,054	,193	-,051	,162	,042	,075	,564 ^{**}	-,238	-,228	,878 ^{**}	-,133	,742 ^{**}	,553 ^{**}	-,334	,111
16	,264	,467 ^{**}	,244	,290	,142	,293	-,046	,339 [*]	,197	,268	,582 ^{**}	-,371	-,271	,884 ^{**}	-,353	,670 ^{**}	,706 ^{**}	-,257	,225
17	,194	,429 ^{**}	,134	,243	,034	,211	-,171	,253	-,019	-,013	,597 ^{**}	-,269	-,224	,902 ^{**}	-,208	,629 ^{**}	,706 ^{**}	-,181	,239
18	,299	,382 [*]	,128	,211	,250	,153	-,016	,140	,050	,153	,520 ^{**}	-,278	-,199	,791 ^{**}	-,243	,562 [*]	,509 [*]	-,383	,233
19	,698 ^{**}	,480 ^{**}	,555 ^{**}	,429 ^{**}	,233	,482 ^{**}	,223	,512 ^{**}	,375 [*]	-,021	,260	-,168	,188	,623 ^{**}	-,352	,485 [*]	,248	,143	,418
20	1	,700 ^{**}	,457 ^{**}	,528 ^{**}	,379 [*]	,556 ^{**}	,419 ^{**}	,624 ^{**}	,417 ^{**}	-,055	,250	-,224	,088	,301	,096	,483 [*]	,469 [*]	,002	,498 [*]
21	,700 ^{**}	1	,608 ^{**}	,731 ^{**}	,242	,499 ^{**}	,193	,570 ^{**}	,419 ^{**}	,033	,493 ^{**}	-,368	,011	,443	-,017	,494 [*]	,658 ^{**}	-,313	,305
22	,457 ^{**}	,608 ^{**}	1	,891 ^{**}	,306	,409 [*]	,419 ^{**}	,569 ^{**}	,601 ^{**}	,087	,207	,013	,001	,322	,050	,541 [*]	,460 [*]	-,139	,200
23	,528 ^{**}	,731 ^{**}	,891 ^{**}	1	,417 ^{**}	,499 ^{**}	,396 [*]	,637 ^{**}	,624 ^{**}	,083	,315	,012	,062	,348	,119	,505 [*]	,528 [*]	-,327	,117
24	,379 [*]	,242	,306	,417 ^{**}	1	,260	,332 [*]	,339 [*]	,544 ^{**}	,265	,112	,158	-,009	,091	,083	,094	,312	-,148	,245
25	,556 ^{**}	,499 ^{**}	,409 [*]	,499 ^{**}	,260	1	,309	,681 ^{**}	,442 ^{**}	-,173	,231	-,330	,215	,516 [*]	-,213	,461	,216	,235	,350
26	,419 ^{**}	,193	,419 ^{**}	,396 [*]	,332 [*]	,309	1	,436 ^{**}	,647 ^{**}	,023	-,216	-,021	-,289	-,051	,404	,417	-,048	,471 [*]	,559 ^{**}
27	,624 ^{**}	,570 ^{**}	,569 ^{**}	,637 ^{**}	,339 [*]	,681 ^{**}	,436 ^{**}	1	,601 ^{**}	-,149	,364 [*]	-,173	-,114	,658 ^{**}	-,194	,570 [*]	,339	,010	,317
28	,417 ^{**}	,419 ^{**}	,601 ^{**}	,624 ^{**}	,544 ^{**}	,442 ^{**}	,647 ^{**}	,601 ^{**}	1	,272	,075	-,083	-,143	,062	,191	,400	,238	-,083	,309
29	-,055	,033	,087	,083	,265	-,173	,023	-,149	,272	1	,102	,559 [*]	-,055	-,227	-,272	-,328	-,014	-,049	,108
30	,250	,493 ^{**}	,207	,315	,112	,231	-,216	,364 [*]	,075	,102	1	-,249	-,144	,814 ^{**}	-,356	,546 [*]	,469 [*]	-,688 ^{**}	-,269
31	-,224	-,368	,013	,012	,158	-,330	-,021	-,173	-,083	,559 [*]	-,249	1	°	-,195	,118	,009	°	°	°
32	,088	,011	,001	,062	-,009	,215	-,289	-,114	-,143	-,055	-,144	°	1	°	°	°	-,113	-,147	-,176
33	,301	,443	,322	,348	,091	,516 [*]	-,051	,658 ^{**}	,062	-,227	,814 ^{**}	-,195	°	1	-,366	,692 ^{**}	°	°	°
34	,096	-,017	,050	,119	,083	-,213	,404	-,194	,191	-,272	-,356	,118	°	-,366	1	,212	°	°	°
35	,483 [*]	,494 [*]	,541 [*]	,505 [*]	,094	,461	,417	,570 [*]	,400	-,328	,546 [*]	,009	°	,692 ^{**}	,212	1	°	°	°
36	,469 [*]	,658 ^{**}	,460 [*]	,528 ^{**}	,312	,216	-,048	,339	,238	-,014	,469 [*]	°	-,113	°	°	°	1	-,413	,296
37	,002	-,313	-,139	-,327	-,148	,235	,471 [*]	,010	-,083	-,049	-,688 ^{**}	°	-,147	°	°	°	-,413	1	,525 [*]
38	,498 [*]	,305	,200	,117	,245	,350	,559 ^{**}	,317	,309	,108	-,269	°	-,176	°	°	°	,296	,525 [*]	1

* p < .05; ** p < .01

1. Decisão da separação; 2. Contributo para a separação; 3. Atitude; 4.Dificuldade acordos; 5. Satisfação acordos; 6. Satisfação filho. 7. Satisfação progenitor; 8. Vida dos filhos; 9. Dia a dia dos filhos; 10. Dificuldades; 11. Formas de educar; 12. Vida escolar; 13. Atividades extracurriculares; 14. Saúde; 15. Relação; 16. Progressos; 17. Adaptação à separação; 18. Finanças; 19. Familiares; 20. Amigos; 21. Profissão; 22. Dificuldades; 23. Progressos; 24. Adaptação à separação; 25. Saúde; 26. Novas relações; 27. Tempos livres; 28. Finanças. 29. Reconciliação; 30. Relação atual; 31. Ambiguidade M; 32. Ambiguidade F; 33. Cooperação M; 34. Triangulação M; 35. Conflito M; 36. Cooperação f; 37. Triangulação F; 38. Conflito F.

Correlação entre variáveis da relação coparental e do estabelecimento de fronteiras (coeficiente de Spearman)

	Decisão	Contributo	Ambiguidade Masculina	Ambiguidade Feminina	Freq. Contacto filhos	Freq. Contacto outro prog	Duração contacto com o outro prog
Decisão	1,000	,129	-,141	-,512**	-,321	-,264	,184
Contributo	,129	1,000	-,139	-,202	,112	,251	,064
Ambiguidade Masculina	-,141	-,139	1,000	.	-,041	-,330	,130
Ambiguidade Feminina	-,512**	-,202	.	1,000	,707	,055	-,234
Frequência contacto filhos	-,321	,112	-,041	,707	1,000	,633*	-,163
Freq. Contacto outro prog	-,264	,251	-,330	,055	,633*	1,000	,105
Duração contacto com o outro prog	,184	,064	,130	-,234	-,163	,105	1,000

* p < .05; **.p < .,01

Correlação entre variáveis da relação coparental e do estabelecimento de fronteiras (Eta)

		Ambiguidade Masculina																				
		1,7	1,7	1,8	1,9	2,0	2,1	2,1	2,1	2,2	2,3	2,3	2,4	2,4	2,5	2,6	2,7	2,7	2,9	3,5	3,6	Tot
		1	6	1	5	0	0	4	9	9	3	8	3	8	2	2	1	6	5	7	2	al
Estabeleci mento de acordos	Ambos	0	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	7
	Mediação	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	Tribunal	0	2	0	0	1	2	1	0	2	1	2	2	1	1	1	1	1	1	0	0	19
	Ainda não foram definidos	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	2
	Advogado/a	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Total		1	3	1	1	1	3	2	1	2	1	2	3	2	1	1	1	1	1	1	1	30

Nominal por intervalo	Eta	6. Como foram estabelecidos os acordos relativos às responsabilidades parentais? Dependente	,852
		Ambiguidade_Masculina Dependente	,338

		Ambiguidade_Feminina															
		1,43	1,67	1,86	1,95	2,05	2,10	2,14	2,19	2,24	2,38	2,52	2,71	2,90	3,00	3,62	Total
6. Como foram estabelecidos os acordos relativos às responsabilidades parentais?	Ambos	1	0	3	3	0	1	0	1	2	1	1	2	1	1	1	18
	3 Tribunal	0	0	0	0	2	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	5
	Ainda não foram definidos	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
	Advogado/a	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Total		1	1	3	3	2	1	1	3	3	1	1	2	1	1	1	25

Nominal por intervalo	Eta	6. Como foram estabelecidos os acordos relativos às responsabilidades parentais? Dependente	,878
		Ambiguidade_Feminina Dependente	,297

		Ambiguidade_Masculina																				
		1,7	1,7	1,8	1,9	2,0	2,1	2,1	2,1	2,2	2,3	2,3	2,4	2,4	2,5	2,6	2,7	2,7	2,9	3,5	3,6	Tot
		1	6	1	5	0	0	4	9	9	3	8	3	8	2	2	1	6	5	7	2	al
Com quem vivem os filhos	1 Comigo	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	5
	2 Com o outro progenitor	0	3	1	1	0	2	2	1	2	0	1	2	0	0	1	0	1	1	1	1	20
	4 Ambos	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	2	0	0	0	0	0	0	0	4
	5 Outros Familiares	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Total		1	3	1	1	1	3	2	1	2	1	2	3	2	1	1	1	1	1	1	1	30

Nomin	Et	9. Na maior parte do tempo com quem vivem os seus	,940
al por	a	filhos? Dependente	
intervalo		Ambiguidade_Masculina Dependente	,167
lo			

		Ambiguidade_Feminina															
		1,43	1,67	1,86	1,95	2,05	2,10	2,14	2,19	2,24	2,38	2,52	2,71	2,90	3,00	3,62	Total
Com quem	1 Comigo	1	1	3	3	1	1	1	3	1	1	1	2	1	0	1	21
vivem os	2 Com o outro	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	2
filhos	progenitor																
	4 Ambos	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	2
Total		1	1	3	3	2	1	1	3	3	1	1	2	1	1	1	25

Nominal	Eta	9. Na maior parte do tempo com quem	,839
por		vivem os seus filhos? Dependente	
intervalo		Ambiguidade_Feminina Dependente	,247

		Ambiguidade_Masculina																			
		1,71	1,76	1,81	1,95	2,00	2,10	2,14	2,19	2,29	2,38	2,43	2,48	2,62	2,76	2,95	3,57	3,62	Total		
10. Qual o	1 Presencial	1	2	1	0	0	1	2	0	1	2	0	1	1	0	1	1	0	14		
canal de	2 Telefónico	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	1	0	0	1	5		
comunicação	3 Online	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	2		
mais	6 Nenhum	0	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3		
utilizado com	7	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1		
os filhos?	Advogado/a																				
Total		1	3	1	1	1	2	2	1	2	2	2	2	1	1	1	1	1	25		

Nominal	Eta	10. Qual o canal de comunicação mais	,756
por		utilizado com os filhos? Dependente	
intervalo		Ambiguidade_Masculina Dependente	,463

		Ambiguidade_Feminina			Total
		2,05	2,24	3,00	
10. Qual o canal de comunicação	Presencial	0	1	0	1
mais utilizado com os filhos?	Telefónico	0	0	1	1
	Online	0	1	0	1
	Nenhum	1	0	0	1
Total		1	2	1	4

[illegible]

Total			1	1	1	1	2	2	3	1	1	1	1	1	1	17
Nominal por	Eta	14. Qual o canal de comunicação mais utilizado								,907						
intervalo		com o outro progenitor? Dependente														
		Ambiguidade_Masculina Dependente								,379						